



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB
CURSO DE MESTRADO**

ALLAN DELMIRO BARROS

**APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE LINGUAGEM NA ÁREA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

RECIFE

2017

ALLAN DELMIRO BARROS

**APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE LINGUAGEM NA ÁREA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa
Associado de Pós-graduação em
Educação Física UPE/UFPB como
requisito para obtenção do título
de Mestre.**

Orientação: Prof^a. Dr^a. Livia Tenorio Brasileiro

**Recife
2017**

B277a Barros, Allan Delmiro.
Aproximações conceituais sobre linguagem na área de
Educação Física / Allan Delmiro Barros. - Recife, 2017.
175 f.: il. -

Orientadora: Lívia Tenorio Brasileiro.
Dissertação (Mestrado) – UPE-UFPA

1. Educação Física. 2. Linguagem na Educação Física.
3. Educação Física – práticas pedagógicas. 4. Educação Física
– formação profissional. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 796(043)

PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB
BANCA DE MESTRADO

A dissertação de título: **APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE LINGUAGEM NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovado para obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na área de concentração: CULTURA, EDUCAÇÃO E MOVIMENTO HUMANO.

Autor: Prof. ALLAN DELMIRO BARROS

Orientadora: Prof^a Dr^a Livia Tenorio Brasileiro

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Livia Tenorio Brasileiro – UPE

Prof^a Dr^a Eliana Ayoub – UNICAMP

Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo – UPE

Suplentes:

Prof^a Dr^a Ana Rita Lorenzini – UPE

Prof. Dr. Marcílio de Souza Júnior – UPE

2017

Dedico esta dissertação a TODAS AS PESSOAS que amo e sou grato, pelo estímulo, pela compreensão, mas acima de tudo, pelo calor do amor que aquece minha vida.

AGRADECIMENTOS

O meu sentimento de gratidão à minha orientadora Prof^a Dr^a Livia Tenorio Brasileiro, pelo carinho, compreensão, dedicação e seriedade, contagiantemente dançante e que vem iluminando meu percurso acadêmico desde a graduação.

Agradeço à minha mãe-guerreira, chamada pelos meus amigxs como Tia Luci, que sempre foi e sempre será a fonte de inspiração em minha vida. Mainha, a senhora é o maior amor incondicional (com redundância) que até então eu senti e presenciei... TE AMO!

Eu sou grato pela linda família (de sangue) que faço parte. Amo a todos e muito obrigado por tudo.

Eu sou grato, também, pelas lindas famílias (da vida) que eu “me agreguei”, acolhendo-me com banhos, comidas e dormidas... e que me amam, pois sei que me amam mesmo. Saibam: é imensamente recíproco.

Agradeço com muito carinho ao ETHNÓS, grupo de estudo que eu me apaixonei academicamente. O ETHNÓS me abraçou com calor crítico-superador, instigações epistemológicas e esperança sócio-política-histórico-cultural.

Sincerxs amigxs, vocês são a dádiva que aquece meus dias. Sorrisos e deleites que saboreamos na vida de ontem, de hoje e que certamente haverá muitos sabores nos dias de um novo porvir.

GRATIDÃO!

Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si.

MIKHAIL BAKHTIN

RESUMO

O presente estudo situa-se na linha de pesquisa Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física da área de concentração Cultura, Educação e Movimento Humano do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPA, vinculado ao Grupo ETHNÓS – Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esportes. A partir do reconhecimento de que a educação física está localizada, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 2000), no âmbito das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, problematizamos de que modo se constituiu/constituíram as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física. Apresenta como objetivo geral: analisar as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física. E, em sua especificidade, busca: aproximar as reflexões sobre linguagem e a apropriação que a educação física configurou no percurso histórico através da ciência da linguagem e da filosofia da linguagem; identificar o conceito de linguagem a partir das produções científicas da área de educação física; identificar as correlações conceituais entre linguagem na/com a educação física nos PCNs Ensino Médio – Linguagens, Código e suas Tecnologias/Educação Física e no PCN+ Ensino Médio. De natureza qualitativa, a técnica de pesquisa utilizada é a documentação indireta, através da pesquisa bibliográfica que propiciará, ao pesquisador, alcançar amplo conhecimento do que se pretende estudar, já que ampliará a possibilidade de compilar dados acerca de seu estudo. Para tanto, conjecturamos três sendas que darão o alinhamento propício para a composição da metodologia desta pesquisa, em que: no primeiro percurso, encontram-se as reflexões acerca da Ciência da linguagem e da Filosofia da linguagem, que constituem nosso aporte teórico; no segundo percurso, configura-se o mapeamento teórico que possibilitou a identificação da apropriação do conceito de linguagem nas produções científicas da área de educação física, tanto nos artigos publicados em periódicos quanto nas dissertações e teses da área no Brasil; e, no terceiro percurso, configura-se a leitura analítica preliminar de documentos curriculares nacionais (PCNs) e (PCN+). Após análise do capítulo que trata da ciência e filosofia da linguagem e alinhando-se com as produções mapeadas da área de educação física, foi possível inferir as categorias empíricas que denotam a linguagem não apenas como comunicação, presente na literatura da área, mas que linguagem também é ação, emoção, significações simbólicas, poder, cultura, história, que penetra e está imbuída no Ser do Ser social que influencia e é influenciado pelas compilações características da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem; Educação Física; Ciência da Linguagem; Filosofia da Linguagem.

ABSTRACT

The present study is part of the research line Pedagogical Practice and Professional Training in Physical Education of the area of concentration of Culture, Education and Human Movement of the Associated Program of Physical Education UPE / UFPB, linked to the ETHNÓS Group – Study Group Ethnographic studies in Physical Education and Sports. Based on the recognition that physical education is located, according to the National Curriculum Parameters – PCNs (BRASIL, 2000), in the scope of Languages, Codes and their Technologies, we discuss how the conceptual approximations about language were constituted in the field of physical education. It presents as general objective: to analyze the conceptual approaches on language in the area of physical education. And, in its specificity, it seeks: to approximate the reflections on language and the appropriation that physical education has configured in the historical course through the science of language and the philosophy of language; To identify the concept of language from the scientific productions of the area of physical education; To identify the conceptual correlations between language in/with physical education in PCNs High School – Languages, Code and its Technologies/Physical Education and in PCN+ High School. Of a qualitative nature, the research technique used is indirect documentation, through a bibliographical research that will allow the researcher to reach a broad knowledge of what one intends to study, since it will increase the possibility of compiling data about his study. In order to do so, we conjecture three paths that will give the proper alignment for the composition of the methodology of this research, in which: in the first course, are the reflections on the Science of language and the philosophy of language, which constitute our theoretical contribution; In the second course, the theoretical mapping was made that allowed the identification of the appropriation of the concept of language in the scientific productions of the physical education area, in the articles published in periodicals as well as in the dissertations and theses of the area in Brazil; And, in the third course, the preliminary analytical reading of national curricular documents (PCNs) and (PCN+) is configured. After analyzing the chapter dealing with science and philosophy of language and aligning with the mapped productions of the area of physical education, it was possible to infer empirical categories that denote language not only as communication, present in the literature of the area, but which language It is also action, emotion, symbolic meanings, power, culture, history, which penetrates and is imbued in the Being of the social Being that influences and is influenced by the characteristic compilations of language.

Keywords: Language; Physical Education; Science of Language; Philosophy of Language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Mapeamento dos Artigos dos Periódicos da área de Educação Física.....	p. 23
Tabela 02	Mapeamento das Teses e Dissertações da área de Educação Física.....	p. 27
Tabela 03	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Motriz.....	p. 79
Tabela 04	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Movimento.....	p. 84
Tabela 05	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da RBCE.....	p. 91
Tabela 06	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da Motricidade.....	p. 97
Tabela 07	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Motrivivência.....	p. 99
Tabela 08	Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Pensar a Prática.....	p. 103
Tabela 09	Programas de Pós-graduação inseridos na pesquisa.....	p. 113
Tabela 10	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UNIMEP.....	p. 115
Tabela 11	Classificação/Categoria Empírica – PGCMH/UFRGS.....	p. 115
Tabela 12	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UFES.....	p. 116
Tabela 13	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UFSC.....	p. 117
Tabela 14	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UFRN.....	p. 118
Tabela 15	Classificação/Categoria Empírica – PGCM/UNESP/RC.....	p. 119
Tabela 16	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UNB.....	p. 120
Tabela 17	Classificação/Categoria Empírica – PGEF/UNICAMP.....	p. 122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Relação: Artigo e Descritores.....	p. 109
Gráfico 02	Relação: Artigos e Categorias Empíricas.....	p. 111
Gráfico 03	Relação: Teses e Dissertações e Descritores.....	p. 126
Gráfico 04	Relação: Teses e Dissertações e Categorias Empíricas.....	p. 127

LISTA DE QUADRO

Quadro 01	Quadro Categorical Demonstrativo.....	p. 30
-----------	---------------------------------------	-------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIREME	CENTRO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
BR	BRASIL
CAAE	CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO PARA APRECIÇÃO ÉTICA
CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR
CNE	CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CNPq	CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
DCNS	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS
EM	ENSINO MÉDIO
ESEF	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ETHNÓS	GRUPO DE PESQUISA DE ESTUDOS ETNOGRÁFICOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
FAPESP	FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO
GREs	GERÊNCIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO
IC	INICIAÇÃO CIENTÍFICA
LDBEN	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
OTMs	ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS
PAPGEF	PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB	UPE/UFPB
PCNs	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
PCN+	ORIENTAÇÕES COMPLEMENTARES AOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
PE	PERNAMBUCO
PIBIC	PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PNE	PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
PROF(A)	PROFESSOR(A)
QUANT.	QUANTIDADE
RBCE	REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE
SEDUC/PE	SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO
SciELO	SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE
UFES	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
UFPB	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UFRGS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UFRN	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
UNB	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNESP/RC	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA/ CÂMPUS DE RIO CLARO
UNICAMP	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNIMEP	UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
UPE	UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SUMÁRIO

CENÁRIO DA PESQUISA	13
CAPÍTULO 1	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
1.1 Aporte Teórico: Ciência da Linguagem e Filosofia da Linguagem	19
1.2 Mapeamento das Produções Acadêmicas	21
1.3 Análise Preliminar dos Parâmetros Curriculares	31
CAPÍTULO 2	
DOIS RAMOS DA LINGUAGEM: A CIÊNCIA E A FILOSOFIA	33
2.1 Ciência da Linguagem	33
2.1.2 Breve contexto histórico da linguagem: “o princípio”	33
2.1.2 Breve contexto histórico da linguagem: a língua	36
2.2 Filosofia da Linguagem	45
2.2.1 Aproximações Conceituais: principais referências	46
CAPÍTULO 3	
PRODUÇÃO SOBRE LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA	79
3.1 Linguagem – Produção na Educação Física: artigos científicos	79
3.2 Linguagem – Produção na Educação Física: dissertações e teses ...	113
3.3 Dialogando com a produção da Educação Física	129
CAPÍTULO 4	
ANÁLISE PRELIMINAR DE DOCUMENTOS CURRICULARES	144
CONSIDERAÇÕES (A)FINAIS	152
REFERÊNCIAS	157

CENÁRIO DA PESQUISA

O presente estudo situa-se na linha de pesquisa Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física, que faz parte da área de concentração Cultura, Educação e Movimento Humano do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, buscando se inserir nos estudos sobre a inserção da educação física na área da linguagem e, nesse contexto, aproximando-se das ações do grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esportes – ETHNÓS da Escola Superior de Educação Física ESEF/UPE.

Reconhecendo que a educação física está localizada, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs¹ do Ensino Médio, no âmbito da: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a pesquisa, aqui apresentada, problematiza como se constituíram as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física.

Até chegar ao problema supracitado foram aproximadamente três anos de pesquisas advindas de uma continuidade do estudo no formato de monografia, desenvolvida e apresentada no trabalho de conclusão da Graduação em Educação Física – Licenciatura da Escola Superior de Educação Física – ESEF da UPE, tendo como tema: Linguagem e Educação Física: uma aproximação conceitual (BARROS, 2014).

Para tal, aproximamo-nos dessas discussões por compreender que o termo linguagem está presente no objeto de estudo da educação física, tendo como objetivo: analisar as discussões sobre linguagem, oriundas da educação física, tomando como referência a obra Metodologia do Ensino da Educação Física. Após

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, documento de natureza indicativa e interpretativa, que propõem a interatividade, o diálogo, a construção de significados na, pela e com a linguagem. Tem como finalidade delimitar a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias para os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Informática, dentro da proposta para o Ensino Médio, cuja diretriz está registrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 e no Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 15/98. As diretrizes têm como referência a expectativa de criar uma escola média com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para um mundo contemporâneo (BRASIL, 2000).

a leitura analítica da obra de referência Metodologia do Ensino da Educação Física – Coletivo de Autores (2013)², identificamos que esta apresentou como objeto de estudo da área de educação física a categoria *cultura corporal* apontando as manifestações da “[...] expressão corporal como linguagem social e historicamente construída” (COLETIVO DE AUTORES, 2013, p. 20).

Neste sentido, nossa intenção é dar continuidade à nossa investigação sobre como se configura o panorama da educação física e a correlação com a linguagem, pois entendemos que “[...] a postura da linguagem, frente ao seu fator interlocutivo, configura uma percepção que ultrapassa a mera ação comunicativa direta” (BARROS, 2014, p. 21). Se documentos orientadores nacionais, a exemplo dos PCNs e da recente, e em discussão, Base Nacional Comum Curricular – BNCC³, direcionam a localização da educação física como componente curricular

² O livro Metodologia do Ensino de Educação Física, do Coletivo de Autores, é referência na área de educação física escolar. A primeira edição/impressão está datada de 1992, com diversas reimpressões no transcorrer dos anos, e em 2012 a editora Cortez lança a segunda edição ampliada. Contudo, a edição mencionada nesta pesquisa é a primeira edição eletrônica (e-PUB), datada de 2013. Na apresentação à 2ª edição ampliada está registrado no livro o reconhecimento ao ETHNÓS pelo percurso de pesquisas alinhadas à obra do Coletivo de Autores. No percurso do 15º momento de existência da obra do Coletivo de Autores, foi o Ethnós que desenvolveu uma pesquisa colhendo depoimentos dos autores do livro Metodologia do Ensino de Educação Física, culminando na integração e revitalização da 2ª edição ampliada, em que, ao final da obra, há um novo capítulo com relatos dos autores que em 1992 idealizavam possibilidades de caminhos para a educação física e a relação com o contexto histórico-social.

³ No portal do Ministério da Educação foi apresentada em setembro de 2015 a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, apontando que se espera que a BNCC “se torne um instrumento de gestão que ofereça subsídios para a formulação e a reformulação das propostas curriculares dos sistemas de ensino dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, em diálogo com as diferenças presentes na escola e com as especificidades que caracterizam o contexto educacional brasileiro. A necessidade de criação de uma Base Nacional Comum aparece na nossa Constituição Federal, de 1988, no Art. 210. Anos depois, ela também é prescrita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu artigo 26. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) é que a Base é efetivamente detalhada. E é a partir das DCNs que todo o processo atual de construção da BNC se inspira e se organiza. Mais recentemente a necessidade da BNC foi evidenciada ainda em outros documentos significativos para a Educação, frutos de discussões de todos os setores da sociedade. Ela está indicada nas Conferências Nacionais de Educação e também no Plano Nacional de Educação (PNE). O PNE estabelece, em diversas estratégias, a construção de uma proposta de Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, coordenada pelo MEC. Registra-se que no momento a BNCC está na escrita da versão final, após alteração da equipe de especialistas no atual governo. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 23/02/2017.

da área da linguagem, logo, compreender como a educação física se apropria deste conceito ou se insere no campo da linguagem passa a ser nosso objeto.

Assim, investimos nas leituras que versam sobre Ciência da Linguagem e Filosofia da Linguagem no intento de compreender as aproximações conceituais existentes sobre linguagem. Neste estudo, também foi realizada uma leitura preliminar dos PCNs (BRASIL, 2000) e dos PCN+ Orientações complementares aos Parâmetros Curriculares (2002) no fito de identificar as correlações entre linguagem na/com a educação física. Houve, ainda, o mapeamento de como se configuram as produções acadêmicas (artigos científicos, dissertações e teses), acerca da linguagem, com a intenção de entender a apropriação da área de educação física sobre o termo. A partir dos estudos iniciais identificamos a importância da linguagem como mediadora fundante das ações/compilações sociais. Mas, ainda identificamos que há lacunas a serem preenchidas e limites a serem superados.

Sob esta ótica, o presente estudo se propõe a ampliar suas reflexões sobre linguagem procurando compreender sua apropriação pela educação física e, como se configurou no percurso histórico através de dois ramos do conhecimento da linguagem: a Ciência da Linguagem e a Filosofia da Linguagem. Sendo apresentado como problema: de que modo se constituíram (ou se constituem) as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física?

Barros (2014, p. 22) expõe que “[...] a linguagem transporta conteúdo vivo, repleto de sentidos e significados [...], fazendo com que a realidade se torne mais clara pelo grande fato de abrir novos horizontes”. A apropriação da linguagem perpassa pela compreensão de fatores intrinsecamente subjacentes na comunicação, pois os

[...] gestos e os movimentos fazem parte dos recursos de comunicação que o ser humano utiliza para expressar suas emoções e sua personalidade, comunicar atitudes interpessoalmente e transmitir informações. [...] A linguagem ainda é entendida como um conjunto de códigos que podem ser transmitidos e compreendidos através da fala, da escrita, da leitura, da arte e do corpo (MATTHIESEN et. al., 2008, p. 131).

Compreende-se que a linguagem é compilada nas/pelas relações sociais, bem como, também, “[...] é determinada pelas condições sociais” (FIORIN, 1988, p. 8), e são pelo meio de tais condições sociais que, historicamente, configuram-se os códigos que irão operar na comunicação dialógica na/da sociedade que a constitui. Nesta pesquisa, linguagem é compreendida inicialmente como “[...] um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para comunicação entre pessoas e para expressão de ideias, valores e sentimentos” (CHAUÍ, 2010, p. 189).

A literatura é unânime em asseverar que existem diversas linguagens (AUROUX, 1998; CHOMSKY, 1980; COPI, 1978; FIORIN, 1988; LYONS, 1987; PINKER, 2004; ROSENSTOCK-HUESSY, 2002). A relação que se fez com a linguagem, na área de educação física, foi a de linguagem como expressão corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 41). O Coletivo de Autores (2013) reconhece a necessidade de aprofundamento acerca da linguagem na área de educação física, mas não o fez, apesar de toda a

[...] obra está coligida de informações relativas à Linguagem, contudo não explorou de maneira mais densa tal categoria que se mostra grandiosa em sua adaptabilidade para solucionar a compreensão das lacunas existentes à categoria Cultura Corporal, pois sendo as práticas corporais o cerne para se ressignificar as ações expostas pelo ser humano, elas agregarão valores e significações em diálogos com outros corpos e com a sociedade (BARROS, 2014, p. 17-18).

Documentos como os PCN+ configuram, para a área de educação física, a linguagem corporal como sendo um dos conceitos estruturantes do eixo Representação e Comunicação. Propõem que a “[...] aquisição do conceito de linguagem corporal – cujo ensino é atribuição da nossa disciplina – é, portanto, condição para que o aluno compreenda e contextualize a comunicação humana” (BRASIL, 2002, p. 141).

Contudo, mesmo com a temporalidade em mais de quinze anos da presença da área de educação física localizada como linguagem, a literatura não avançou em pesquisas que pudessem compor um aporte teórico, que configurasse uma relação entre linguagem e educação física, de modo epistemológico consistente. A comprovação de tal declaração é o fato dos

resultados do mapeamento das produções acadêmicas, da área de educação física, que foi um dos percursos dessa pesquisa, o que possibilitou explicar os baixos resultados quantitativos de pesquisas que articulassem educação física e linguagem. Destarte, este estudo é justificável pelo fato da existência desta lacuna teórica acerca da relação entre linguagem e educação física.

Desta forma, a pesquisa objetiva analisar como se constituíram as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física. E, em sua especificidade busca: aproximar as reflexões sobre linguagem e a apropriação que a educação física configurou no percurso histórico através da Ciência da Linguagem e da Filosofia da Linguagem; identificar o conceito de linguagem a partir das produções científicas da área de educação física; identificar as correlações conceituais entre linguagem na/com a educação física em documentos curriculares nacionais.

O estudo é apresentado em quatro capítulos. No capítulo 1, estarão os procedimentos metodológicos, perpassando nos capítulos seguintes: o aporte teórico; os mapeamentos das produções acadêmicas da área de educação física; e os parâmetros curriculares.

No capítulo 2, a pesquisa adentra nos dois grandes ramos da Linguagem: Ciência da Linguagem, na configuração de seu percurso histórico; e na Filosofia da Linguagem, através de aproximações conceituais que a tradição filosófica considera os principais filósofos e pensadores que abordaram em seus estudos sobre a Linguagem.

O capítulo 3 apresenta o mapeamento acerca das produções acadêmicas (artigos científicos, dissertações e teses) de educação física que tratam da linguagem no Brasil. Enquanto que o capítulo 4 é referente à análise preliminar dos parâmetros curriculares nacionais em que houve a inserção da educação física no âmbito da linguagem.

CAPÍTULO I

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2008, p. 12) relaciona-se com o

[...] imbricamento entre conhecimento e interesse, entre condições históricas e avanço das ciências, entre identidade do pesquisador e seu objeto, e a necessidade indiscutível da crítica interna e externa na objetivação do saber.

A técnica de pesquisa utilizada foi de documentação indireta, que consiste no “[...] levantamento de dados de variadas fontes” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174). Essa técnica contribui no sentido de facilitar ao pesquisador o fato de que, ao fazer tal levantamento, não dá margem para equívocos no sentido de se ter informações pertinentes acerca do que se pesquisa.

Contudo, o que interessa ao presente estudo é, através da documentação indireta, caminhar pela pesquisa bibliográfica, tendo como referência que a

[...] pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

A pesquisa bibliográfica propiciará, ao pesquisador, alcançar amplo conhecimento do que se pretende estudar, já que ampliará a possibilidade de compilar um maior número de dados acerca de seu estudo. Obtendo-se dados relacionados ao cerne da pesquisa, torna-se maior a probabilidade de ofertar caminhos “[...] para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (MANZO, 1971, p. 32). E é nesse contexto que o presente estudo se debruça, pois, reconhece que as pesquisas acerca da relação entre linguagem

e educação física ainda permanecem com contornos e conteúdos a serem aprofundados.

Para tanto, conjecturamos três sendas que darão o alinhamento metodológico propício para a composição desta pesquisa, em que: no primeiro percurso, encontram-se as reflexões acerca da Ciência da Linguagem e da Filosofia da Linguagem que farão parte do nosso aporte teórico, no intento de correlacionar tanto às produções acadêmicas quanto os documentos curriculares de educação física; no segundo percurso, configura-se o mapeamento teórico que possibilitou a identificação da apropriação do conceito de linguagem nas produções científicas da área de educação física, tanto nos artigos oriundos de periódicos científicos quanto nas dissertações e teses da área no Brasil; e, no terceiro percurso, configura-se a leitura analítica de documentos curriculares nacionais.

A seguir apresentamos as sendas da pesquisa.

1.1 APORTE TEÓRICO: Ciência da Linguagem e Filosofia da Linguagem

A linguagem é fonte de curiosidade desde as primevas investidas no oriente pelos hindus, passando pela filosofia ocidental da antiguidade grega, até os dias atuais. A utilização da linguagem sempre aconteceu de modo subjacente à própria vivência em sociedade, independente do grau de conhecimento por parte do ser humano. Mas, para a simples indagação de *o que é linguagem*, não se obtém um resultado tão simples. Todavia, nos meandros históricos acerca da linguagem, mais importa saber e compreender *é como a linguagem está posta* em face de distintas perspectivas.

Porém, precisamos saber de onde iremos partir, ou tomar como referência, o entendimento epistemológico acerca da linguagem, visto que há dois ramos clássicos do conhecimento que tratam do seio da linguagem, a saber: a Filosofia da Linguagem, bem como a Ciência da Linguagem⁴.

⁴ Neste contexto, não será utilizado o termo *Ciências da Linguagem* (no plural, o que denota não apenas a Linguística, mas outras áreas do conhecimento, a exemplo da Filologia, Estilística,

A Filosofia da Linguagem é o ramo do conhecimento que agrega a “[...] investigação filosófica que vai desde investigações acerca da linguagem propriamente dita até investigações filosóficas em geral que utilizam a análise da linguagem como ferramenta” (RODRIGUES FILHO, 2009, p. 2). Já a Ciência da Linguagem define-se como sendo o ramo do conhecimento que intenciona compor possibilidades teóricas à finalidade de propiciar afirmação hipotética que possa explicar as informações derivadas do objeto de estudo da Linguística, ou seja, a fala (FIORIN, 2003).

Na seara da Filosofia da Linguagem, o doutor em filosofia pela Universidade de St. Andrews, Danilo Marcondes, expõe em sua obra: *Textos Básicos de Linguagem: de Platão a Foucault*, que

Há dois grandes conjuntos de problemas em torno dos quais se desenvolve a discussão filosófica e teórica em geral sobre a linguagem. O primeiro diz respeito à relação entre *linguagem e a mente, ou o pensamento*. [...] O segundo conjunto de problemas consiste em considerar a linguagem enquanto usada na *comunicação* (MARCONDES, 2010, p. 9-10).

Na relação entre linguagem e pensamento, o centro das atenções será o *sujeito linguístico*, entendendo que o ser humano é o único animal capaz de produzir linguagem e que o pensamento se proclama através da linguagem. E, na compreensão da linguagem como modo de comunicação, o ponto-chave será a atuação da linguagem direcionada para/na comunicação e sua interação social.

Já no entendimento oriundo da seara da Ciência da Linguagem, a professora doutora em linguística Edileusa Gimenes Moralis expõe que são três concepções de linguagem presentes: a linguagem como expressão do pensamento; a linguagem como instrumento de comunicação; a linguagem como forma ou processo de interação social (MORALIS, 2014).

Então, face ao contexto supracitado, no capítulo 2 será exposta a reflexão acerca da Ciência da Linguagem, bem como da Filosofia da Linguagem, para que se possa dialogar com o capítulo 3, no qual é apresentado o mapeamento das produções acadêmicas: artigos científicos, dissertações e teses; e compreender a

Morfologia, Diacronia, dentre outras que não se faz pertinente ao nosso intuito de pesquisa), mas será utilizado o termo *Ciência da Linguagem* (no singular) em menção à Linguística.

configuração dos documentos curriculares - Parâmetros, e a relação da linguagem e educação física, expostos no capítulo 4.

1.2 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS: Artigos Científicos, Dissertações e Tese

Para compreender a área de educação física no que diz respeito à sua configuração que envolve a linguagem, precisávamos ter um estudo sobre o que já se tem produzido sobre linguagem no contexto da educação física. Para tal desenvolvemos um mapeamento por meio de uma revisão sistemática, que de acordo com Gomes e Caminha (2014, p. 397)

[...] a revisão sistemática (ou síntese criteriosa) [é] como opção para não apenas acastelar informações, mas acompanhar o curso científico de um período específico, chegando ao seu ápice na descoberta de lacunas e direcionamentos viáveis para a elucidação de temas pertinentes.

De abordagem qualitativa, o marco cronológico inicial o ano de 2000 até 2015, na intenção de apresentarmos os dados atuais, a partir da identificação da apropriação do conceito de linguagem nas produções científicas da área de educação física. Tomamos o ano de 2000 como base inicial por reconhecer a inserção da educação física na área da Linguagem pelos PCNs (BRASIL, 2000) e, assim sendo, certamente o aparecimento de produções acerca da temática.

Tal processo foi desenvolvido com a participação de dois estudantes da graduação - Licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco, incluídos como bolsistas de Iniciação Científica, através do EDITAL PIBIC – IC/UPE/CNPq– 2015/2016⁵, vinculados ao ETHNÓS.

⁵ Edital desenvolvido pela UPE através da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, que tem como objetivos: promover o interesse pela pesquisa no campo da Ciência e Tecnologia, despertando a vocação científica e incentivando talentos entre estudantes de graduação, mediante sua participação em projetos de pesquisa que introduzam o jovem universitário no domínio do método científico, em todas as suas etapas; qualificar quadros para os programas de pós-graduação e aprimorar o processo formativo de profissionais, tanto técnico-científico quanto do ponto de vista ético-humanista, comprometidos com o desenvolvimento socioeconômico da região; estimular pesquisadores produtivos a engajarem estudantes de graduação no processo de investigação científica, consolidando grupos e linhas de pesquisa e incrementando a relação entre

Realizamos duas frentes de pesquisa documental, um IC em cada, juntamente com o pesquisador principal. Tal pesquisa teve como objetivo identificar a apropriação do conceito de linguagem nas produções científicas da educação física, tendo como fonte dois grupos: 1º) artigos científicos da educação física que possuíam *Qualis* Capes entre A1, A2, B1 e B2, por serem esses os estratos mais elevados da *WebQualis*; 2º) Dissertações e Teses oriundas de programas de pós-graduação em educação física no Brasil.

Os critérios de inclusão foram: ser produções em português ou versão disponível em português; disponível gratuitamente em versão digital; disponível versão completa do artigo, dissertação ou tese; ter um dos descritores como palavra-chave; abordar o conceito de linguagem. Como critérios de exclusão: não estar disponível em formato digital, arquivo corrompido e apenas o resumo em português.

Para o processo de seleção dos artigos usamos os descritores ou palavras-chave (Linguagem; Expressão Corporal; Linguagem Corporal; Linguagem AND Educação Física; Expressão Corporal AND Educação Física; Comunicação Corporal AND Educação Física; Educação Física AND Corp*⁶).

A coleta dos dados dos artigos seguiu o percurso de busca *on line*, iniciado a partir dos *sites* dos periódicos e/ou na biblioteca eletrônica da coleção de periódicos da SciELO – *Scientific Electronic Library Online*⁷ de estrato A1, mas nenhum artigo foi incluído, pois um dos critérios para entrada de artigos seria estar disponível em português, e todos os periódicos do extrato A1 estão em outro idioma, privilegiadamente o inglês.

a Pós-Graduação e a Graduação; contribuir para tornar a UPE um Centro de Excelência na produção do conhecimento científico (UPE, 2015).

⁶ Na revisão sistemática é recorrente a utilização de radicais de palavras seguidos pelo símbolo do asterisco para ampliar a possibilidade de coleta de potenciais descritores pertinentes à pesquisa.

⁷ A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O Projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico.

A pesquisa continuou pelos estratos A2, B1 e B2, onde o mapeamento abrangeu o total de 4205 artigos pesquisados, dos quais, 3699 não continham os descritores ou palavras-chave que foram estabelecidos para o alinhamento da pesquisa, resultando 506 artigos que entraram na pesquisa por justamente conter os descritores ou palavras-chave. Contudo, após o refinamento, feito pelo pesquisador principal, 454 artigos foram excluídos, pois, apesar de conter as palavras-chave e estarem presentes os descritores que delimitamos para a inclusão na pesquisa, o artigo não trazia o conceito de linguagem, ou direcionava o conteúdo para a dimensão apenas biológica, a exemplo do artigo: *Os ácidos graxos do leite materno e sua importância no desenvolvimento da linguagem em crianças prematuras*, da Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, que traz como uma das palavras-chave o termo *linguagem*, mas tem por objetivo estudar como a composição dos ácidos graxos presentes no leite materno estão associados com o desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor.

No percurso de coleta houve algumas dificuldades, dentre elas o não acesso ao material completo da revista Motriz, através da SciELO, necessitando a ida ao próprio site da revista. Outro percalço foi encontrar artigos que não são propriamente da área de Educação Física, a exemplo do supracitado.

Finalizamos este mapeamento com 52 artigos, sendo os mesmos distribuídos conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Mapeamento dos Artigos Científicos da Educação Física

EXTRATO	REVISTA	ARTIGOS	DESCRITORES PALAVRAS-CHAVE	QUANT.
A1	---	---	---	00
A2	Motriz	Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. Gênero, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa.	Educação Física AND corp*	03
A2	Motriz	Educação Física e Linguagem: Algumas Considerações Iniciais. Educação Física como Linguagem.	Linguagem	03

		Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.		
A2	Motriz	A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop.	Linguagem corporal	01
A2	Motriz	O corpo fala?	Expressão corporal	01
A2	Movimento	Feminilidades e masculinidades na cena contemporânea: análise do espetáculo caminho da seda – Raça Cia. de Dança de São Paulo.	Educação Física AND corp*	07
		Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião.		
		Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na educação infantil.		
		Voga esportiva e artimanhas do corpo.		
		Corpo, dança e criação: conceitos em movimento.		
		O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual.		
		O corpo simplesmente corpo.		
A2	Movimento	A comunicação corporal no jogo de goalball.	Linguagem	02
		Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em educação física.		
A2	Movimento	Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais.	Expressão corporal	01
B1	RBCE	Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o próprio corpo.	Educação Física AND corp*	14
		A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a educação física.		
		Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino.		
		Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados.		
		O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil.		
		O que podemos aprender com as crianças indígenas? Aproximações da antropologia da criança às noções de infância, cultura e movimento na		

		educação física.		
		Coletivo de autores: a cultura corporal em questão.		
		A (ciber)cultura corporal no contexto da rede: uma leitura sobre os jogos eletrônicos do século XXI.		
		Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética.		
		A educação física em jogo: práticas corporais, expressão e arte.		
		Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte.		
		A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino.		
		Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento.		
		O corpo enquanto objeto de consumo.		
B1	RBCE	Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física...	Linguagem corporal	01
B1	RBCE	A poética dos gestos dos jogadores.	Linguagem	01
B1	Motricidade	Técnica e expressividade: Análise fenomenológica do corpo na dança.	Educação Física AND Corp*	01
B2	Motrivivência	Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador.	Comunicação corporal	01
B2	Motrivivência	Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações. O objeto de estudo da educação física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento.	Educação física AND corp*	02
B2	Motrivivência	Educação física na educação infantil: refletindo sobre a "hora da educação física".	Expressão corporal	01
B2	Motrivivência	Linguagem, intersubjetividade e movimento humano.	Linguagem	01
B2	Pensar a	"Isso é aula de educação	Educação física AND	11

	Prática	física?" Práticas corporais na escola.	corp*	
		Corpo, beleza e cultura: reflexões a partir da produção científica da educação física.		
		A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola.		
		O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural.		
		Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura.		
		A ressignificação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade.		
		Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar corpo na educação física.		
		Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT.		
		Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi.		
		A prática pedagógica do professor de educação física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários.		
		A educação física na escolarização da pequena infância.		
B2	Pensar a Prática	Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas.	Linguagem corporal	01
			TOTAL	52

Para a coleta dos dados das teses e dissertações também recorreremos a busca *on line*, através do acesso aos *sites* dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da área de educação física no Brasil, visto que o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) em seu Banco de Teses estava com busca limitada durante o período de coleta.

No percurso de coleta os primeiros dias foram os de maior dificuldade, quando da localização do banco de dados das dissertações e teses nos sites das

Instituições de Ensino Superior - IES, a exemplo da: UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira, que disponibiliza em seu site as informações das dissertações, mas não disponibiliza links ou acessos para tais produções⁸.

A maior dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa foi a indisponibilidade do uso do banco de dados de algumas IES, que só podiam ser acessadas por discentes ou docentes vinculados à instituição ou não disponibilizavam as produções. Outra dificuldade foi de encontrar trabalhos incompletos, muitos tinham apenas resumos que nem eram encontrados no banco de dados, mas em alguns sites de trabalhos científicos.

Durante o processo organizamos os dados em tabelas, selecionando e separando todas as informações encontradas nos sites, totalizando 3543 produções. Destas apenas 16 produções de pós-graduação, 15 dissertações e 1 tese atenderam aos critérios do mapeamento, sendo as mesmas distribuídas conforme tabela abaixo.

Tabela 2 – Mapeamento das Teses e Dissertações da Educação Física

UNIVERSIDADE/ FACULDADE	TIPO DE PRODUÇÃO	TÍTULO	DESCRITORES PALAVRAS- CHAVE	QUANT.
UNIMEP	Dissertação	Retratos da vida: dança e laser como instrumentos de inserção social para a juventude.	Educação Física AND Corp*	01
UFRGS	Dissertação	O jogo teatral como perspectiva de desenvolvimento da expressividade e do autoconhecimento de jovens e adultos.	Expressão Corporal	01
UFRGS	Dissertação	A ginástica rítmica na corporeidade dos acadêmicos de educação física: relações entre o pensar, falar e agir com o corpo.	Linguagem corporal	01
UFES	Dissertação	As práticas corporais nas comunidades Quilombolas: significados das manifestações culturais na Escola de Monte Alegre.	Educação Física AND corp*	01
UFSC	Dissertação	Linguagem, intersubjetividade e movimento humano.	Linguagem	01

⁸ Acesso: <http://v3.universo.edu.br/mestrados/caf/dissertacoes.asp>

UFRN	Dissertação	O Corpo do grupo corpo: os movimentos das obras Benguelê, Lecuona e Onqotô.	Educação Física AND corp*	02
		Corpo e aprendizagem em Boris Cyrulnik e em Merleau-Ponty.		
UNESP/RC	Dissertação	Linguagem e suas Possibilidades na Educação Física Escolar.	Linguagem	01
UNB	Dissertação	Representações sociais de corpos femininos: a perspectiva de crianças.	Educação Física AND corp*	03
		"Vivo ou Morto?": o corpo na escola sob olhares de crianças.		
		Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças.		
UNICAMP	Tese	Mediação de sentidos: aulas compartilhadas no Brasil e em Portugal junto a estudantes de Educação Física.	Linguagem	01
UNICAMP	Dissertação	O diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física.	Educação Física AND corp*	02
		Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica.		
UNICAMP	Dissertação	Pés no chão e a dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento.	Expressão Corporal	02
		Congada, corpo e cultura na 125ª festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário.		
			TOTAL	16

O tratamento dos dados recorreu à análise de conteúdo do tipo categorial por temática, tendo como referência os estudos de Minayo (1998) e Bardin (2011). A análise de conteúdo versa sobre uma técnica para análise de dados, derivados de mensagens escritas ou transcritas e, segundo Bardin (2011, p. 9) vem a ser um conjugado “[...] de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”, e funciona através do isolamento da composição textual em unidades e categorias, para a concepção dos agrupamentos temáticos em correlações aos descritores ou palavras-chave.

Faz parte da análise temática “[...] descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2011, p. 105), apontando os descritores ou palavras-chave nos documentos pesquisados, compilando um quadro teórico para análise o que propicia um aprofundamento de modo mais consubstanciado das informações.

Quando se demarcam as categorias analíticas (em descritores ou palavras-chave) manifestam os alicerces contributivos que a reflexão conceitual proporciona, tanto quando se versa com a literatura, ou quando se faz presente no contato com os dados de campo (SOUZA JÚNIOR; MELO; SANTIAGO, 2010), e assim, as categorias geradas servirão como eixos nessa pesquisa.

Face ao exposto, ainda sob a batuta de Bardin (2011), organizamos os indicadores para análise de conteúdo que foram guiados pelas categorias empíricas e as respectivas unidades de contextos e de registro. Segundo Bardin (2011, p. 137), entendendo que

[...] a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro.

As unidades de registro contêm acepções compiladas em códigos e análogas à fração de conteúdo, estimando como unidade base, promovendo a categorização para que se possa analisar o teor da mensagem via desmembramento do conjunto textual, alinhadas às unidades de contexto e suas concernentes unidades de registro, equivalendo-se a esta última, a derivação dos recortes e descobertas retiradas dos documentos que foram perscrutados.

Na presente pesquisa, a categoria analítica é *LINGUAGEM E EDUCAÇÃO FÍSICA*, como sendo alicerce (e ponto de partida) para todo o estudo. As categorias empíricas surgiram alinhadas à categoria analítica e após aprofundamento das leituras acerca da Ciência da Linguagem e Filosofia da Linguagem como marco teórico da presente pesquisa, bem como a perscrutação das produções da área de educação física (artigos, dissertações e teses) presente no mapeamento desta pesquisa, e que possibilitou congregação de compreensões e

termos oriundos dos principais filósofos e pensadores da história da humanidade que imensamente contribuíram para se pensar a linguagem não apenas como comunicação, mas também refletir a linguagem como ação, emoção, poder, símbolo, cultura, história e essência do ser. As categorias empíricas são: *LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA E REALIDADE*; *LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDOS E SIGNIFICADOS*; *LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO*; *LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO*; *LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO*; *LINGUAGEM-CORPO COMO PODER*; *LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER*.

Para esta análise construímos inicialmente o quadro categorial abaixo:

Quadro 01 – Quadro Categorial Demonstrativo⁹

NOME DA REVISTA OU INSTITUIÇÃO DE PG					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS TESE/ DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE					
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO					
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO					
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO					
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO					
LINGUAGEM-CORPO COMO PODER					
LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER					

E para tal quadro têm-se: as categorias empíricas localizadas na *Classificação/Categoria Empírica*; já na *Unidade de Contexto* irá se referir à compreensão acerca das categorias empíricas para se chegar à codificação das unidades de registro; na localização *Artigo ou Tese/Dissertações* estarão os títulos dos artigos, tese e dissertações que correspondem conceitualmente às categorias

⁹ No Capítulo 4 será utilizado esse Quadro Categorial Demonstrativo para compor as devidas informações em tabelas.

empíricas; em *Autoria* serão postos os nomes dos pesquisadores responsáveis pelas produções; em *Unidade de Registro*, serão termos extraídos do texto dos artigos, da tese e dissertações equivalentes à unidade basilar remetente à conceituação das categorias empíricas; em *Total*, observar que na seção dos artigos o *Total* é referente à quantidade de artigos em uma determinada categoria, enquanto que na seção das dissertações e tese o *Total* é referente à quantidade de produções (que se alinham com a presente pesquisa) por Instituição de Ensino Superior/Universidades.

1.3 ANÁLISE PRELIMINAR DOS PARÂMETROS CURRICULARES

Essa etapa da pesquisa se configura na leitura analítica preliminar dos Parâmetros Curriculares de Educação Física, que são um conjunto de documentos que servem de suporte aos professores para sua prática pedagógica. Tendo como objetivo identificar as relações entre linguagem na/com a educação física nos PCNs - Linguagens, Código e suas Tecnologias/Educação Física (BRASIL, 2000), PCN+ (BRASIL, 2002).

Para tal, foram delimitados os documentos que tratam do Ensino Médio (EM), visto que nos PCNs - EM há a classificação das áreas de conhecimento na qual a Educação Física integra o campo de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias; nos PCN+, em que o intento é de compreender “[...] como os conceitos estruturantes da área perpassam a disciplina, comentando a relação de tais conceitos com as competências gerais da Educação Física e sua interseção com as demais disciplinas da área” e com a linguagem (BRASIL, 2002, p. 139).

A partir desta delimitação analisamos os seguintes documentos:

- Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, documento que aborda a conceituação acerca da linguagem corporal como sendo um dos preceitos inerentes à educação física;
- PCN+, Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Esperamos que com esse conjunto de procedimentos possamos cercar nosso objeto de forma que seja possível realizar uma análise mais ampla do mesmo.

CAPÍTULO 2

DOIS RAMOS DA LINGUAGEM: A CIÊNCIA E A FILOSOFIA

Esse capítulo versará acerca da reflexão sobre Ciência da Linguagem e Filosofia da Linguagem, na busca de explicitar os percursos de discussão sobre linguagem tomando como referência os estudos no campo da filosofia e da ciência. A opção por este percurso implica em reconhecer seus principais percursos e os principais conceitos apresentados, no sentido de elucidar uma possível compreensão para os estudos sobre linguagem em diálogo com a educação física.

2.1 CIÊNCIA DA LINGUAGEM

Este subcapítulo mergulhará na obra: *Uma Breve História da Linguagem*, de Steven Fischer, na intenção de compreender a conjuntura histórica pertinente à linguagem na relação homem e sociedade.

2.1.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LINGUAGEM: “o princípio”

Não há como precisar o princípio da linguagem, porém, a configuração do que podemos chamar atualmente de linguagem remonta à evolução de centenas de milhares de anos e só nos tempos mais próximos é que aparece a conceituação, e suas diversas nuances, para a palavra linguagem, que é “[...] um conceito essencialmente antropomórfico, aparece numa forma em que seres humanos modernos conseguem identificá-la como tal e entendê-la melhor” (FISCHER, 2009, p. 8).

Antes da existência de seres humanos, na verdade, muito antes de sequer haver algum tipo de existência animal, havia organismos vivos que propiciaram

meios rudimentares para sua sobrevivência e, como tal, desenvolveram maneiras para trocas de elementos informativos no intuito de garantir a resistência de sua espécie no mundo. Mas, a

[...] transmissão ocorria através do que então consistia o meio mais sofisticado da natureza: a comunicação química. Os milhões de anos da necessidade contínua de se entrar em contato com outra criatura da mesma espécie para fins reprodutivos exigiram métodos de comunicação ainda mais complexos. Desse processo evolutivo nasceu a 'linguagem' em seu sentido mais amplo (FISCHER, 2009, p. 11).

Em uma compreensão superficial, podemos dizer que a linguagem é o cambio (ou permuta) de informações, ou seja, tal suposição denota que o entendimento de linguagem abarque as “[...] expressões faciais, gestos, posturas, assobios, sinais de mão, escrita, linguagem matemática, linguagem de programação, [...] 'linguagem' química das formigas e a dança das abelhas” (FISCHER, 2009, p. 12.).

A possibilidade da amplitude conceitual acerca do que vem a ser linguagem ultrapassa a simples, no entanto, complexa, expressão verbalizada tão enfatizada nos dias atuais, uma vez que seu alargamento conceitual se faz pertinente diante das potencialidades ensejadas pelos seres humanos desde suas primeiras investidas, no intuito comunicativo com outros seres da mesma espécie nos tempos de outrora. E, para alicerçar a conceitualização da linguagem, o Coletivo de Autores (2013, p. 43) nos compraz ao afirma que a linguagem é “[...] um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado”.

É faculdade consensual o entendimento de que a complexa engendra do ato humano de se comunicar ancorou no devir temporal diante de consequências das necessidades relacionais para sua sobrevivência. Na evolução do processo comunicativo da espécie humana, é a oralidade que se sobrepõe aos demais seres vivos, oralidade, essa, oriunda do contexto sócio histórico da linguagem e “[...] sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade” (COLETIVO DE AUTORES, 2013, p. 38).

No transcorrer da história da humanidade “[...] todos os especialistas concordam que nos hominídeos o controle da linguagem e o controle das mãos estão intimamente ligados a funções cerebrais” (FISCHER, 2009, p. 61). É comum perceber, por exemplo, que nas relações comunicativas atuais, as pessoas muito gesticulam no mesmo instante em que estão verbalizando o que se deseja informar durante um diálogo. Segundo Fischer (2009, p. 61-62),

[...] os gestos não estão presentes apenas para informar expectadores e ouvintes, mas para permitir que o falante pense. Desde uma época muito distante, a linguagem dos gestos talvez tenha contribuído, de uma maneira ainda não muito clara, para o desenvolvimento da linguagem vocal humana.

Todavia, é essa ‘linguagem vocal humana’ quem ganhará ênfase na história da humanidade por se considerar o mais complexo modo de comunicação alcançado pelos seres humanos via corpo-relação-coletividade humana intencionando, assim, a permanência de sua espécie em vida. Fischer (2009) explana um panorama histórico esclarecedor acerca da linguagem, o qual se faz pertinente expor na íntegra, e que, automaticamente, nos guiará nas análises desta pesquisa:

A linguagem vocal humana evoluiu simultaneamente com o cérebro humano e o desenvolvimento dos órgãos da fala, durante centenas de milhares de anos. Enquanto o cérebro humano aumentava sua capacidade, a fala se tornou mais articulada e a dependência da química e dos sinais do corpo diminuiu. Em troca, isso exigiu a evolução de órgãos de fala especializados que demandavam uma maior capacidade cerebral para se adaptar à complexidade da sociedade engendrada por ele. Causa e efeito funcionaram em ambas as direções. Cada função alimentava a outra num sistema fechado, dinâmico e sinérgico. O pensamento primitivo e as vocalizações evoluíram progressivamente para o pensamento sofisticado e a fala articulada, na mesma razão, na fila evolucionária. A linguagem humana moderna parece continuar evoluindo dessa maneira com a química primordial e a linguagem de sinais virtualmente reduzidos à percepção subliminar. [...] No longo processo de evolução da fala articulada, sempre houve um fluxo e refluxo de populações humanas, vítimas e beneficiários de guerras e doenças, acidentes geológicos e clima. Milhares de línguas e famílias linguísticas surgiram e desapareceram sem deixar traços. Contatos frequentes com vizinhos e outras populações por intermédio do comércio, exogamia, migração, guerra e dominação causaram mudanças linguísticas para populações cada vez maiores, cujos avanços tecnológicos e novas formas de transporte criaram suas próprias dinâmicas. Durante

períodos de equilíbrio linguístico, que devem ter durado milhares de anos, linguagens prototípicas teriam se formado pela convergência de várias línguas diferentes. Esses períodos então acabaram subitamente, criando famílias e línguas com árvores genealógicas. Talvez tenha sido esse processo repetitivo de longos períodos de equilíbrio linguístico, pontuados por mudanças abruptas, que criou as famílias de línguas que geraram as línguas que falamos hoje (FISHCER, 2009, p. 71-72).

2.1.2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA LINGUAGEM: a língua

De acordo com estudos de Fiorin (2003) os primeiros cuidados em sistematizar uma língua utilizada, realizada por volta do século IV a.C., foi desenvolvida por Panini que era considerado um gramático hindu; ele compilou uma gramática sânscrita para preservar ao máximo a oralidade da língua utilizada. Mas foi na Grécia que principiaram as considerações racionais acerca da linguagem e manteve grande influência ao andamento da linguística ocidental até os dias atuais.

Na obra *Uma Breve História da Linguagem*, de Steven Fischer, Platão é considerado “[...] como primeiro investigador das potencialidades da gramática [...] afirmando que as palavras eram arbitrariamente mutáveis [e] qualquer mudança linguística é uma mera convenção” (FISCHER, 2009, p. 179-182). O princípio da ideia do termo que hoje podemos chamar de *signo linguístico* foi exposto por Aristóteles ao escrever sobre a língua e asseverar que a “[...] fala é a representação das experiências da mente” (FISCHER, 2009, p. 182). Já os estoicos foram os responsáveis pela minúcia investigativa no que concerne aos “[...] aspectos individuais da língua [dividindo] os estudos da língua em fonética, gramática e etimologia” (FISCHER, 2009, p. 182).

Na China, Fischer (2009) relata que a primeira menção acerca da compilação de um dicionário, foi por volta de 1100-900 a.C.; que em 489 d.C. monges budistas relatam a existência das sílabas chinesas faladas em consonância com a escrita alfabética; e que, em XI d.C., surgem na história as tabelas de rimas chinesas que eram organizadas alfabeticamente de modo

peculiar e com influência sânscrita o que perdurou como “sendo a base da investigação linguística chinesa em toda a Idade Média até a Idade Moderna” (FISCHER, 2009, p. 189). E o autor, acerca da história da linguagem chinesa, finaliza:

A linguística chinesa nunca atingiu o nível de investigação erudita tanto do Ocidente quanto, acima de tudo, da Índia já no primeiro milênio a.C. Desde o final do século dezenove, um dos principais tópicos da linguística chinesa é a questão da transliteração mais eficiente da escrita chinesa para o alfabeto ocidental (FISCHER, 2009, p. 190).

As informações pertinentes à história da linguagem, no período da Idade Média, não se faz presente de modo denso nas obras clássicas de introdução à Linguística. Fischer (2009) expõe que o mundo árabe, e a grandiosidade da cultura islâmica, suscitaram elevadas informações contributivas para os conhecimentos da linguística no período que compreende a Idade Média. Foram as leituras e estudos do Alcorão, praticadas por muçumanos, que exigiu o aprendizado da língua árabe pelo vasto povoamento do Islã. Algumas escolas árabes receberam influências de Aristóteles sobre

[...] o reconhecimento árabe da arbitrariedade convencional e regularidade sistemática da língua [...] Contudo, o mundo árabe desenvolveu uma abordagem única da linguagem, e evitou a adoção indiscriminada dos protótipos gregos característica dos gramáticos latinos (FISCHER, 2009, p. 188).

Sibawaih, de Basra, em VIII d.C., materializou as informações acerca das prescrições linguísticas árabes em *Al kitab (O Livro)*, determinando o árabe clássico como atualmente é manifestado, e segundo Fischer (2009, p. 189), a

[...] descrição fonética e anatômica da produção do som, guarnecida com uma terminologia precisa, pode levantar suspeitas acerca de uma inspiração indiana, embora não seja necessariamente o caso. Com certeza, *Al kitab* é, em sua precisão descritiva, superior a tudo o que gregos e romanos conseguiram alcançar. Os linguistas árabes nunca mais atingiram tal proeminência linguística.

De acordo com o autor, os estudos linguísticos mantiveram-se sob o manto da concepção teológica durante a Idade Média europeia, em que os antigos

registros eram compilados por monges, mantendo-se, como erudita, a tradição da escrita latina, e ainda que

[...] a cópia da Bíblia e o ensino do latim dominassem os mosteiros, monges com inclinação linguística também comentavam ou glosavam, redigiam etimologias e compilavam léxicos. [...] Porém, tentativas de gramáticas e livros de conversação latinos independentes, como as feitas por Bede e Alcuin na Nortúmbria no século oito, também apareceram bem cedo. Em particular, os irlandeses estiveram entre os primeiros a aplicar os princípios da gramática latina à língua vernácula local, iniciando uma tradição que prosperou durante muitos séculos na Irlanda (FISCHER, 2009, p. 191).

Na Idade Média, o que se manteve foi a tradição linguística com “[...] tratados intitulados *De Modus Significandi* escritos por muitos autores entre 1200 e 1350 que, geralmente, compartilhavam a mesma postura teórica e concepção linguística” (FISCHER, 2009, p. 191-192). Esses autores foram denominados de ‘Modistae’¹⁰ e estão associados à escolástica¹¹. Com o passar do tempo, os modistas perceberam que

[...] a simples descrição do latim não era mais suficiente; eram necessárias uma teoria mais profunda e uma melhor justificativa para elementos e categorias do latim. A filosofia havia sido ligada à gramática: ‘Não é o gramático, mas o filósofo que, cuidadosamente considerando a natureza específica das coisas, [...] descobre a gramática’ (FISCHER, 2009, p. 192).

O entendimento sobre uma ‘gramática universal’ surgiu no período dos modistas. Segundo Fischer (2009), um dos primeiros modistas, o inglês Roger Bacon, foi quem propôs tal entendimento, pois, para os modistas a essência da tal gramática era “[...] una e universal, e que, em consequência, as regras da gramática são independentes das línguas em que se realizam” (FIORIN, 2003, p. 7), com isso, de acordo com os modistas, a gramática se aplicaria às línguas existentes. Diante de tais pressupostos obteve-se que a

[...] semântica foi particularmente usada numa tentativa de definir a diferença entre o *significatio* (significado) de uma palavra e sua *suppositio* (substituição relacional). Mas o principal interesse dos

¹⁰ Ou ‘modistas’ (FIORIN, 2003, p. 7).

¹¹ Escolástica foi a apropriação dos escritos de Aristóteles, por Tomás de Aquino, para incluí-los ao “cristianismo platonizado. O resultado, conhecido como tomismo, é a linha oficial da Igreja Católica ainda hoje [...] Afora os escritos de Karl Marx, nenhuma filosofia de um indivíduo isolado moldou o mundo em que vivemos hoje mais que a de Tomás de Aquino” (LAW, 2011, p. 33).

Modistae era a própria gramática, e aqui eles criaram uma elaborada terminologia para explicar um sistema integral e coerente de gramática filosófica [...] Os Modistae também conseguiram uma teoria abrangente e coerente da estrutura das sentenças e sua análise sintática. Isso envolvia níveis estruturais mais profundos [...] Em sua teoria da linguagem, os Modistae acreditavam que a mente humana executava processos de abstração, reflexão e comunicação do mesmo modo em todas as línguas — uma teoria que desabou quando as línguas não indo-europeias se tornaram conhecidas. Embora ainda estivessem muito longe da gramática formal atual, as 'gramáticas especulativas' dos Modistae representam uma ponte entre a Antiguidade e a Idade Moderna (FISCHER, 2009, p. 192-193).

Passado esse período da Idade Média, na configuração das línguas nos séculos posteriores, ou seja, tempos modernos, tem-se como característica o ensejo dos estudiosos europeus de não se debruçar nas línguas gregas e latinas, pois tiveram contatos com estudos de linguistas que não eram europeus, direcionando, assim, a língua como sendo objeto investigativo.

Foi a partir da “[...] revolução nas comunicações, com o aparecimento da imprensa em meados do século XV” (CAMPOS, 1988, p. 50) que se propiciaram os primeiros dicionários impressos e a facilidade de propagação da tradução da bíblia para línguas locais de cada região, denotando, um padrão, um delineamento à prosódia da cultura letrada nas nacionalidades que começavam a se formar, pois

As novas gramáticas de línguas vernáculas se concentravam na ortografia para alcançar o máximo de compreensão entre povos ainda não unidos em nações. Particularmente entre as relacionadas línguas românicas: italiano, provençal, francês, catalão, espanhol e português, ficou claro que elas não eram simples corrupções do latim clássico, mas sim línguas autônomas que se diferenciavam de modos sistematicamente descritíveis. As línguas vernáculas estavam se libertando do latim ao mesmo tempo e sendo estudadas por seu próprio mérito, como línguas separadas cujas gramáticas eram igualmente dignas de consideração para os estudiosos. [...] Gramáticas do quéchua peruano (1560), do basco (1587), do guarani brasileiro (1639) e muitas outras línguas, incluindo o chinês, também começaram a ser impressas. Rapidamente avaliou-se o quão enormemente as línguas diferiam do grego e do latim. As línguas clássicas agora eram reverenciadas como modelos antigos, mas não mais ideais vivos. As línguas vernáculas começaram a substituir o latim medieval como a língua da educação, um processo longo que em alguns países europeus só terminou no século dezenove.

Convenientemente, o latim já havia sido cultuado e também objetivamente descrito (FISCHER, 2009, p 193-194).

Entre os séculos XVI e XVIII, os estudos linguísticos guiados pela linguagem passaram a serem instrumentos de discussão filosófica pelos eruditos empíricos e eruditos racionais¹², em que a visão acerca da linguagem é díspar. Contudo, havia uma linha tênue em que as ideias se coadunavam: as duas correntes filosóficas aceitavam

[...] que a base do raciocínio filosófico estava na matemática e na ciência newtoniana. Todos os estudos linguísticos da época foram influenciados pelo debate empirista-racionalista. Foi daí que surgiram as primeiras reivindicações sérias por uma nova e inventada 'língua universal' como um meio internacional de aprendizado e comércio (FISCHER, 2009, p. 195).

A influência das duas correntes filosóficas se caracterizou pela “descrição sistemática da fonética inglesa” para o âmbito empírico inglês; e, no âmbito racionalista, a produção de “[...] gramática universal [em que] o objetivo dos gramáticos de Port Royal era revelar a unidade subjacente de todas as gramáticas em comunicar o pensamento humano” (FISCHER, 2009, p. 195-196). E, no que diz respeito à *Grammaire Générale et Raisonnée* de Port Royal, confere-se que foi

[...] modelo para grande número de gramáticas do século XVII, [demonstrando] que a linguagem se funda na razão, é a imagem do pensamento e que, portanto, os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua (FIORIN, 2003, p. 7).

Na França, os filósofos Condillac e Rousseau, do século XVIII, asseveravam que o princípio da linguagem advinha das repetições do que está em torno do ser humano como animais, plantas, elementos climáticos etc., e tais repetições aconteciam via sinais corporais e auditivos, possibilitando posteriormente que as

[...] abstrações e complexidades gramaticais haveriam se desenvolvido a partir de inícios 'tonais' muito simples. O alemão

¹² “Em que medida o conhecimento depende de nossos sentidos? Descobrimos coisas sobre o mundo tanto por raciocínio como por experiência. Uma ênfase maior num ou noutro produziu duas escolas de pensamento sobre a fonte do conhecimento: racionalismo e empirismo” (LAW, 2011, p. 66). E, sem grande aprofundamento, essas duas correntes filosóficas expressam que ou se é “a razão pura pode produzir conhecimento por si só (a visão racionalista) ou se dependemos da experiência sensorial para todo conhecimento (como acreditam os empiristas)” (LAW, 2011, p. 49).

Johann Gottfried Herder argumentou que a linguagem humana crescia por meio de sucessivos estágios de desenvolvimento e maturidade junto ao pensamento humano, um dependendo do outro (FISCHER, 2009, p. 196).

Ao findar do século XVIII, os estudos acerca da língua seguiram o percurso das pesquisas que contextualizavam a história em detrimento da seara filosófica e do âmbito teórico. As pesquisas ocidentais foram impactadas pelos achados históricos de textos sânscritos pelo inglês Sir Willian Jones que esboçou a correlação genética

[...] do sânscrito com as línguas gregas, latinas, góticas, célticas e persas antigas. O conceito em si não era novo, mas Jones foi o primeiro a introduzir duas noções novas: que as línguas poderiam estar *relacionadas historicamente* — 'desenvolvidas a partir de uma fonte comum', como ele afirmou — em vez de ser produtos umas das outras (ou seja, do sânscrito para o grego para o latim); e que existia uma *língua ancestral*, o que os linguistas chamam hoje de protolíngua. O estudo de Jones não apenas inaugurou o campo da linguística histórica, mas também revelou a tradição linguística sânscrita de mais de 2.500 anos de idade para os estudiosos ocidentais. O resultado da combinação das tradições sânscritas e ocidentais estabeleceu a ciência linguística moderna na primeira metade do século dezenove (FISCHER, 2009, p. 198).

Iniciou-se, nos princípios do século XIX, o que os estudiosos consideravam como sendo uma apropriada 'ciência linguística'. O foco recaiu sobre a “[...] linguística comparativa e histórica” (FISCHER, 2009, p. 198). O ápice aconteceu com o lançamento do

Linguarum Totius Orbis Vocabularia Comparativa (São Petersburgo 1786-9) em quatro volumes, do alemão Peter Simon Pallas, que incluía 200 línguas. O exame do primeiro volume da compilação feita pelo alemão C. J. Krus em 1787 forneceu, possivelmente, a primeira discussão científica da linguística comparativa e histórica numa estrutura moderna — ou seja, não clássica e não bíblica (FISCHER, 2009, p. 199).

Mas foi Franz Bopp quem ganhou notoriedade, sendo considerado “[...] o pai do estudo histórico-comparativo das línguas indo-europeias e o verdadeiro fundador da ciência linguística moderna” (FISCHER, 2009, p. 201).

Em 1816 Franz Bopp expõe para a comunidade científica suas pesquisas que tratavam do

[...] sistema de conjugação do sânscrito, comparado ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico é considerada o marco do surgimento da Linguística Histórica. A descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas europeias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de parentesco, que elas constituem, portanto, uma família, a indo-europeia, cujos membros têm uma origem comum, o indo-europeu, ao qual se pode chegar por meio do método histórico-comparativo (FIORIN, 2003, p. 8).

Faz-se pertinente trazer à luz da presente pesquisa o escritor e historiador Wilhelm von Humboldt pois, no século XIX, ele desenvolveu diversas pesquisas que versavam sobre linguagem. O destaque, em sua proposição teórica, estava na afirmação de “[...] que a linguagem é uma habilidade inerente de toda a humanidade” (FISCHER, 2009, p. 201). Humboldt partia do pressuposto de que a escrita e tudo mais era oriundo do pensamento do ser humano, indo, deste modo, no caminho oposto ao que os filósofos da antiguidade propuseram. Tamanha foi a importância de Humboldt, que nos primeiros anos do século XXI uma de suas obras influenciaria outros estudos, em que

[...] o *innere Sprachform* de von Humboldt fornece uma teoria linguística universal com uma estrutura que explica como diferentes comunidades étnicas, por meio da linguagem, podem viver em diferentes realidades mentais e adotar diferentes sistemas de pensamento (FISCHER, 2009, p. 202).

A linguística dos últimos anos do século XIX “[...] foi caracterizada pelos inicialmente controversos *Junggrammatiker*, ou partidários da doutrina neogramática” (FISCHER, 2009, p. 202). Segundo Fischer (2009), as características de tal doutrina se firmavam no entendimento de que as variações dos sons da linguagem eram regidas pela não permissão de ressalvas dentro de uma determinada comunidade, denotando que os sons sejam expressos da mesma forma. Diante de tal pressuposto, encontra-se a contradição existente entre os neogramáticos e a ciência linguística-comparativa, pois

Toda a ciência linguística histórico-comparativa parecia estar baseada na aceitação da regularidade das mudanças sonoras nas línguas humanas com o passar do tempo. Se não havia uma regularidade nas mudanças sonoras, afirmavam os adeptos da neogramática, então a variação ocorreria ao acaso, e não poderia haver uma verdadeira ciência linguística (FISCHER, 2009, p. 203).

Ao chegarmos ao século XX, faz-se pertinente atentarmos para uma sintética retrospectiva no eixo temporal. Podemos agrupar como predomínio: os estudos linguísticos pedagógicos se faziam presentes na Idade Média; os estudos linguísticos filosóficos permeavam o século XVIII; os estudos linguísticos históricos eram a pauta do século XIX; os estudos da linguística descritiva (no intento excludente de elementos históricos no âmbito das comparações entre línguas) se fez presente até meados do século XX. Assim, no século XX, percebe-se que houve alterações nos preceitos da neogramática que era utilizada no século XIX.

No século XX, a imensa influência do expoente, nos estudos linguísticos, foi Ferdinand de Saussure, que deliberava a diferença entre a linguística diacrônica e linguística sincrônica¹³. A diacronia estava referendada nos estudos históricos, enquanto que a sincronia nos métodos descritivos da linguística. Outra importante contribuição de Saussure para a linguística foi distinção ao objeto dos estudos linguísticos, no qual se tinha “[...] a *langue* (uma competência linguística do falante) da *parole* (a própria expressão vocal do falante), em que *langue* compreende o principal objeto da investigação linguística” (FISCHER, 2009, p. 204), e, de acordo com Saussure, a *langue* carecia de estudos que investigassem ao mesmo tempo a correlação de princípios gramáticos, léxicos e sua fonologia. Com isso, demarca-se o início das pesquisas em linguística estruturalista¹⁴.

Fischer (2009) traz um relato que exprime com clareza tal momento em que a linguística se encontrava aproximadamente em meados do século XX.

Após a Segunda Guerra Mundial, a ciência linguística começou a se fragmentar em vários subcampos autônomos. Um movimento necessário pela complexidade apresentada por cada aspecto do estudo da linguagem, seja a sintaxe, a fonologia, a fonética, a semântica, a semiótica (estudo de sinais e símbolos e sua relação com o significado), a dialetologia, a linguística histórica, a lexicografia, ou outros campos. O interesse da linguística também

¹³ “A Linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A Linguística diacrônica estudarà, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma coincidência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistemas entre si” (SAUSSURE, 2006, p. 116).

¹⁴ “Aquilo a que comumente nos referimos como estruturalismo, especialmente na Europa, tem origem múltipla. É convencional e conveniente datar o seu nascimento como movimento identificável em linguística a partir da publicação do *Cours de linguistique générale* de Saussure em 1916.” (LYONS, 1987, p. 203).

se expandiu e incluiu esferas maiores de aspectos etnológicos, sociais e psicológicos da linguagem (FISCHER, 2009, p. 208).

Na década de cinquenta do século XX, com *Estruturas Sintáticas*, Noam Chomsky rompe com o padrão dos estudos linguísticos ao externar para a comunidade científica, na teoria da linguagem, o conceito *gerativismo*¹⁵, com sua gramática gerativa, em que “[...] tenta descrever a competência linguística de um falante nativo, compondo as descrições linguísticas como regras para 'gerar' um número infinito de sentenças gramaticais” (FISCHER, 2009, p. 211).

A título de conhecimento, faz-se pertinente explicar que no decurso histórico da linguagem, um ramo da linguística se destacou pelo entrelaçamento com a ciência da computação, denominada Processamento de Língua Natural ou Linguística Computacional que

[...] teve seu início em 1946, quando os computadores foram usados pela primeira vez para gerar traduções automáticas do russo para o inglês. [...] Nessa área, os linguistas unem a linguística e os recursos da ciência da computação para permitir que os computadores sejam usados tecnologicamente como um auxílio na análise e processamento de línguas naturais e, psicologicamente, para entender melhor, por analogia com computadores, como a linguagem humana é processada (FISCHER, 2009, p. 214).

Os estudos acerca da linguagem decorrem de longas datas. Em meados do milênio I a.C. foram os sábios que se debruçaram sobre a essência da linguagem sânscrita, na Índia; houve a organização e classificação, por parte dos gregos e romanos, sob a linguagem e seus pressupostos gramaticais, tornando-se alicerces para diversas línguas no porvir histórico da humanidade; na Idade Média foi, como característica, a junção da filosofia à gramática, bem como as gramáticas especulativas e seus modistas; logo após contato com as linguagens hebraica e de diversas línguas; estudos na Renascença apontaram a não totalidade

¹⁵ “o termo ‘gerativismo’ – refere-se a um corpo teórico e a premissas metodológicas acerca da estrutura da língua(gem) [...] Chomsky não só criou a versão da gramática gerativa mais amplamente utilizada na linguística, como também foi o principal proponente do gerativismo; e é nesta qualidade que tanta influência exerceu não só na linguística mas também em outras disciplinas” (LYONS, 1987, p. 124).

explicativa concernentes aos fatos da linguística, que antes eram apenas advindos das línguas grega e latina; no século XVIII, o foco foram as possíveis gêneses acerca da língua; as informações inquiridas no século XVIII serão elucidadas no século XIX concomitantemente ao surgimento da linguística como campo epistemológico científico; e, no século XX, fez-se fértil as “recém” surgidas teorias da linguística que percorreu os debates acerca do fonema às linguagens da computação, fazendo expectar infinitas possibilidades no âmbito da linguagem, e em particular, da linguística. Assim chegamos ao século XXI com essas possibilidades de compreensões.

Apesar da temporalidade acerca da localização da área de educação física como linguagem, que ultrapassa os quinze anos, conforme localizamos anteriormente no PCNEM (BRASIL, 2000), e do baixo índice de pesquisas sobre o tema (nos artigos, dissertações e teses que estão presentes nesse estudo), identificamos que estas produções trazem à tona a linguística como princípio estruturante para explicar a relação entre educação física e linguagem, o que, automaticamente está relacionada à Ciência da Linguagem. Contudo, será que apenas a Ciência da Linguagem pode abarcar as demandas de possibilidades existentes entre educação física e linguagem? E se houvesse, também, um olhar sobre a Filosofia da Linguagem como mais uma senda. Será que há contribuições pertinentes que possam auxiliar para o entendimento no que diz respeito à relação educação física e linguagem?

2.2 FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Antes da imersão nas águas da Filosofia da Linguagem, é necessário expor que a própria Filosofia da Linguagem ainda não é tão clara no que concerne ao seu entendimento em relação às definições diversas como estão postas. Segundo Auroux (1998, p.13), há estudos que apenas relacionam a Filosofia da Linguagem com temas da “[...] natureza da linguagem antes do aparecimento das tradições

linguísticas positivas e autônomas”, que remetem aos pensadores pré-socráticos a Aristóteles. Ou tem-se a Filosofia da Linguagem sendo considerada como “[...] concepções concernentes à linguagem que se encontra em obras dos autores reconhecidos como filósofos” (AUROUX, 1998, p. 14), asseverando, de tal modo, que quem não for filósofo não poderá se enquadrar nos contextos da mesma. Também, Auroux (1998, p. 14) constata que a Filosofia da Linguagem é “[...] um certo número de discussões técnicas resultantes das representações dos desenvolvimentos e das discussões dos sistemas lógicos”, derivadas de pensadores como Frege e Russell, por exemplo.

Auroux (1998) expõe, em sua obra *A filosofia da linguagem*, muito mais exemplos que caracterizam a amplitude das compreensões que a expressão Filosofia da Linguagem vem induzindo ao longo de percurso histórico, afirmando que a “[...] filosofia da linguagem é hoje um campo vasto e complexo [pois] pode se exprimir pela multiplicidade das abordagens possíveis dos fenômenos languageiros” (AUROUX, 1998, p. 396). Face às considerações supracitadas, importa compreender como os principais filósofos, estudiosos e pensadores desenvolveram, no percurso histórico da humanidade, seus conhecimentos acerca sobre/da linguagem.

2.2.1 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS: principais referências

De Platão a Bakhtin, passando por Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Sapir e Whorf. De Descartes, com parada obrigatória em Port-Royal. Pierce, Frege, Saussure, Russell, Austin, Heidegger e Foucault não poderiam ficar à margem das aproximações conceituais acerca da Filosofia da Linguagem.

É inegável a contribuição que os filósofos da antiguidade tiveram em relação à humanidade, e para a Filosofia da Linguagem, interessa partir de Platão¹⁶ que teve grande influência na tradição filosófica. Platão considerava a

¹⁶“Platão foi o primeiro filósofo a produzir um corpo de obra substancial e que chegou até nós” (LAW, 2011, p. 245). Platão foi oriundo de Atenas, nascido em 428 a.C., com morte datada de 347 a.C.

linguagem como fonte de erro, bem como colocava a linguagem em oposição ao conhecimento, e tal posicionamento reverberou por toda a idade média até a idade moderna. E apenas na idade contemporânea houve questionamentos mais contundentes, mas, ainda assim, segundo Law (2011, p. 81) “[...] a filosofia de Platão tem enorme impacto na cultura ocidental”.

Das obras de Platão, *Crátilo*¹⁷ é a que vai desenvolver o debate que estipula contornos aos estudos futuros sobre as origens filosóficas da linguagem e do significado. No diálogo *Crátilo*, Platão levantou como problema: a linguagem pode colaborar para a compreensão dos fatos reais? Logo, da maneira que o problema está posto, o debate filosófico que aborda a significação das palavras se encontrará ligada à questão do conhecimento enquanto delimitador da inquietação na filosofia.

A passagem abaixo da referida obra encontra-se no início, e já mostra a sua intenção:

HERMÓGENES. — Respecto a mí, mi querido Sócrates, después de muchas discusiones con nuestro amigo y con muchos otros, no puedo creer que los nombres tengan otra propiedad, que la que deben a la convención y consentimiento de los hombres. Tan pronto como alguno ha dado un nombre a una cosa, me parece que tal nombre es la palabra propia; y si, cesando de servirse de ella, la re-emplaza con otra, el nuevo nombre no me parece menos propio que el primero. Así es que, si el nombre de nuestros esclavos lo substituímos con otro, el nombre substituído no es menos propio que lo era el precedente. La naturaleza no ha dado nombre a ninguna cosa: todos los nombres tienen su origen en la ley y el uso; y son obra de los que tienen el hábito de emplearlos. Si éste es un error, estoy dispuesto a instruirme, y a tomar lecciones, no sólo de Cratilo, sino de todo hombre entendido, cualquiera que él sea. SÓCRATES. — Quizá dices verdad, querido Hermógenes. Examinemos el punto. ¿Basta que dé uno un nombre a una cosa, para que este nombre sea el de esta cosa? HERMÓGENES. — Así me lo parece. SÓCRATES. — ¿Y es indiferente que esto lo haga un particular o un Estado? HERMÓGENES. — Es indiferente. SÓCRATES. — ¡Pero qué! Si quiero nombrar la primera cosa que se me presente, por ejemplo, lo que llama-mos hombre, llamándolo caballo; y lo que llamamos caballo, llamándolo hombre; ¿un mismo ser tendrá el nombre de hombre para todo el mundo, y para mí sólo el de caballo; y el mismo ser tendrá el nombre de hombre para mí sólo y el de

¹⁷ Esta obra tem como subtítulo: “sobre a correção dos nomes”.

caballo para todo el mundo? He aquí claramente lo que tú dices.
HERMÓGENES. — Me parece que es así (PLATÓN, p. 3).

Com o supracitado já é possível perceber que o diálogo tenderá a ter um caminho de perguntas e respostas ao qual vai se estruturando a intenção de Platão. No trecho abaixo se começa a trazer à tona duas prováveis situações que pretenderia responder ao seu problema: o naturalismo e o convencionalismo.

SÓCRATES.— ¿Luego cada cosa tendrá tantos nombres como se la asignen, y sólo por el tiempo que se le asignen?
HERMÓGENES.— Mi querido Sócrates, yo no reconozco en los nombres otra propiedad que la siguiente: puedo llamar cada cosa con el nombre que yo le he asignado; y tú con tal otro nombre, que también le has dado a tu vez. Así es que veo que en diferentes ciudades las mismas cosas tienen nombre distintos, variedad que se observa lo mismo comparando helenos con helenos, que helenos con bárbaros.
SÓCRATES.— Y bien, querido Hermógenes; ¿te parece que los seres son de tal naturaleza, que la esencia de cada uno de ellos sea relativa a cada uno de nosotros, según la proposición de Protágoras, que afirma que el hombre es la medida de todas las cosas; de manera que tales como me parecen los objetos, tales son para mí; y que tales como te parecen a ti, tales son para tí? O más bien, ¿crees que las cosas tienen una esencia estable y permanente?
HERMÓGENES.— En otro tiempo, Sócrates, no sabiendo qué pensar, llegué hasta adoptar la proposición de Protágoras; pero no creo que las cosas pasen completamente como él dice (PLATÓN, p. 4-5).

Logo, percebe-se a intenção de Hermógenes em levantar a fala para o convencionalismo como tese que envolve a ligação entre palavra e coisas que foram oriundas apenas de convenções sociais. Enquanto que, em diálogo oposto, encontra-se o naturalismo com a argumentação de que há um elo entre signo e a coisa significada e que haveria uma relação direta entre as duas para o conhecimento.

Porém, Marcondes (2010, p. 15) expõe que o *Crátilo* é “[...] aporético, isto é, termina em um impasse”, pois os dois caminhos levantados nesta obra de Platão não chega a ser satisfatória.

O naturalismo tem dificuldade em explicar a relação natural palavra-coisa, já que as línguas faladas contradizem isso e a procura pela língua ideal não é bem-sucedida. O convencionalismo, por sua vez, tem dificuldade em explicar a origem das convenções: como poderíamos estabelecer

convenções anteriormente à linguagem se precisamos dela para isso? (MARCONDES, 2010, p. 15).

Apesar de não chegar a um resultado final, se caberia em um diálogo tal finalidade, essa obra de Platão influenciou bastante a tradição filosófica no que concerne à linguagem, mesmo compreendendo que o conhecimento não teria como estar amarrado à linguagem, tanto pelo fato de haver sinais desenvolvidos por convencionalidade, ou ligadas ao naturalismo e sua relação natural das coisas e palavras.

Já no *Górgias*, obra que trata da retórica, Platão fez críticas para o fato de usar a retórica apenas com a apropriação técnica, no intento de induzir, sem ter a intenção de trazer o verdadeiro conhecimento.

Sócrates — Então escuta, Górgias, o que me causa admiração no que nos declaraste. E possível que estejas com a razão e que eu não tenha apreendido bem o teu pensamento. És capaz, disseste, de fazer orador de quem se dispuser a seguir tuas lições? **Górgias** — Sou. **Sócrates** — E de deixá-lo apto, sobre qualquer assunto, a conquistar as multidões, não por meio da instrução, mas por força da persuasão? **Górgias** — Perfeitamente. **Sócrates** — Chegaste mesmo a afirmar que, em matéria de saúde, o orador tem maior força convincente do que o médico. **Górgias** — Sim, disse; porém diante das multidões. **Sócrates** — Diante das multidões, quer dizer: diante de ignorantes? Pois é de presumir que diante de entendidos não sejas mais persuasivo do que o médico. **Górgias** — Exato. **Sócrates** — E se ele tem maior poder de persuasão que o médico, também terá maior do que quem sabe? **Górgias** — Perfeitamente. **Sócrates** — Apesar de não ser médico, não é verdade? **Górgias** — Sim (PLATÃO, p. 12).

O recorte acima, do diálogo de *Górgias*, elucida tão-somente que com persuasão consegue-se iludir qualquer ser humano, independente do conteúdo e/ou da veracidade. Ou seja, torna-se a linguagem instrumento de discurso persuasivo.

Não é difícil perceber o quão atual se faz o contexto da utilização da linguagem como modo de manipulação, pois, a título de exemplo, se, através da linguagem, um candidato ao governo de um estado brasileiro propaga que, se for eleito, ele vai possibilitar a tarifa do transporte público da região metropolitana em um único valor, esse candidato está se valendo do poder de persuasão para

conquistar o cargo de governador, mesmo quando o próprio candidato sabia que tal linguagem é uma falácia, um simples instrumento de manipulação.

É por esse caminho que Platão externalizou o fato da linguagem se configurar como fonte de erro, tanto no diálogo *Crátilo* como no *Górgias*, em que, respectivamente, ao tratar do naturalismo e convencionalismo não consegue chegar a um consenso que validasse o diálogo, bem como não considera a linguagem como sendo um meio seguro para a obtenção do conhecimento.

Na tradição filosófica, dois principais caminhos se desenvolveram advindos de Aristóteles¹⁸, e foi mote para os debates no tocante à linguagem:

[...] a relação entre linguagem e pensamento e a função comunicacional da linguagem. No primeiro caso, ao caracterizar os conceitos como signos mentais das coisas e as palavras como conceito, Aristóteles aponta para o caminho de relação entre linguagem e mente que boa parte da tradição seguirá, procurando definir melhor a natureza do conceito e de sua relação com coisas e palavras. No segundo caso, mostra a importância de se ir além da função descritiva da linguagem, em que esta procura representar a realidade, considerando a função da linguagem na comunicação e mostrando que de certa forma ambas se articulam. De acordo com essa concepção, usamos signos para expressar nossos pensamentos e para falar do real (MARCONDES, 2010, p. 23).

Aristóteles, ao abordar a discussão no que diz respeito à linguagem, toma como ponto de partida o contexto aporético existente em *Crátilo*, e explana sua contribuição: a solução aristotélica, que incide em sugerir, na relação entre signo linguístico e realidade, o contexto da mente como elo de mediação, e tal solução aristotélica será o cerne da obra *Tratado da Interpretação*.

No Capítulo I, *Da Interpretação*, Aristóteles trata a mente e toda a relação existente das coisas de ‘afecções da alma’, que seria o conceito, ou seja, canal de conexão das coisas com as palavras.

Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções na alma, e as coisas que se escrevem que são os símbolos dos sons pronunciados. E, para comparar, nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma - das quais esses são os sinais primeiros -

¹⁸ “A simples extensão da obra de Aristóteles é assombrosa, e as disciplinas e termos que utilizou duram até hoje” (LAW, 2011, p. 248). Aristóteles foi oriundo de Estagira, norte da Grécia; nascido em 348 a.C., com morte datada em 322 a.C.

idênticas para todos, e também são precisamente idênticos os objetos de que essas afecções são as imagens (ARISTÓTELES, 2013, p. 3).

Aristóteles lança a possibilidade de se compreender o significado do signo linguístico através do conceito que perpassa pela inerência do conhecimento, sendo o signo, e sua ligação com o real, uma construção mental. Logo, para Aristóteles, o conhecimento é do âmbito do conceito (afecções da alma) e não pertence originalmente da linguagem, pois a linguagem é expressão do pensamento, local que constitui o conhecimento.

Conceitos são representações mentais, de natureza subjetiva, interior, de uma realidade externa, objetiva. O conhecimento que se constitui pelo pensamento antecede a linguagem e é autônomo em relação a ela. A linguagem expressa, portanto, um pensamento que se constitui de maneira prévia e autônoma em relação à sua expressão linguística (MARCONDES, 2010, p. 23).

Para Aristóteles, diferentemente de Platão, o convencionalismo é caminho na conexão entre palavras e coisas através da mente, ou 'afecções da alma'. É nesse contexto que a tradição filosófica vai principiar os estudos da união entre pensamento e linguagem.

Já os estudos, na tradição filosófica, que direcionaram para a função comunicacional da linguagem, partiram da obra *Retórica* de Aristóteles, que tinha como principal função destacar a finalidade da argumentação como componente fundamental do texto. O foco é a argumentação lógica, enquanto modelo persuasivo que garante possibilidades de utilização em qualquer situação, tanto no desenvolvimento quanto na interpretatividade discursiva.

Diferentemente de Platão, Aristóteles, na obra *Retórica*, acresce confiabilidade ao argumento. Enquanto que Platão confere negatividade à linguagem, como princípio de erro, Aristóteles confere papel de relevância e trata a argumentação como fonte de credibilidade.

As espécies de retóricas são três em número; pois outras tantas são as classes de ouvintes dos discursos. Com efeito, o discurso comporta três elementos: o orador, o assunto de que fala, e o ouvinte; e o fim do discurso refere-se a este último, isto é, ao ouvinte. Ora, é necessário que o ouvinte ou seja espectador ou juiz, e que um juiz se pronuncie ou sobre o passado ou sobre o futuro. O que se pronuncia sobre o futuro é, por exemplo, um

membro de uma assembleia; o que se pronuncia sobre o passado é o juiz; o espectador, por seu turno, pronuncia-se sobre o talento do orador. De sorte que é necessário que existam três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo, o judicial, e o epidíctico (ARISTÓTELES, 2005, p. 104).

O trecho supracitado distingue três tipos de argumentações: político, o qual Aristóteles vai anunciar como deliberativo; o forense, posto como judicial; e o cerimonial, que se caracteriza como epidíctico; que são respectivamente, relativos a eventos futuros, eventos passados e persuasão na habilidade oratória com o presente momento.

Enquanto que Platão, perante a tradição filosófica, inicia o percurso para reflexão acerca da linguagem no contexto da filosofia, será a partir de Aristóteles que surgirão as bases que delinearão toda a tradição filosófica, de tal forma, Aristóteles vai contribuir com grande influência na tradição filosófica, delimitando, através das obras *Da Interpretação* e *Retórica*, os dois principais caminhos com possíveis desdobramentos, na ordem: relação entre pensamento e linguagem (*Da Interpretação*) e a função da linguagem como comunicação (*Retórica*).

Seguindo o percurso histórico, Santo Agostinho¹⁹ em *De Magistro* (Do Mestre) tem no cerne da obra o tema da linguagem, no que diz respeito ao seu princípio e sua função no desenvolvimento do conhecimento, perpassando pela noção de inatismo presente no trecho em que Agostinho dialoga com seu filho:

AGOSTINHO — Que te parece que pretendemos fazer quando falamos? ADEODATO — Pelo que de momento me ocorre, ou ensinar ou aprender. AGOSTINHO — Vejo uma dessas duas coisas e concordo; com efeito, é evidente que quando falamos queremos ensinar; porém, como aprender? ADEODATO — Mas, então, de que maneira pensas que se possa aprender, senão perguntando? AGOSTINHO — Ainda neste caso, creio que só uma coisa queremos: ensinar. Pois, dize-me, interrogas por outro motivo a não ser para ensinar o que queres àquele a quem perguntas? ADEODATO — Dizes a verdade. [...] AGOSTINHO — Há todavia, creio, certa maneira de ensinar pela recordação, maneira sem dúvida valiosa, como se demonstrará nesta nossa conversação. Mas, se tu pensas que não aprendemos quando recordamos ou que não ensina aquele que recorda, eu não me

¹⁹ “Um dos grandes santos da fé católica, Agostinho produziu, segundo ele próprio, inacreditáveis 230 obras” (LAW, 2011, p. 256). Agostinho foi oriundo da região da África do Norte (atual Argélia); seu nascimento foi em 354 e sua morte datada no ano de 430.

ponho; e desde já declaro que o fim da palavra é duplo: ou para ensinar ou para suscitar recordações nos outros ou em nós mesmos; o que fazemos também quando cantamos; ou, por acaso, não te parece? ADEODATO — Não, absolutamente: porque muito raramente acontece que eu cante para lembrar-me, mas frequentemente para deleitar-me. (AGOSTINHO, 1980, p. 349-350).

Neste diálogo, Santo Agostinho quer assegurar que o conhecimento é algo inerente ao ser humano, ou seja 'luz interior'. Esse contexto idiossincrático é peculiar e faz parte do próprio ser humano, é dessa forma que houve a caracterização do que se conhece como inatismo: o que não se pode aprender, pois o ser humano já nasce com o conhecimento e só precisa ser despertado, pois está guardado desde sempre em seu íntimo, na alma.

A asseveração agostiniana tem base fundamentada na Teoria da Reminiscência de Platão, que afirmava haver dois mundos: o ideal e o humano. Através da dicotomia corpo/alma o ser humano era composto, e que, para a possibilidade de atingir o mundo ideal, o ser humano deveria transpassar por três fases: obter o conhecimento da verdade; apreciar o que é belo; e distinguir o bem do mal. Apenas após as três fases concluídas o ser humano ascenderia ao mundo ideal em que estaria pleno da sua alma, que é imortal e, desse modo, alcançaria a essência. No mundo ideal, através da essência, ou seja, da alma, o conhecimento seria alcançado. Esse conhecimento se tornará inerente à alma, mas quando houver o retorno da alma ao mundo humano, o conhecimento passará por um processo de esquecimento, pois a alma estará isolada ao corpo do ser humano logo no momento do nascimento. É durante a vida que acontecerá, de acordo com Platão, a Teoria da Reminiscência, que se relaciona a lembrar de fatos passados, recordar de algo que já foi aprendido no mundo ideal donde advém o conhecimento. De modo dialético, através de questionamentos e investigações é que se pode relembrar o que foi conhecido, assimilado, entendido no mundo ideal e trazer para o mundo humano.

Outro ponto interessante para presente pesquisa é o fato de Santo Agostinho desenvolver, em *De Magistro*, principalmente nos capítulos III, IV, V e VI a teoria dos signos, que será

[...] de grande influência na tradição filosófica e linguística [...] Após uma detalhada consideração da natureza do signo e do processo de comunicação [...] Santo Agostinho conclui, na linha das concepções tradicionais na Antiguidade (Platão, Aristóteles, os estoicos), que dada a sua convencionalidade – isto é, as palavras variam de língua para língua e são sinais arbitrários das coisas -, o signo linguístico não pode ter qualquer valor cognitivo mais profundo. Portanto, não é através das palavras que conhecemos, e assim sendo não podemos transmitir conhecimento pela linguagem. A possibilidade de conhecer supõe algo de prévio que torna inteligível a própria linguagem, ou seja: a luz interior (MARCONDES, 2010, p. 32).

De Magistro explanou possibilidades de dados que se fizeram fulcrais aos debates que abarcassem a essência e os procedimentos sobre a linguagem perante a tradição filosófica. Partindo da configuração do signo e se estendendo ao contexto da reflexão no tocante à linguagem, de acordo com Marcondes (2010, p. 32) “[...] a filosofia da linguagem agostiniana constituiu o ponto de partida de diferentes linhas de discussão até o pensamento contemporâneo”.

Ainda, em Santo Agostinho, a obra *A Doutrina Cristã*, expõe também sua teoria do signo, de modo introdutório, no livro 1 (*Sobre as verdades a serem descobertas nas escrituras*), capítulo II (*As coisas e os sinais*):

Toda doutrina reduz-se ao ensino das coisas e ao dos sinais. Mas as coisas são conhecidas por meio dos sinais. Portanto, acabo de denominar coisas a tudo o que não está empregado para significar algum outro objeto como, uma vara, uma pedra, um animal ou outro objeto análogo. [...]. Esses objetos, de fato, são coisas, mas nas circunstâncias mencionadas tornaram-se ao mesmo tempo sinais de outras coisas. Existem sinais, mas de outro gênero, cujo emprego se limita unicamente a significar algo, como é o caso das palavras (*verba*). Ninguém emprega as palavras a não ser para significar alguma coisa com elas. Daí se deduz que denomino sinais a tudo o que se emprega para significar alguma coisa além de si mesmo. É porque todo sinal é ao mesmo tempo alguma coisa, visto que, se não fosse alguma coisa, não existiria. Mas, por outro lado, nem toda coisa é ao mesmo tempo sinal (AGOSTINHO, 2002, 42-43).

Pode-se observar que a relação entre coisas e sinais acontece na compreensão de que para o conhecimento das coisas há a dependência de sinais quando ocorre a intenção da caracterização da coisa por ela mesma em seu significado.

Contudo, em uma leitura cuidadosa, é capaz de ser levantada, no trecho supracitado, a diferenciação clara que Agostinho faz entre: sinais-palavras e sinais-objetos, e mais, assevera e orienta ao cuidado de que sinal sempre será alguma coisa que se queira expressar, mas “[...] nem toda coisa é ao mesmo tempo sinal” (AGOSTINHO, 2002, p. 43).

Todavia, será no livro 2 (*Sobre os sinais a serem interpretados nas escrituras*), que Agostinho se debruçará com mais propriedade na caracterização do signo e a possibilidade correlacional com as coisas, pela essência da própria coisa em sua funcionalidade e significados. Logo:

Agora, ao tratar sobre os sinais (*de signis*), advirto que não se dê atenção ao que as coisas são em si, mas unicamente ao que significam [...] O sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta. Assim, por exemplo, quando vemos uma pegada, pensamos que foi impressa por um animal. Ao ver fumaça, percebemos que embaixo deve haver fogo. Ao ouvir a voz de um ser animado, damos-nos conta do estado de seu ânimo (AGOSTINHO, 2002, p. 85).

Ainda nessa obra, Agostinho continua a aprofundar sua teoria do signo, porém se mantém alinhado ao pensamento de que a compreensão da vida perpassa pela aceitação para atingir a compreensão, e é atrelada à religiosidade que ancora seus escritos.

Sinais convencionais (*data signa*) são os que todos os seres vivos mutuamente se trocam para manifestar – quanto a isso lhes é possível – os movimentos de sua alma, tais sejam as sensações e os pensamentos. Não há outra razão para significar, isto é, para dar um sinal, a não ser expor e comunicar ao espírito dos outros o que se tinha em si próprio, ao dar o sinal. É sobre esse tipo de sinais e o que se refere aos homens que determinei examinar e estudar aqui. E porque os sinais que nos foram comunicados por Deus, e que se encontram nas Santas Escrituras, foram-nos comunicados pelos homens que as escreveram (AGOSTINHO, 2002, p. 86-87).

Para Agostinho, face à extensão de suas obras, o que importava era compreender como linguagem e comunicação atuava na sociedade. A sua teoria do signo, ou a filosofia da linguagem agostiniana, estabeleceu possibilidades para diversas sendas de raciocínio durante séculos até o momento contemporâneo da história.

Adentrando no contexto da Idade Média, diante da tradição filosófica, é a *Summa Totius Logicae* de Guilherme de Ockham²⁰ que pontuará como sendo a obra que retoma o pensamento aristotélico acerca da linguagem. Para a teoria do significado de Ockham, Aristóteles será a fonte, e Ockham irá afirmar que em seu estudo acerca da teoria do significado e a relação com a mente

[...] as palavras são conceitos, entidades mentais associadas a elas. [...] e supõe a existência de uma *lingua mentis*, ou seja, de uma linguagem mental. A relação do termo, seja de natureza linguística ou mental, se dá com um objeto singular no mundo. Termos escritos ou falados têm uma relação convencional (“instituída”, segundo a terminologia da época) com objetos do mundo, e termos mentais têm uma relação natural com esses objetos. A relação entre palavras e objetos no mundo é intermediada pela relação mais fundamental entre o termo mental correspondente e aquilo que ele significa (MARCONDES, 2010, p. 38).

O que Ockham chama de: *termo de natureza linguística, termo de natureza mental, objeto singular no mundo*; Aristóteles anuncia, respectivamente, como: *palavra, conceito, coisa*. A obra de Ockham, nas palavras de Marcondes (2010), foi de relevante influência na Modernidade.

À medida que Agostinho manteve sua base em Platão acerca do inatismo e, em sua teoria do signo assevera que a base do conhecimento estava na ‘luz interior’, denotando que o domínio epistemológico perpassava pela abstração, Ockham tem influência advinda de Aristóteles, e não admite a presença de realidades abstratas, sendo considerado nominalista, pois, para Ockham, termos como “planta” não condiz com abstração alguma, mas, denomina-se às plantas em sua singularidade ou o conjugado de todas as plantas. Ockham, considerado a influência da Idade Média como projeção para os tempos vindouros, analisava desnecessário ampliar a realidade abstrata dos termos existentes, alegando que, ao se fazer tal ampliação, outras dificuldades surgiriam e ocultariam o caráter pleno e geral dos termos.

²⁰ “[...] era um franciscano [...] envolveu-se numa controvérsia com o papado que o levou à excomunhão, embora sua filosofia nunca tenha sido oficialmente condenada” (LAW, 2011, p. 269). Guilherme de Ockham foi oriundo da pequenina cidade Ockham, perto de Londres; nascido e falecido por volta do ano de 1285 e 1347, respectivamente.

A filosofia moderna teve em Descartes²¹ uma figura central. O cerne para Descartes era ter uma fundamentação do conhecimento que pudesse servir de alicerce à ciência da era moderna.

Descartes, na quinta Parte do *Discurso do Método*, explica sobre a criação do mundo, por Deus, até chegar, de modo cartesiano, na formação do ser humano. Descartes aponta acerca da linguagem, o quão díspares são as realidades entre humanos e a natureza animal no tocante à linguagem, tomando como fundamento de que a linguagem é princípio da racionalidade do ser humano. E diz

[...] que é algo extraordinário que não existam homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem nem mesmo a exceção dos loucos, que não tenham a capacidade de ordenar diversas palavras, arranjando-as num discurso mediante o qual consigam fazer entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não haja outro animal, por mais perfeito que possa ser, capaz de fazer o mesmo. E isso não ocorre porque lhes falem órgãos, pois sabemos que as pegas e os papagaios podem articular palavras assim como nós, no entanto não conseguem falar como nós, ou seja, demonstrando que pensam o que dizem; enquanto os homens que, havendo nascido surdos e mudos, são desprovidos dos órgãos que servem aos outros para falar, tanto ou mais que os animais, costumam criar eles mesmos alguns sinais, mediante os quais se fazem entender por quem, convivendo com eles, disponha de tempo para aprender a sua língua. E isso não prova somente que os animais possuem menos razão do que os homens, mas que não possuem nenhuma razão. Pois vemos que é necessário bem pouco para saber falar; e, se bem que se percebe desigualdade entre os animais de uma mesma espécie, assim como entre os homens, e que uns são mais fáceis de adestrar que outros, não é acreditável que um macaco ou um papagaio, que fossem os mais perfeitos de sua espécie, não igualassem nisso uma criança das mais estúpidas ou pelo menos uma criança com o cérebro confuso, se a sua alma não fosse de uma natureza totalmente diferente da nossa. E não se devem confundir as palavras com os movimentos naturais, que testemunham as paixões e podem ser imitados pelas máquinas e também pelos animais; nem pensar, como alguns antigos, que os animais falam, embora não entendamos sua linguagem: pois, se fosse verdade, visto que possuem muitos órgãos correlatos aos

²¹ “A eloquência e acessibilidade da prosa de Descartes inauguraram a filosofia ‘moderna’” (LAW, 2011, p. 277). René Descartes foi oriundo de La Haye, na Bretanha (França); nascido no ano de 1596, falecido no ano de 1650.

nossos, poderiam fazer-se compreender tanto por nós como por seus semelhantes (DESCARTES, s/d., p. 32).

A ênfase de Descartes era desenvolver uma “lógica do pensamento” em que a mente pudesse ser apta em reconhecer a realidade sob a égide das ideias representativas dos termos. Sob tal perspectiva seria construído o conhecimento científico e, a linguagem, seria tão somente uma manifestação falha do pensamento, destituindo-se, de tal modo, a linguagem de uma função epistemológica formativa.

Descartes vai influenciar os pensadores de Port-Royal²², em destaque Blaise Pascal, Antoine Arnould, Pierre Nicole e Claude Lancelot. A obra mais disseminada: *Lógica ou A arte de pensar*.

A lógica de Port-Royal é, assim, psicológica, ou seja, uma lógica que pretende representar o funcionamento do pensamento humano – as operações do intelecto no processo de conhecimento, a maneira pela qual as ideias (termo empregado no sentido cartesiano) representam a realidade e como, por sua vez, as palavras expressam as ideias –, afastando-se com isso do formalismo lógico (MARCONDES, 2010, p. 46).

A *Lógica* de Port-Royal abordou as representações adequadas da realidade em que analisava os significados das palavras em associações diretas com as ideias na intenção de superar o convencionalismo linguístico da tradição filosófica que era de interpor, entre signo linguístico e realidade, a mente.

Para os pensadores de Port-Royal o que importava era relacionar palavras e ideias, que na citação supracitada se pode observar que a realidade era representada pelas ideias e, com isso, diminuía falhas na linguagem, caracterizando, de tal modo, a dúplici funcionalidade característica da linguagem que é a representação da realidade e da comunicação humana.

Enquanto que para os pensadores de Port-Royal a ideia se configurava como sendo a realidade, para John Locke²³, a ideia era a apreensão da realidade

²² “Defensora de um catolicismo rigorista [...] a escola de pensadores com sede na abadia cisterciense de Port-Royal des Champs, nas proximidades de Paris, foi um centro de grande influência na França do século XVII, fechado pouco mais tarde por questões religiosas” (MARCONDES, 2010, p. 46).

através da experiência sensível e da reflexão. Tal afirmação seria a resposta à indagação que Locke faz em *Ensaio acerca do entendimento humano*, onde diz que “[...] a ideia é o objeto do pensamento. Todo homem tem consciência de que pensa e que quando está pensando sua mente se ocupa de ideias. [...] como elas são apreendidas?” (LOCKE, 1999, p. 57).

Para Locke, as ideias compõem a substância cognitiva das

[...] palavras, que são signos convencionais das coisas. As ideias representam as coisas porque se originam, em última instância, da experiência, da percepção sensível das coisas, dos processos de generalização, abstração e reflexão. Portanto, as palavras nos remetem às coisas por intermédio das ideias. É essa mediação que é recuperada pela análise semântica realizada por Locke, permitindo corrigir os abusos, equívocos e imprecisões que decorrem do uso comum, em que esse vínculo entre ideias e palavras nem sempre é levado em conta (MARCONDES, 2010, p. 57).

Em *Ensaio acerca do entendimento humano*, Locke dedica à linguagem todo o Livro III intitulado de *Palavras*, e vai considerar as palavras como “[...] sinais sensíveis, necessários para a comunicação” (LOCKE, 1999, p. 147). Com isso, externa que a linguagem é um importante caminho da comunicação por necessidade inerente do ser humano, independente do abuso ou falhas, acreditando que a comunicação é necessária e fundamental para a sociedade, e para evitar tal abuso sugere possibilidades de ‘remédios’, que dentre alguns, ele diz: “[...] uma pessoa deve tomar cuidado para não usar palavra sem significado, nem nome sem uma ideia mediante a qual é apoiado” (LOCKE, 1999, p. 201).

Locke foi considerado o filósofo moderno que principiou a fala contra o fato de a linguagem ser essencialmente fonte de erros, e destacou a relevância acerca do “[...] que ele denominou semiótica: o estudo dos signos e de seu significado”, segundo Marcondes (2010, p. 55).

²³ “Como o primeiro dos grandes filósofos empiristas ingleses, Locke quis determinar os limites do conhecimento humano” (LAW, 2011, p. 282). John Locke foi oriundo de Wrington (Reino Unido); nascido e falecido, respectivamente, nos anos de 1632 e 1704.

Quase um século depois, nos Estados Unidos, dois pensadores conhecidos por Edward Sapir²⁴ e Benjamin Lee Whorf²⁵ desenvolveram a hipótese *Sapir-Whorf*, que se caracterizava pelo entendimento de que a linguagem estava atrelada à visão de mundo pertencente a cada grupo social.

Considerada a principal obra, *A linguagem*, vão afirmar que a linguagem tem em seus fundamentos a característica de ser histórico-cultural. Sobre a hipótese de Sapir-Whorf, Marcondes (2010, p. 68) esclarece que:

[...] a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há portanto uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida.

Nesta obra, o autor expressa tacitamente que a linguagem não é biológica, não se encontra no âmbito apenas de atividade instintiva:

Há um fato que muito tem concorrido para fazer com que se deixe frequentemente de reconhecer a linguagem como o sistema meramente convencional de símbolos sonoros que na realidade é, induzindo o espírito popular a atribuir à atividade uma base instintiva, que absolutamente não existe. É a observação muito conhecida de que, sob a pressão de uma emoção, sob o acicade de uma dor súbita ou de uma alegria irrefreada, por exemplo, emitimos sons que as pessoas que nos ouvem, interpretam como indicativos da própria emoção. Há, entretanto, uma diferença cabal entre tais expressões involuntárias de sentimento e o tipo normal de comunicação de ideias em que consiste o falar. Aquelas emissões vocais são, com efeito, instintivas, mas também são não-simbólicas; em outros termos, um grito de dor ou alegria não indica, como tal, a emoção; não se apresenta por si, por assim dizer, para anunciar que determinada emoção está sendo sentida (SAPIR, 1980, p. 12).

Sapir (1980, p. 14) vai designar uma definição para o que vem a ser linguagem, afirmando que é “[...] um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos”. Sob tal panorama, pode-se conjecturar a

²⁴ “Edward Sapir (1884-1939) foi um antropólogo nascido na Alemanha, mas cujos pais emigraram para os Estados Unidos quando ainda criança” (MARCONDES, 2010, p. 67).

²⁵ Aluno de Edward Sapir, Benjamin Lee Whorf foi oriundo de Winthrop, Massachusetts (EUA); nascido no ano de 1897 e falecido em 1941.

possibilidade de se refletir acerca da linguagem não apenas como comunicação, mas, também, como cultura, e/ou se a linguagem interage no âmbito simbólico, dentro do contexto social e na configuração histórica de um povo, há a faculdade de asseverar que a linguagem é histórico-cultural.

A tradição filosófica confirma que foi a partir da hipótese de Sapir-Whorf que iniciou os debates para composições futuras entre “[...] antropologia linguística e da sociolinguística, originando assim um novo campo de estudos da linguagem em relação às ciências sociais” (MARCONDES, 2010, p. 68).

Ainda em terras norte-americanas, outro nome de destaque é o de Charles Sanders Peirce²⁶ que teve seus estudos reconhecidos posteriormente, pois ele alegava que a ciência deve flutuar na base falibilista, isto é, caracterizando-se como “[...] um conjunto de proposições hipotéticas e não de asserções” (MARCONDES, 2010, p. 72). Tal posição o manteve no ostracismo do âmbito intelectual.

Peirce, como filósofo matemático-lógico, direcionou seus estudos para a teoria geral dos signos, semiótica, no intento de analisar os signos e sua ação, sopesando à linguagem um carácter filosófico-científico.

Em relação ao signo, importa saber a divisão que Peirce propôs: ícone, índice, símbolo. Essa proposição em relação ao signo ganhou relevância por explicar as funcionalidades, propriedades, operacionalização do signo e o elo que mantém com os objetos quando se relaciona entre o ouvinte e o falante.

Peirce (2005, p. 64) considera o *ícone* como sendo um *Representâmen*²⁷

[...] cuja a Qualidade Representativa é uma sua Primeiridade como Primeiro. Ou seja, a qualidade que ele tem *qua* coisa o torna apto a ser um representâmen. Assim qualquer coisa é capaz de ser um Substituto para qualquer coisa com a qual se assemelhe. [...] Um Representâmen apenas por Primeiridade somente pode ter um Objeto similar. Assim, um Signo por Contraste denota seu objeto

²⁶ “Contra a tradição moderna em filosofia, sustentou que o conhecimento não era adquirido por um pesquisador solitário em busca de certeza, mas através da abordagem experimental de uma comunidade de pesquisadores examinando incertezas dentro de um sistema de crenças aceitas” (LAW, 2011, p. 313). Charles Sanders Peirce foi oriundo dos Estados Unidos; nasceu no ano de 1839 e faleceu no ano de 1914.

²⁷ Para Peirce, *Representâmen* significa Signo, que “é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado de *Objeto*, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado de seu *Interpretante*, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto (PEIRCE, 2005, p. 63).

apenas por força de um contraste [...] Um signo por Primeiridade é uma imagem de seu objeto e, em termos mais estritos, só pode ser uma *ideia*, pois deve produzir uma ideia Interpretante, e um objeto externo excita uma ideia através de uma reação sobre o cérebro.

Acerca da citação supracitada, o autor quer dizer que o *ícone* estará elencado a uma importância elementar na coisa ela própria e que servirá para comunicar juízos das coisas que simula facilmente por reprodução. No ícone não haverá relação ativa com o objeto representado. A título de exemplo, o *levantar o braço* em situação aleatória nada seria, mas, em contexto, pode ser um árbitro de futebol sinalizando algum ato dentro de uma partida de futebol.

No tocante ao *índice*, Peirce expõe em sua obra *Semiótica*, que é

[...] um Representâmen cujo caráter Representativo consiste em ser um segundo individual. [...] *Subíndices* ou *Hipossemas* são signos que se tornam tais principalmente através da conexão real com seus objetos. Assim, um substantivo próprio, um demonstrativo pessoal, um pronome relativo ou a letra que se aplica a um diagrama, denota o que denota em virtude de uma conexão real com seu objeto, mas nenhum desses elementos é um Índice, dado que não são individuais (PEIRCE, 2005, p. 66-67).

No caso em questão, aponta para o fato de que há uma relação na coisa de acordo com o elo existente às outras coisas, revelando possibilidades de correlações, através de uma relação física com elas, porém de pura reprodução ao contato estabelecido. Placas de trânsitos são ótimos exemplos, pois se alguém observar uma placa na esquina de uma rua com uma seta apontando para a esquerda, saberá automaticamente que é permitido entrar à esquerda.

E para *símbolo*, Peirce (2005, p. 71) expressa que também é um Representâmen (pois ainda está ligado ao Signo), mas que seu

[...] caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu Interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são Símbolos. Falamos em escrever ou pronunciar a palavra "man", (homem) mas isso é apenas uma *réplica*, ou corporificação da palavra, que é pronunciada ou escrita. A palavra, em si mesma, não tem existência embora tenha um ser real que *consiste* no fato que os existentes se *deverão* conformar a ela. [...] Um Símbolo é uma lei ou regularidade do futuro indefinido. Seu Interpretante deve obedecer à mesma descrição, e o mesmo deve acontecer com o Objeto imediato completo, ou significado.

Com isso, entende que para o *símbolo*, aponta-se a instância mediatória na coisa, ao passo em que a mente capta um juízo no que diz respeito à coisa, que se une à sua acepção através do contato com o objeto e isso abarca o grande contexto dos vocábulos, orações, discursos. Ou seja, *símbolo* pode ser qualquer coisa que alcance o contato entre a ideia e a palavra, perpassa pela associação da capacidade de imaginar palavras e coisas e unir em ações conjecturadas na mente face à realidade. Ou seja, vocábulos como “prato”, “avião”, “mochila”, “livro”, serão considerados símbolo, pelo fato de que são coisas que se conectam ao entendimento do próprio objeto com a realidade e seu vocábulo.

Apesar de destrinchar o *signo* em três unidades (*ícone*, *índice* e *símbolo*) para a compreensão do próprio signo dentro do contexto da comunicação, Peirce diz que, ao raciocinar o ser humano desenvolve uma amalgamação entre *ícone*, *índice* e *símbolo*, e que não se pode rejeitar qualquer uma das três unidades, pois o *signo* é caracterizado pela apreensão das diferentes atribuições de cada unidade.

Outro filósofo da matemática, o alemão Gottlob Frege²⁸ é identificado como um dos grandes lógicos contemporâneo pelo fato de ter sido o primeiro a se debruçar sobre a teoria do silogismo aristotélico, desenvolvendo a lógica matemática. Como contribuição para a Filosofia da Linguagem, está a sua teoria do significado, onde propõe que, para análise da teoria do significado, devem-se discutir três pontos fundantes: *sentido*, *referência* e *verdade*. Em sua obra *Lógica e Filosofia da Linguagem*, Frege (2009, p. 132-133) registra que o

[...] sentido de um nome próprio é apreendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que o nome próprio pertence; isto, porém, só de maneira parcial elucida a referência do nome, caso ele tenha uma. Para um conhecimento total da referência, exigir-se-ia que fôssemos capazes de dizer, de imediato, para cada sentido dado pertence ou não a essa referência. Isto, porém, nunca conseguiremos fazer. A conexão regular entre um sinal, seu

²⁸ “Fundador da tradição analítica em filosofia e um dos primeiros a desenvolver a lógica além de Aristóteles – abrindo caminho para o explosivo desenvolvimento da lógica moderna no séc. XX –, Frege buscou fundamentos seguros para a teoria dos números e influenciou enormemente a filosofia da linguagem” (LAW, 2011, p. 318). Gottlob Frege foi oriundo de Wismar, Alemanha; nasceu e faleceu nos anos de 1848 e 1925, respectivamente.

sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que uma referência (um objeto) pode receber mais de um sinal. E ainda, um mesmo sentido tem em diferentes linguagens; ou até na mesma linguagem, diferentes expressões. É verdade que exceções a essa regra ocorrem. Certamente, a cada expressão que pertença a um sistema perfeito de sinais deveria corresponder um sentido determinado; as linguagens naturais, porém, raramente satisfazem a essa exigência e deve-se ficar satisfeito se a mesma palavra, no mesmo contexto, sempre tiver o mesmo sentido. Pode-se talvez admitir que uma expressão sempre tenha um sentido, caso seja gramaticalmente bem construída, e desempenhe o papel de um nome próprio. Mas com isso não se quer dizer que sempre exista uma referência correspondente ao sentido. As palavras "o corpo celeste mais distante da terra" têm um sentido, mas é muito duvidoso que também tenham uma referência. A expressão "a série que converge menos rapidamente" tem um sentido, mas provavelmente não tem referência, já que para cada série convergente dada, uma outra série que converge menos rapidamente pode sempre ser encontrada. Portanto, apreender um sentido nunca assegura a existência de sua referência.

Sobre a citação acima, percebe-se que a referência do nome próprio para diferenciados tipos de signo se encontram, para as quais se têm: "[...] a referência de um nome próprio é o objeto designado; a referência de uma expressão predicativa é o conceito; e a referência de uma sentença é o valor de verdade" (MARCONDES, 2010, p. 82). Mesmo com as aproximações sobre *referência* e *sentido*, Frege estabelece distinções fundamentais. Para signos diferentes, encontram-se diversos tipos de referência. Ou seja, *referência* será caracterizada como algo a que esteja sendo referenciado, em que o signo será o seu referente; e, para *sentido*, estará relacionada à maneira de apresentação do próprio signo, por exemplo, 'foi a primeira presidenta eleita em nosso país' e 'foi a primeira presidenta impedita em nosso país', existem *sentidos* que se diferem, porém é o mesmo referente.

A não aceitação dos processos mentais subjetivos, desenvolvidos por pensadores e filósofos anteriores, fez com que Frege se preocupasse com o *conteúdo objetivo asserido*, designando como objeto investigativo do lógico. Frege desenvolve a análise conceitual de definições, o que se chamou de *análise dos significados*, que em sua teoria quebrará a continuidade dos padrões da tradição

filosófica e denotará tamanha relevância aos seus estudos, alinhando-o aos principais filósofos da linguagem na perspectiva analítica.

Chegamos a Ferdinand de Saussure²⁹, que influenciou a área da linguística, bem como outras áreas das ciências humanas com sua teoria denominada de *estruturalismo*. Com a obra de publicação póstuma, *Curso de linguística geral*, Saussure se propõe a estudar sobre a língua, considerando-a um *sistema de signos*. A ênfase recai face à análise da linguagem, sob a voga de ser um sistema composto por uma estruturação interna constitutiva dos signos oriundos do significado, permitindo a possibilidade de comunicação.

Como a língua é o ponto de partida, para Saussure (2006, p. 16-17), denota-se a relação do campo com o estudo da linguística, onde

[...] se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – psicologia, antropologia, gramática normativa, filologia etc. –, que separamos claramente da linguística, mas que por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. Há segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e torna-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Para Saussure, ao entonar que a língua é a diferenciação fundante enquanto objeto da linguística, ele também menciona a necessidade de tratar da diferenciação do *significado* e *significante*, termos advindos de *signo linguístico* que será a associação entre conceito e *imagem acústica*.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa

²⁹ “Ferdinand de Saussure (1857-1913), nascido em Genebra, foi um dos mais influentes linguistas do século XX. Sua teoria, que ficou conhecida como estruturalismo, [...] marcou profundamente o desenvolvimento não só da linguística, mas das ciências humanas contemporâneas” (MARCONDES, 2010, p. 88).

puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. [...] Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica. O signo linguístico é, pois uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura [*conceito; imagem acústica*] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Também é interessante, ao menos, pontuar o que a obra *Curso de linguística geral* expõe sobre a arbitrariedade do signo. Nesta, Saussure (2006, p. 82) recomenda ter cautela à palavra ‘*arbitrário*’, porque

O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro por exemplo.

Saussure (2006, p. 81) ao dizer que “[...] o signo linguístico é arbitrário” coaduna com a tradição filosófica, contudo a própria tradição filosófica mantém a afirmação de que o símbolo é completamente arbitrário e é nesse ponto que acontece a ruptura por parte de Saussure.

Se Saussure é considerado de grande influência, o que dizer de Bertrand Russell³⁰? Conceituado o filósofo mais difundido, pois a amplitude de seus estudos contribuiu desde a Lógica à Filosofia da Linguagem, perpassando por estudos pedagógicos.

Falar de Russell é fazer o elo imediato à filosofia, em específico ao que concerne à matemática, pois a relevância de seus esforços foi a de sintetizar a aritmética ao âmbito da lógica. Outro grande destaque, e de relevância para a

³⁰ “Russell acreditava que a linguagem comum encerra todo tipo de confusões e que reformular os problemas filosóficos de uma maneira logicamente precisa nos permitiria resolvê-los. Isso o levou a desenvolver uma teoria sobre o que torna uma linguagem significativa, conhecida como atomismo lógico” (LAW, 2011, p. 322). Bertrand Russell foi oriundo de Trellech (Reino Unido); nasceu no ano de 1872 e faleceu no ano de 1970.

Filosofia da Linguagem, foi ter desenvolvido a teoria do *atomismo lógico*, que preconizava o fato de que:

[...] a linguagem comum encerra todo tipo de confusões e que reformular os problemas filosóficos de uma maneira logicamente precisa nos permitiria resolvê-los. Isso o levou a desenvolver uma teoria sobre o que torna uma linguagem significativa, conhecida como atomismo lógico. Segundo essa teoria, o significado de um termo é aquilo que ele representa, e sentenças significativas devem refletir o estado das coisas do mundo; com isso, seu significado será finalmente baseado em nossa experiência. A análise filosófica de sentenças formulada em linguagem comum deveria ser capaz de decompô-las em sentenças “atômicas” simples (LAW, 2011, p. 322).

Argumentava Russell, que tais sentenças da esfera do *atomismo lógico* atingem o fato de serem reconhecidas de modo direto, bem como havia a possibilidade de alegar e apontar a verdade de substância que concerne a uma inteligência simples.

A teoria das descrições também foi (e ainda é), avaliada como uma das mais importâncias à filosofia da linguagem sob a perspectiva da

[...] tradição filosófica analítica. A teoria das descrições parte da concepção de que a forma gramatical das sentenças não representa sua forma lógica, a qual deve ser revelada ou explicitada submetendo-se as sentenças a uma análise lógica (MARCONDES, 2010, p. 97).

Russell, ainda no contexto da teoria das descrições, levanta a consideração sobre *descrições definidas* como sendo declarações que ao indicar sujeitos que se aproximem a denominações oportunas, não consiste em serem tais denominações oportunas. Será por meio do método de análise que se fará a decomposição das sentenças no intento de investigar a veracidade das denominações oportunas.

O exemplo clássico é a análise a que Russell submete a sentença “O atual rei da França é careca”. Uma vez que não existe um rei da França, a sentença não pode ser considerada verdadeira. Porém, tampouco é falsa, pois não podemos dizer que o atual rei da França não é careca. Também não podemos considerá-la sem sentido, uma vez que pode perfeitamente ser compreendida. A análise lógica virá então para resolver esse impasse e o problema ontológico da existência e entidades correspondentes às descrições definidas (MARCONDES, 2010, p. 97-98).

A questão da superficial contravenção referente ao princípio do terceiro excluído será resolvida através do método de análise. Logo, acontecerá por meio da análise lógica da linguagem a possibilidade de achar os subsídios constitutivos das condições propagadas na linguagem. O cargo da análise lógica da linguagem é definir os elementos derradeiros que sejam constitutivos de uma ocorrência no contexto real.

Seguindo o mesmo raciocínio de Russell, no que refere ao modo gramatical e ao modo lógico da linguagem de não haver afinidades entre os dois modos, Ludwig Wittgenstein³¹ expõe inicialmente em sua obra *Tractatus logico-philosophicus*. Alega que várias questões da tradição filosófica surgem a partir de uma compreensão equivocada da linguagem por não compreender o modo autêntico da lógica e da forma relacionada com a realidade.

Em *Tractatus logico-philosophicus*, Wittgenstein (1968, p. 66-67) explana

Na linguagem corrente amiúde acontece que a mesma palavra designa de modos diferentes – pertencendo, pois, a símbolos diferentes – ou ainda duas palavras na proposição superficialmente da mesma maneira. Assim a palavra “é” aparece como cópula, como sinal de igualdade e expressão da existência; “existir”, enquanto verbo intransitivo do mesmo modo que “ir”; “idêntico”, enquanto adjetivo: falamos a respeito de algo, mas também de que acontece. (Na proposição “Rosa é rosa” – onde a primeira palavra é nome de pessoa e a última é adjetivo – ambas as palavras não têm apenas denotações diferentes, mas constituem símbolos diferentes.).

Observando a citação acima, fica claro que Wittgenstein pretendeu elucidar como se procede a análise da relação linguagem, enquanto articulações complexas, e a realidade, que também é considerado por Wittgenstein como articulações complexas.

Enquanto, por tradição filosófica, grande parte dos estudiosos se debruçou em “[...] como a linguagem *deve* tratar uma questão, a abordagem de Austin aos

³¹ “Por sua natureza fragmentária, assistemática, provisória, por suas idas e vindas, constantemente retomado e refeito, seu pensamento exige que o leitor nele se engaje, pense junto com o filósofo, compartilhe suas perplexidades, aceite seus desafios, discuta suas conclusões, sendo assim indissociável do próprio estilo em que foi elaborado, que se apresenta como um filosofar em processo” (MARCONDES, 2010, p. 103). Ludwig Wittgenstein foi oriundo de Viena; nascido no ano de 1889 e falecido no ano de 1951.

problemas filosóficos consistia em analisar rigorosa e meticulosamente como a linguagem realmente opera no uso comum” (LAW, 2011, p. 338).

John Langshaw Austin³² tem destaque na Filosofia da Linguagem, bem como em outras áreas do conhecimento, pela originalidade em tratar na sua obra *Quando dizer é fazer, os atos da fala*, considerada a teoria que irá tratar da utilização da linguagem na especificidade da conjuntura real dos atos com resoluções objetivas.

Que nome daríamos a uma sentença ou a um proferimento desse tipo? Proponho denomina-la sentença performativa ou proferimento performativo, ou, de forma abreviada, “um performativo”. O termo “performativo” será usado em uma variedade de formas e construções cognatas, assim como se dá com o termo “imperativo”. Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está – se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo (AUSTIN, 1990, p. 25).

Ou seja, ao se apropriar da situação, na linguagem, sob o prisma da performatividade, Austin afirma que utilizar a linguagem é o mesmo que fazer atos, e não um simples fato de narrar o real que se apresenta na sociedade.

Tão original quanto Austin foi Martin Heidegger³³, filósofo alemão e também de influência ampla no século XX. Os estudos de Heidegger eram voltados para a *ciência do ser*, buscando na essência do *ser* a sua atuação no mundo, fugindo da posição que a tradição filosófica vinha desenvolvendo, que era de querer conhecer o *ser*.

O ponto de partida para a proposição de Heidegger vem de Platão, em sua *Alegoria da Caverna*, onde ele percebe que a interpretação da palavra *verdade*, em grego (*alétheia*), estava historicamente alicerçada com a tradução de desvelar, descobrir; logo, Heidegger compreende que “[...] *verdade* tem, portanto, um

³² A “abordagem de Austin aos problemas filosóficos consistia em analisar rigorosa e meticulosamente como a linguagem realmente opera no uso comum” (LAW, 2011, p. 338). John Langshaw Austin foi oriundo de Lancaster (Reino Unido); nascido e falecido nos anos de 1911 e 1960, respectivamente.

³³ “Sua preocupação era com a ‘ciência’ do ser, e sua ‘ontologia fundamental’ enfatizava o que é *ser* no mundo, e não o empenho da filosofia em *conhecê-lo*” (LAW, 2011, p. 328). Martin Heidegger foi oriundo da Alemanha; nascido no ano de 1889 e faleceu no ano de 1976.

sentido primordialmente ontológico, significando o mostrar-se do Ser” (MARCONDES, 2010, p. 122).

Com isso, coloca no centro dos estudos o ser e suas manifestações. Ao associar o fator *tempo*, Heidegger compreende o ser, que se faz presente no momento em que atua atrelados às preocupações do passado e do futuro. Logo, o tempo será composição fundante do ser.

Em sua obra *Carta sobre o humanismo*, a relação do homem com o próprio ser é marcante e asseverada através da linguagem, dispensando o posicionamento da tradição filosófica que caracterizava a linguagem como sendo um meio comunicativo, mas firmando a linguagem como pertencente ao ser.

Consumar significa desdobrar alguma coisa até à plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que todavia “é”, antes de tudo, é o ser. O pensar consome a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas a oferece ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nessa habitação do ser mora o homem (HEIDEGGER, 2005, p. 8-9).

Se Austin britânico e Heidegger alemão foram considerados originais em suas formas de pensar, da parte francesa há Michel Foucault³⁴ com suas obras impactando não só a filosofia, mas a psicologia e as ciências sociais como um todo.

Foucault, e seu método, enfatizou o discurso, direcionando para análise das formações discursivas. A obra que a Filosofia da Linguagem se apropria é *A Arqueologia do Saber*, em que Foucault vai à fonte de “[...] várias teorias contemporâneas, inclusive a noção de performativo de Austin, para formular a sua própria noção de discurso” (MARCONDES, 2010, p. 127).

³⁴ “A obra de Foucault funde história e filosofia, na medida em que ele investiga o complexo de crenças que caracteriza diferentes práticas culturais em diferentes épocas, expondo seu uso no controle social e revelando a natureza historicamente condicionada das relações de poder existentes” (LAW, 2011, p. 342). Michel Foucault foi oriundo da França; nasceu e faleceu, respectivamente nos anos de 1926 e 1984.

Em *A ordem do discurso*, um texto produzido da década de 70 e oriundo de *A arqueologia do saber*, analisa o ponto do poder do discurso, que: intenciona ser divulgado; transformar o entendimento de quem ouve; e manter-se circulando perante os que ouviram tal discurso.

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é o *interdito*. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: longe de ser um elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, algumas dos seus mais temíveis poderes. O discurso, aparentemente, pode até nem ser nada de por aí além, mas no entanto, os interditos que o atingem, revelam, cedo, de imediato, o seu vínculo ao desejo e o poder. E com isso não há com que admirarmo-nos: uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos (FOUCAULT, 2002, p. 2).

Foucault relata que o poder perpassa pelo discurso do não dito. Porém, outra passagem tanto interessante está quando se expressa a vontade de verdade, em que não apenas impera o não-dito, mas a necessidade de controle do não-dizer a verdade e manter essa omissão como a verdade que se precisa manter e ser repassada.

Ora esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, claro, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas é também reconduzida, e de um modo mais profundo sem dúvida, pela maneira como o saber é disposto numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certa

forma, atribuído. E creio que esta vontade de verdade, por fim, apoiando-se numa base e numa distribuição institucionais, tende a exercer sobre os outros discursos — continuo a falar da nossa sociedade — uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento. Dos três grandes sistemas de exclusão que incidem sobre o discurso, a palavra interdita, a partilha da loucura e a vontade de verdade, foi no terceiro que eu mais me demorei. Pois é na sua direcção que os primeiros se têm constantemente encaminhado, há séculos a esta parte; porque, cada vez mais, ele visa tomá-los a seu cargo, para ao assim os modificar e fundar; porque, se os dois primeiros se tornam cada vez mais frágeis, mais incertos, na medida em que agora são atravessados pela vontade de verdade, esta, pelo contrário, cada vez mais se reforça, tornando-se mais profunda e mais incontornável. E no entanto, é sem dúvida dela que menos se fala. Como se a vontade de verdade e as suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade na sua explicação necessária. E a razão disso talvez seja esta: se, com efeito, o discurso verdadeiro já não é, desde os Gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, o que é que, no entanto, está em jogo na vontade de verdade, na vontade de o dizer, de dizer o discurso verdadeiro — o que é que está em jogo senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, separado do desejo e liberto do poder pela necessidade da sua forma, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade que desde há muito se nos impôs é tal, que a própria verdade — que a vontade de verdade quer — mascara a vontade de verdade (FOUCAULT, 2002, p. 4-5).

Observa-se que Foucault desenvolveu seu método de investigação à manifestação histórica das composições e dos aparelhos de comando imperados e construídos na sociedade. O comprometimento de Foucault acontece no entendimento de como o discurso operava, oprimindo o social e, se houver a compreensão dos processos dos discursos, de acordo com o autor, existirá a possibilidade de barrar a tentativa de controle imperiosa que recai sobre a sociedade, podendo engendrar possibilidades outras de conviver em sociedade.

Outro francês que tem destaque é Maurice Merleau-Ponty³⁵, sob a ótica fenomenológica e, dentre suas obras há duas com maior ênfase para a Filosofia da Linguagem: *Fenomenologia da Percepção* e *A Prosa do Mundo*.

³⁵ “[...] a linguagem, no estado nascente e vivo, é o gesto de retomada e de recuperação que me reúne a mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 48). Maurice Merleau-Ponty foi oriundo da França; nasceu no ano de 1908 e faleceu no ano de 1961.

Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da Percepção*, abarca “a reflexão sobre o corpo, a consciência, a racionalidade” (NÓBREGA, 2011, p. 129). Quando Merleau-Ponty adentra na percepção do corpo fenomenológico no que diz respeito à expressão do *ser no mundo sensível*, assevera que

A operação de expressão, quando é bem-sucedida, *não* deixa apenas um sumário para o leitor ou para o próprio escritor, ela faz a significação existir como uma coisa no próprio coração do texto, ela a faz viver em um organismo de palavras, ela a instala no escritor ou no leitor como um novo órgão dos sentidos, abre para nossa experiência um novo campo ou uma nova dimensão. Essa potência da expressão é bem conhecida na arte e, por exemplo, na música. A significação musical da sonata é inseparável dos sons que a conduzem: antes que a tenhamos ouvido, nenhuma análise permite-nos adivinhá-la; uma vez terminada a execução, só poderemos, em nossas análises intelectuais da música, reportar-nos ao momento da experiência; durante a execução, os sons não são apenas os "signos" da sonata, mas ela está ali através deles, ela irrompe neles (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 248).

O entendimento sobre a percepção da expressão abrange não apenas o ato comunicativo, mas também o contexto da expressão enquanto emoção. Quando, no tocante à experiência, o *ser no mundo sensível* ao se apropriar da expressão será amparado pelas experiências de mundo que abarca seu contexto para a possibilidade de entendimento das significações que lhes chegam.

Em *A Prosa do Mundo*, Merleau-Ponty expõe “[...] uma compreensão de linguagem e de significação que ultrapassa a ideia de um sujeito consciente ou de significações no plano linguístico” (NÓBREGA, 2011, p. 129). Um interessante exemplo, a título de analogia, que Merleau-Ponty apresenta é a relação da pintura e linguagem, e diz que

Como a mesma operação expressiva funciona aqui e ali, é possível considerar a pintura sobre o fundo da linguagem e a linguagem sobre o fundo da pintura, e isso é necessário se quisermos subtraí-las a nosso hábito, à falsa evidência do que parece natural. Nossa comparação entre a linguagem e a pintura só é possível graças a uma ideia da expressão criadora que é moderna, e durante séculos os pintores e os escritores trabalharam sem suspeitar seu parentesco. [...] Como a linguagem, a pintura vive primeiro no ambiente do sagrado exterior. Elas não conhecem seu próprio milagre a não ser como enigma, no espelho de um Poder exterior. A transmutação que operam do sentido em

significação, é homenagem ao Ser que elas julgam-se destinadas a servir. (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 94-95).

Nesta passagem fica tácito que para Merleau-Ponty é possível dialogar díspares tipos epistemológicos, a exemplo do âmbito científico, bem como a filosofia e as artes, e no contexto das artes há possibilidades de conjecturar possibilidades que não são exclusivas como modos de comunicação, mas transpassa pelo emotivo, sensorial, sendo formas outras de conhecimento cultural das sociedades.

E para findar esse nosso percurso, chegamos a Mikhail Bakhtin³⁶, filósofo russo, que com uma vida turbulenta, entre mudanças de cidades, prisões e doença, na época, não obteve evidência em sua carreira. Contudo, “[...] de 1918 a 1920, foi professor em Nevel, onde constitui um círculo de amigos que vai manter-se e ampliar-se e que, mais tarde será conhecido como *Círculo de Bakhtin*” (FIORIN, 2016, p. 12).

As obras de Bakhtin começaram a chegar ao mundo ocidental nos idos de 1967, porém é de comum acordo nos âmbitos acadêmicos que ler Bakhtin não é tarefa fácil, como expressa Fiorin (2016, p. 18)

Essa dificuldade de leitura da obra bakhtiniana fez aparecer diversos Bakhtins. Há um Bakhtin pós-modernista. Afinal, ele posicionou-se contra o que se convencionou chamar as grandes narrativas do final do século XIX e do início do século XX, criticou o estruturalismo, a psicanálise, o formalismo, não foi existencialista, não aderiu propriamente ao marxismo, negou o coletivismo. Mostrou que todas as explicações totalizantes eram monológicas. Daí se conclui que não foi modernista. Por outro lado, o acento de sua obra na alteridade, na fragmentação, na energia centrífuga, na rejeição das forças centrípetas, na carnavalização com sua luta contra a autoridade, na negação das diferenças entre cultura popular e cultura erudita, na não hierarquia, no relativismo fez dele um ícone dos teóricos da pós-modernidade. No entanto, Bakhtin recusaria um relativismo total que faz surgirem novos monologismos: as seitas totalitárias, os mitos nacionais, a xenofobia, o fundamentalismo...

³⁶ “A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas ‘imanescentes’ consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico. E essa base de partida deve ser traçada e elaborada pelo próprio marxismo” (BAKHTIN, 2006, p. 39). Mikhail Bakhtin foi oriundo de Orel (Moscou); nasceu no ano de 1895, e faleceu no ano de 1975.

Considerado um dos estudiosos mais copiosos, mais inexauríveis do século XX, Bakhtin influenciou e ainda influencia as mais diversas correntes filosóficas. O Círculo de Bakhtin deixou duas grandes heranças. Uma, que era conhecida como *prima philosophia*, de acordo com Faraco (2009, p. 16) correspondia “[...] à crítica do que ele chama de teoreticismo, isto é, as objetificações da historicidade vivida, obtidas pelos processos de abstração típicos da razão teórica”; a outra, denominada de *teoria da superestrutura*, que intencionava fornecer subsídios para a constituição teórica das leituras de Marx, o qual perpassava pela “[...] produção e dos produtos do ‘espírito’ humano” (FARACO, 2009, p. 17).

Para o panorama da Filosofia da Linguagem, muito interessa a *prima philosophia*, pois o Círculo de Bakhtin elaborou ponderações que possibilitaram fazer inferências acerca da linguagem, a saber: unicidade do ser e do evento; arrolamento entre eu/outro; elemento axiológico do ser humano.

Sobre a unicidade do ser e do evento, Bakhtin sopesava que havia dois mundos, o da teoria e o da vida, asseverava que não havia comunicação entre esses dois mundos e que só haveria a possibilidade de relacionamento entre tal dicotomia de mundos apenas “[...] quando se subsumir a razão teórica na razão prática, entendida esta como a razão que se orienta pelo evento único do ser pela unicidade de seus atos efetivamente realizados” (FARACO, 2009, p. 19).

Essa unicidade, do ser, acontece no ato próprio do indivíduo concreto e único, mas, o *eu* não é sozinho no mundo, logo, existe o *outro* que se relaciona com o *eu*.

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos (FARACO, 2009, p. 21-22).

Logo, nesta citação, se entremeia o terceiro eixo do elemento axiológico, fazendo-se compreender que cada ato intenciona tomar partido no que diz respeito aos valores inerentes entre o *eu* e o *outro*, que irá conviver e agir dentro

de um mundo repleto de valores e, face à análise de Faraco (2009, p. 22), cada ato será “[...] gestos axiologicamente responsivo num processo incessante e contínuo”.

Das produções que envolvem Bakhtin, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* é a que vai tratar com profundidade sobre a teoria do *signo* e do *significado*. Também vai abordar uma análise ao

[...] objetivismo abstrato em linguística nos mesmos pressupostos: a consciência do falante não se orienta pelo sistema da língua, mas pelo novo, pelo irrepetível do enunciado, pelo concreto de sua singularidade, pelo seu horizonte social avaliativo (FARACO, 2009, p. 23).

Acerca do *signo*, no Capítulo 1, *Estudos das Ideologias e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin (2006, p. 31) já externa que “[...] tudo que é ideológico possui um *significado* [...] [e continua] tudo o que é ideológico é *signo*”, pois para o autor um fruto ideológico é pertencente ao real concreto em que o ser se faz presente, sendo um meio de *produção* ou *produto de consumo*. Mas Bakhtin (2006, p. 33) vai além, e expõe que

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.

Portanto, a objetivação se faz presente no *signo* e sua realidade, possibilitando investigações de método objetivamente único. E, se cada *signo* é confeccionado no âmbito social, logo suas consequências serão reverberadas através de ações de poder em experiências reais do ser entre as próprias relações sociais.

E, mesmo ficando claro, as ponderações sobre *signo* e suas análises, o próprio filósofo vai asseverar que “[...] o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem” (BAKHTIN, 2006, p. 33). E esse é, possivelmente, o ponto de partida para futuras pesquisas entre linguagem e educação física.

Face ao perscrutado nessa seção, sobre a Filosofia da Linguagem, houve a possibilidade de conjecturar as categorias empíricas pertinentes para a presente pesquisa. Desta forma passamos a explicitá-las:

LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE - relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade. Os estudos que propiciaram essa categoria empírica foram oriundos de Sapir-Whorf, Frege, Wittgenstein, Austin, Bakhtin.

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO - o corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais. Tal categoria empírica se alinhou com os estudos de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Ockham, Port-Royal, Locke, Sapir-Whorf, Peirce, Frege, Saussure, Russell Wittgenstein, Merleau-Ponty, Bakhtin.

LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO - compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação. A aproximação se fez com base dos estudos de Aristóteles, Locke, Sapir-Whorf, Merleau-Ponty, Bakhtin.

LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO - realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal. Estudos de Austin, Peirce, Bakhtin confluíram para o levantamento dessa categoria empírica.

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER - a essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade. Dois pensadores possibilitaram o entendimento dessa categoria empírica, são eles Heidegger e Merleau-Ponty.

LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO - a linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano. Os estudos de Sapir-Whorf, Merleau-Ponty apontam para essa categoria empírica.

LINGUAGEM-CORPO COMO PODER - O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão. A aproximação conceitual acerca de linguagem como poder se procede através dos estudos de Foucault.

Haverá a articulação das Classificações/Categorias Empíricas, que foram apresentadas nesse capítulo, com as produções mapeadas e que se fazem presentes no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

PRODUÇÃO SOBRE LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo, apresentaremos o mapeamento das produções da área de educação física sobre linguagem. Para tal separamos em dois blocos: produções oriundas de periódicos nacionais e produções oriundas de programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

3.1 Linguagem – Produção na Educação Física: artigos científicos

Ao fazer o mapeamento das produções acadêmicas no formato de artigo científico que apontam para educação física e linguagem, os dados quantitativos indicam 52 artigos do total de 4205 pesquisados. Essa porcentagem de 1,21%, refere-se a artigos que foram publicados em revistas no âmbito da educação física nos estratos mais elevados da *WebQualis* e que abordam conceitos sobre linguagem e educação física e/ou fizeram aproximações conceituais sobre/com a temática.

A partir de agora apresentamos a discriminação dos dados por estrato.

Importante destacar que nenhum artigo do *WebQualis* Capes A1 foi incluído na pesquisa, pois um dos critérios para a inclusão foi ter sua versão em português.

No estrato A2 duas revistas atenderam aos critérios de inclusão, a revista *Motriz* e a *Movimento*.

Na revista **Motriz** foram encontrados 8 artigos, em que 1 artigo continha o descritor *expressão corporal*, 1 continha o descritor *linguagem corporal*, 3 continham o descritor *linguagem* e 3 continham o descritor *educação física AND corp**.

A seguir apresentamos a relação dos artigos com as categorias empíricas, conforme tabela 03:

Tabela 03 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Motriz

MOTRIZ					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop	ALVES, Flávio S.; DIAS, Romualdo	Expressão artística e de possibilidade de criação num contexto de intrínseca urbanização.	6
		Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa	PRADO, Wagner M. do; RIBEIRO, Arlida I. M.	Interlocuções entre corpo, gênero, identidade e cultura corporal de movimento.	
		Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil	KUSSUNOKI, Sandra A. Q.; AGUIAR, Carmen M.	Cultura corporal em relação à dança em movimentos.	
		Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira	DIAS, João C.	Escarificações no corpo, marcadas pela relação do sujeito com o mundo e com o outro, mediado pela cultura.	
		Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais	LADEIRA, Maria F. T.; DARIDO, Suraya C.	Diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão.	
		Educação Física como linguagem	DUARTE, Leticia R.	A importância do conceito da cultura para observar o movimento corporal.	
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop	ALVES, Flávio S.; DIAS, Romualdo	Combinações de esforços corporais reconhecendo-as enquanto símbolos de uma inexplicável experiência.	5
		Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira	DIAS, João C.	Uma leitura do corpo como símbolo.	
		Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais	LADEIRA, Maria F. T.; DARIDO, Suraya C.	Significados dos signos presentes na linguagem corporal.	
		Educação Física como linguagem	DUARTE, Leticia R.	Movimentos e os gestos corporais têm dimensão simbólica expressiva	

			Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	SANTOS, Marlene de F. dos; MARCON, Daniel; TRENTIN, Daiane T.	Linguagens como constituidoras de significados, conhecimentos e valores.	
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil	O corpo fala?	KUSSUNOKI, Sandra A. Q.; AGUIAR, Carmen M.	Apropriação pelas possibilidades da cultura corporal enquanto comunicação.	5
		Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira	Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais	GAIRSA, José Â.	O significado das palavras depende do não verbal/ expressão corporal, via linguagem não-verbal enquanto comunicação.	
				DIAS, João C.	Construção de uma memória inscrita no gesto, no corpo, em uma comunicação permanentemente aberta ao inesperado.	
				LADEIRA, Maria F. T.; DARIDO, Suraya C.	Expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos na escola.	
				SANTOS, Marlene de F. dos; MARCON, Daniel; TRENTIN, Daiane T.	É nas aulas de Educação Física que os alunos darão início à produção de textos e à leitura dos diferentes textos corporais.	
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.	A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop	Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa	ALVES, Flávio S.; DIAS, Romualdo	Movimento como infinitas possibilidades de expressão representativa.	3
				PRADO, Vagner M. do; RIBEIRO, Arilda I. M.	Linguagem que passam a dar sentidos aos pensamentos, ações e identidade.	
				SANTOS, Marlene de F. dos; MARCON, Daniel; TRENTIN, Daiane T.	Linguagem que permite aos seus participantes agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.	
LINGUAGEM-CORPO: A	A essência do Ser e sua atuação no	Educação Física como linguagem		DUARTE, Leticia R.	É através do corpo e da experiência de vivenciá-lo no	1

ESSÊNCIA DO SER	mundo que se expressa em busca da verdade.			mundo que é possível apreender a essência e a existência.	
-----------------	--	--	--	---	--

A compreensão do contexto da análise de conteúdo se faz possível tal como um conjugado de recursos metodológicos

[...] em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). Quanto a interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise (SILVA; FOSSÁ, 2013, p. 3).

Alinhando-se à citação supracitada, e compreendendo que a linguagem não é unilateral, bem como foi exposta nesta pesquisa³⁷ (pois a linguagem pode confluir para além da atuação enquanto comunicação, perpassando pelo entendimento de que a linguagem surge, também, como poder, ação, emoção, sentidos e significados, cultura, história, realidade e essência do ser), houve a necessidade, após a leitura dos artigos, dissertações e tese de que seria incoerente, no mínimo ingênuo, enquadrar as produções em apenas uma categoria, havendo produções que se encontram em duas ou mais categorias ao mesmo tempo, pois, os conteúdos das produções dialogavam com dispares vertentes epistemológicas que permitiram tais inserções.

Logicamente que há algumas produções que se compraz em uma única categoria, como foi o caso do artigo *O corpo fala*, em que o foco é a comunicação através do corpo e afirma que “[...] a linguagem corporal é então o mais profundo dos meios de comunicação” (GAIARSA, 2003, p. 86).

O artigo supracitado está localizado na Classificação/Categoria Empírica³⁸ LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO, com mais 4 artigos, a citar: *Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil*, alegando que o “[...] homem se expressou antes pela linguagem do corpo e posteriormente pela fala e escrita” (KUSSUNOKI; AGUIAR, 2009, p. 708); *Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira*, esse artigo expressa que no “[...] corpo inscrevem-se narrativas, acontecimentos que marcam e se materializam no

³⁷ Ver na seção: 2.2.1 – Aproximações Conceituais: principais referências.

³⁸ Essa relação entre as categorias empíricas estarão alinhadas tanto nos artigos quanto com nas dissertações e tese.

corpo” (DIAS, 2010, p. 620) denotando que a comunicação está presente no corpo marcado por fatores que serão expressos pelo próprio corpo, veículo comunicativo do sujeito; *Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais*, que expõe que “[...] o processo de comunicação é estabelecido através do corpo” (LADEIRA; DARIDO, 2003, p. 38); *Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, apresenta a partir do diálogo com documentos oficiais que é o “[...] uso da linguagem corporal – que estimula a comunicação em distintas culturas e contextos” (SANTOS; MARCON; TRENTIN, 2012, p. 572).

Na Classificação/Categoria Empírica LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE estão localizados 5 artigos. A título de exemplo tem-se: *A dança Break: corpos e sentidos no movimento no Hip-Hop*, este artigo aponta a função do Break que é de ser uma “[...] linguagem artístico-corporal, [e de] mostrar o discurso do corpo, na sua relação consigo mesmo e nas relações que se estabelecem entre o corpo e o real” (ALVES; DIAS, 2004 p. 5); bem como: *Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira*, afirmando que “[...] a capoeira é compreendida como um sistema cultural” (DIAS, 2010, p. 621) que se faz presente no corpo e nos movimentos dos capoeiristas pertencentes ao contexto sociocultural e histórico.

No decorrer das apresentações das tabelas da presente pesquisa seguirão alguns³⁹ exemplos extraídos das próprias tabelas para contextos de esclarecimentos.

Na revista **Movimento**, foram 10 artigos encontrados, dos quais: 1 continha o descritor *expressão corporal*, 2 continham o descritor *linguagem* e 7 continham o descritor *educação física AND corp**.

Todas as Classificações/Categorias Empíricas apareceram nos artigos da revista Movimento face às inferências, ver a tabela 04:

³⁹ Para não tornar uma leitura repetitiva, apenas alguns exemplos serão expostos no corpo do texto. Para mais observação, ver respectivas tabelas e correlações com as produções.

Tabela 04 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Movimento

MOVIMENTO					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	Feminilidades e masculinidades na cena contemporânea: análise do espetáculo caminho da seda - Raça Cia de Dança de São Paulo Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais A comunicação corporal no jogo de goalball Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na educação infantil Do giro linguístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em educação física	ASSIS, Marília D. P. de; MARQUES, Danieli A. P.; ROBLE, Odilon J.; SARAIVA, Maria do C. RIGONI, Ana C. C.; DAOLIO, Jocimar DOS ANJOS, José L. GOMES DA SILVA, Pierre N.; ALMEIDA, Júlia E. A. de; ANTÉRIO, Djavan ANDRADE FILHO, Nelson F. de ALMEIDA, Felipe Q.; VAZ, Alexandre F.	Aspectos históricos, culturais e sociais relevantes de se analisar sobre os corpos em movimento. Sua capacidade social e cultural de imposição e de regulação das crenças e das práticas. As danças de grupos e comunidades tradicionais como manutenção das relações sociais e culturais, pois essas se concretizam no cotidiano, enfim nas práticas sociais. Contexto sociocultural discriminatório, ao refletir como a diversidade é patrimônio cultural. Observação crítica, podem-se conhecer, efetivamente, possibilidades e realizações da realidade cultural da escola. Comete-se falácia epistêmica toda vez que se analisa as proposições sobre o ser em termos de proposições sobre o conhecimento,	6

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	Feminilidades e masculinidades na cena contemporânea: análise do espetáculo caminho da seda - Raça Cia de Dança de São Paulo Voga esportiva e artimanhas do corpo	ASSIS, Marília D. P. de; MARQUES, Danieli A. P.; ROBLE, Odilon J.; SARAIVA, Maria do C. SOARES, Carmen L.; BRANDÃO, Leonardo	isto é, questões ontológicas sempre podem ser transpostas em termos epistemológicos. Assim compreendido, o que se defende é a necessidade de o conhecimento vir depois da existência (o conhecer procede ao ser ou a epistemologia procede à ontologia). Em outras palavras, primeiro a realidade, depois o conhecimento sobre ela. A dança cênica é arte portadora de símbolos e significados que transcendem o aspecto meramente visual do espetáculo. A existência de signos e de marcas desta educação nos corpos aonde o esporte vem sendo, talvez, a mais potente. Dançar implica muito além do ato mecânico da execução do movimento corporal, pois traduz linguagens que emanam significados. Linguagem é correlação de termos ou unidade signica. O signo está relacionado ao significar; portanto, é projeto de significação, informação, mediação e interação. Sentidos e significados acerca do funcionamento e a dinâmica organizacional ocorrentes, particularmente no interior das escolas.	7
		Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais A comunicação corporal no jogo de goalball	DOS ANJOS, José L. GOMES DA SILVA, Pierre N.; ALMEIDA, Júlia E. A. de; ANTÉRIO, Djavan		
	Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na educação infantil	ANDRADE FILHO, Nelson F. de			

LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	Corpo, dança e criação: conceitos em movimento	LACINCE, Nelly; NOBREGA, Terezinha P.	As nuances transmitidas pelas palavras permitem construir uma realidade ao mesmo tempo física, semântica, simbólica, ontológica do sujeito, constituída por ele na narrativa de suas experiências, de suas práticas.	6
		O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual	LARA, Larissa M.	Na expressão popular do maracatu, não é mero apêndice, mas foco de simbologias, de representações, de sentido/significado.	
		Feminilidades e masculinidades na cena contemporânea: análise do espetáculo caminho da seda - Raça Cia de Dança de São Paulo	ASSIS, Marília D. P. de; MARQUES, Daniell A. P.; ROBLE, Odilon J.; SARAIVA, Maria do C.	A dança é, também, um veículo de comunicação e expressão.	
		A comunicação corporal no jogo de goalball	GOMES DA SILVA, Pierre N.; ALMEIDA, Júlia E. A. de; ANTÉRIO, Djavan	É a ação do corpo se situando no mundo por meio do movimento perceptivo-motor nossa condição ontológica, daí a tese de que todo movimento é comunicativo.	
		Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na educação infantil	ANDRADE FILHO, Nelson F. de	Compreender/interpretar criticamente as interações comunicativas.	
		O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual	LARA, Larissa M.	As técnicas corporais traduzem aquilo que não se vê diretamente, mas que está imbricado no gestual popular, em sua capacidade de potencializar uma comunicação intersubjetiva que extrapole individualidades.	
		Do giro linguístico ao giro ontológico na	ALMEIDA, Felipe Q.; VAZ,	No âmbito das atividades epistemológicas em educação	

			atividade epistemológica em educação física	Alexandre F.	física, na medida em que, ao refutar a linguagem e a intersubjetividade (razão comunicativa) dos processos de validação do conhecimento, reinstaura a relação entre um sujeito do conhecimento que reflete um objeto colocado na natureza, humana ou social. Na dança o corpo pode expressar-se pelo prazer do movimento.	
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.	O corpo simplesmente	A comunicação corporal no jogo de goalball	SANTIN, Silvano	O jogo do <i>goalball</i> , atentos ao mundo dos signos, das coordenadas de ações.	3
		Observação compreensivo-crítica das experiências de movimento corporal das crianças na educação infantil		GOMES DA SILVA, Pierre N.; ALMEIDA, Júlia E. A. de; ANTÉRIO, Djavan	Pressuposto epistemológico das dimensões intersubjetivas da ação: por esse eixo vale compreender/interpretar criticamente os sistemas interpretativos gerados e geradores da ação dos atores sociais, envolvidos na relação social que ambienta o problema em estudo.	
		Corpo, dança e criação: conceitos em movimento		LACINCE, Nelly; NOBREGA, Terezinha P.	A performance como engajamento do corpo na ação e seus aspectos ontológicos e estéticos e a transgressão necessária ao processo de criação.	1
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.	A comunicação corporal no jogo de goalball		GOMES DA SILVA, Pierre N.; ALMEIDA, Júlia E. A. de; ANTÉRIO, Djavan	De modo que motor, cognitivo, estético, moral e social são ações coordenadas pela emoção.	
LINGUAGEM-CORPO	O poder e sua	Voga esportiva e		SOARES,	O processo de transformação de	1

<p>COMO PODER</p>	<p>atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão.</p>	<p>artimanhas do corpo</p>	<p>Carmen L.; BRANDÃO, Leonardo</p>	<p>diferentes práticas corporais em esporte é, certamente, uma das mais esmagadoras formas de massificação de gestos e de comportamentos. Este processo impõe a lógica da cultura esportiva como espetáculo, da autonomia da técnica, de um tipo de treinamento do corpo.</p>	
<p>LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER</p>	<p>A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.</p>	<p>Corpo, dança e criação: conceitos em movimento</p> <p>O corpo simplesmente corpo</p>	<p>LACINCE, Nelly; NOBREGA, Terezinha P.</p>	<p>Intuição de essências como idealidade. É preciso interrogar a experiência, a espessura da carne. Nessa interrogação, a compreensão do que seja a sensação e o sensível são relevantes, uma vez compreendidas como referências vivas para o conhecimento e apara a existência.</p> <p>O homem, corpo vivente, era mundo. Todos os seres eram corpo. Todos os seres eram mundo. Todos eram, ao mesmo tempo, corpo e mundo. O que os distinguiu, além das formas, era a sua corporeidade, isto é, o seu princípio vital ou sua arquitetura vivente.</p>	<p>2</p>

O único artigo que se enquadrou na categoria empírica LINGUAGEM-CORPO COMO PODER foi *Voga esportiva e artimanhas do corpo*, em que havia no corpo textual o entendimento acerca do poder imanente do esporte sob o corpo relatado, por exemplo, na seguinte passagem: “[...] cultura da performance oriunda do modelo esportivo invade a vida cotidiana, condiciona os gostos e estimula a competição íntima, condenando toda gestualidade gratuita” (SOARES; BRANDÃO, 2012, p. 17).

Interessante ser mencionado é o artigo *A comunicação corporal no jogo de goalball* que, da revista Movimento, foi o único que se enquadrou em cinco categorias.

Na categoria empírica LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO, tem-se a seguinte passagem: “É a ação do corpo se situando no mundo por meio do movimento perceptivo-motor nossa condição ontológica, daí a tese de que todo movimento é comunicativo” (GOMES-DA-SILVA; ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015, p. 27).

Em LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE o artigo se alinhou com a seguinte unidade de registro: “Contexto sociocultural discriminatório, ao refletir como a diversidade é patrimônio cultural” (GOMES-DA-SILVA; ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015, p. 27).

Na categoria empírica LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO pode-se interligar a compreensão de que a “[...] linguagem é correlação de termos ou unidade sígnica. O *signo* está relacionado ao *significar*; portanto, é projeto de significação, informação, mediação e interação” (GOMES-DA-SILVA; ALMEIDA; ANTÉRIO, 2015, p. 27).

Das revistas que estão no estrato B1, encontra-se a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) e a revista Motricidade que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão.

Começando pela **RBCE** obtivemos 16 artigos, dos quais: 1 artigo continha o descritor *linguagem*, 1 artigo continha o descritor *linguagem corporal* e 14 continham o descritor *educação física AND corp**. E, para compreensão, segue a

tabela 05, também com as 2 conceituações utilizadas na tabela anterior e que se enquadram na Classificação/Categoria Empírica acerca dos artigos da RBCE.

Tabela 05 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da RBCE

RBCE					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino	RIGONI, Ana C. C.; PRODÓCIMO, Elaine	Usos dos corpos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos.	10
		O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil	SIQUEIRA, Isabelle B.; WIGGERS, Ingrid D.; SOUZA, Valéria P.de	O ambiente sociocultural e as relações com o meio são fortes mecanismos de interferência.	
		O que podemos aprender com as crianças indígenas? Aproximações da antropologia da criança às noções de infância, cultura e movimento na educação física	MUNARIM, Iracema	Somos remetidos a pensar também no quanto as experiências corporais moldam culturas.	
		A educação física em jogo: práticas corporais, expressão e arte	LOPES, Joana; MADUREIRA, José R.	O jogo segue o seu curso como força propulsora da cultura.	
		A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino	SOUZA DA SILVA, Eduardo J.	Compreender a criança como um sujeito histórico, localizado culturalmente.	
		Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física...	DE OLIVEIRA SANTOS, Gilbert	Os sujeitos são situados num contexto histórico e cultural.	
		Capoeira dialoga: o corpo e o jogo de significados	SILVA, Lucas C. D. da; FERREIRA, Alexandre D.	A Capoeira e, mais precisamente, o seu jogo em relação ao corpo, colocando ao leitor um conhecimento sobre essa manifestação cultural.	

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o próprio corpo Coletivo de autores: a cultura corporal em questão Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a educação física Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física...	BRASILEIRO, Lívia T. SOUZA JÚNIOR, Marcílio; et. al. ARAGÃO, Marta G. S.; TORRES, Alessandra N.; CARDOSO, Cintia K. N. SILVA, Liege M. F. da Silva; PORPINO, Karenine de O. RIGONI, Ana C. C.; PRODÓCIMO, Elaine SIQUEIRA, Isabelle B.; WIGGERS, Ingrid D.; SOUZA, Valéria P. de SOUZA DA SILVA, Eduardo J. DE OLIVEIRA SANTOS, Gilbert SILVA, Lucas C. D.	A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. Reflexão à categoria cultura corporal/ genealogia/ educação física/ a categoria <i>cultura corporal</i> , refletindo acerca de sua genealogia e de sua compreensão. O corpo cultural, sede de signos sociais caracteriza a natureza cultural humana através da singularização, da construção social e de padrões culturais. Nossas gestualidades mais simples e comuns são dotadas de significados. Padrão de significados transmitidos historicamente [...], um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas. O corpo possui significado, a partir de sua relação e compatibilidade com aspectos da realidade. Mundo que se expressa pela ação corporal e é perpassada por intencionalidades cujos sentidos e significados trazem a marca do contexto sociocultural daqueles que a praticam. O mundo nos é dado repleto de sentidos/significados.	9
	Capoeira dialogia: o			Um mesmo movimento corporal	

			<p>corpo e o jogo de significados</p> <p>A poética dos gestos dos jogadores</p> <p>Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o próprio corpo</p> <p>Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética</p> <p>O que podemos aprender com as crianças indígenas? Aproximações da antropologia da criança às noções de infância, cultura e movimento na educação física</p> <p>A (ciber)cultura corporal no contexto da rede: uma leitura sobre os jogos eletrônicos do século XXI</p> <p>Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação</p>	<p>da; FERREIRA, Alexandre D.</p> <p>GOMES DA SILVA, Pierre N.; CAVALCANTI, Kátia B.; HILDEBRANDT, Reiner</p> <p>BRASILEIRO, Lívia T.</p> <p>SARAIVA, Maria do C.</p> <p>MUNARIM, Iracema</p> <p>CRUZ JUNIOR, Gilson; SILVA, Erineusa M. da</p> <p>DE OLIVEIRA SANTOS, Gilbert</p>	<p>pode representar várias coisas diferentes, pois todos os movimentos estão inseridos em contextos que os fazem adquirir qualidades de gestos, portanto, imbuídos de significados.</p> <p>O jogo é uma construção sociocultural, provida de sentido e significado.</p> <p>Sentidos e significados produzidos nas propostas curriculares.</p> <p>Corpo em movimento, carregado da simbologia de gênero, tanto pela sua relação com a <i>imagem feminina</i>.</p> <p>O maior meio de comunicação que temos com o mundo que é nosso corpo e nossa capacidade de nos movimentarmos.</p> <p>Considerados uma forma paralinguística de comunicação, estas pequenas seqüências de caracteres, têm como intuito simular/imitar diferentes gestos, semblantes, fisionomias e expressões de caráter corporal. Educação física, a expressão corporal como linguagem.</p>	3
<p>LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO</p> <p>Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.</p>						

LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.	física... A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento	SOUZA DA SILVA, Eduardo J. ARAGÃO, Marta G. S.; TORRES, Alessandra N.; CARDOSO, Cintia K. N.	Podemos dizer que jogar e brincar podem ser compreendidos como uma forma de estar e agir no mundo. A ação do aprender do aluno que poderá então interpretar e reelaborar os conhecimentos aprendidos e ampliar seu acervo cultural.	2
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.	A poética dos gestos dos jogadores Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento	GOMES DA SILVA, Pierre N.; CAVALCANTI, Kátia B.; HILDEBRANDT, Reiner ARAGÃO, Marta G. S.; TORRES, Alessandra N.; CARDOSO, Cintia K. N.	A primeira interpretação que o jogador tem do jogo é a emoção que ele desfruta ao jogar. E pelo que vemos nesse horizonte tensivo, o sentimento que o jogador experimenta no jogo é o gozo. Isso porque a emoção experimentada está posta na qualidade do corpo sensível. Compreender a relação indivíduo-coletividade através da consciência corporal, pois permite trabalhar os sentimentos de coletividade.	2
LINGUAGEM-CORPO COMO PODER	O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão.	O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte O corpo enquanto objeto de consumo	SIQUEIRA, Isabelle B.; WIGGERS, Ingrid D.; SOUZA, Valéria P. de DITTRICH WIGGERS, Ingrid ANZAI, Koiti	Forte influência dos veículos midiáticos sobre a formação e estruturação da sociedade contemporânea. O próprio corpo torna-se um objeto de arte, condição que lhe permitiria "libertar-se" da influência imediata do mundo empírico. A intervenção do Estado é decisiva, agindo através de três eixos principais: por meio da simples repressão policial e da justiça; influenciando a consciência moral individual dos indivíduos; justificando	2

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.	A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a educação física	SILVA, Liege M. F. da Silva; PORPINO, Karenine de O.	a homogeneização das condutas. Desse modo se procura controlar os corpos e as energias dos cidadãos.	2
	Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento	ARAGÃO, Marta G. S.; TORRES, Alessandra N.; CARDOSO, Cintia K. N.	O corpo enquanto elemento essencial de nossa existência, em que ele não é um mero aparato mecânico, mas o esteio do ser no mundo.	A corporeidade se constitui na essência do ser vivo em seu entorno.	

No que concerne à relação das categorias empíricas e RBCE, destaca-se o artigo *Consciência corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento*, que se alinhou com quatro categorias empíricas, a saber:

LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE – com o foco no “[...] corpo cultural, sede de signos sociais caracteriza a natureza cultural humana através da singularização, da construção social e de padrões culturais” (ARAGÃO; TORRES; CARDOSO, 2001, p. 117);

LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO – com o foco na “[...] ação do aprender do aluno que poderá então interpretar e reelaborar os conhecimentos aprendidos e ampliar seu acervo cultural” (ARAGÃO; TORRES; CARDOSO, 2001, p. 117);

LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO – com o foco em “[...] compreender a relação indivíduo-coletividade através da consciência corporal, pois permite trabalhar os sentimentos de coletividade” (ARAGÃO; TORRES; CARDOSO, 2001, p. 122);

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER – com o foco em saber que “[...] a corporeidade se constitui na essência do ser vivo em seu entorno” (ARAGÃO; TORRES; CARDOSO, 2001, p. 120).

Já a revista **Motricidade** obteve apenas 1 artigo pelo descritor *educação física AND corp**, conforme a tabela 06 que aponta apenas uma Classificação/Categoria Empírica referente ao artigo da Motricidade.

Tabela 06 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da Motricidade

MOTRICIDADE					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	Técnica e expressividade: análise fenomenológica do corpo na dança	BAUMAN C.D.; CARVALHO J. G.	Um corpo que pode ser modificado e transformado por meio do esforço e do trabalho, a partir de nossa vontade, das novas descobertas tecnológicas ou das modificações na ordem cultural.	1
LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.	Técnica e expressividade: análise fenomenológica do corpo na dança	BAUMAN C.D.; CARVALHO J. G.	A linguagem, portanto, envolve a totalidade do ser-aí: o pronunciamento e manifestação do corpo não se dão apenas por palavras, mas, também entre outros recursos, por gestos e movimentos; “a linguagem é o que o corpo é e possui”, que permite ao homem revelar-se ao mundo em sua totalidade e infinidade.	1

Sobre a revista *Motricidade*, há um artigo alinhado com a presente pesquisa e, diante do exposto, houve aproximação com duas categorias empíricas, abaixo:

LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE – assevera que “[...] um corpo que pode ser modificado e transformado por meio do esforço e do trabalho, a partir de nossa vontade, das novas descobertas tecnológicas ou das modificações na ordem cultural” (BAUMAN; CARVALHO, 2004, p. 63);

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER – expõe sobre os “[...] gestos e movimentos; [...] que permite ao homem revelar-se ao mundo em sua totalidade e infinitude” (BAUMAN; CARVALHO, 2004, p. 66).

Para o estrato B2, as revistas que atenderam aos critérios de inclusão e exclusão foram: a *Motrivivência* e a *Pensar a Prática*.

Na revista **Motrivivência** foram identificados 5 artigos, dos quais: 1 continha o descritor *linguagem*, 1 continha o descritor *expressão corporal*, 1 continha o descritor *comunicação corporal* e 2 continham o descritor *educação física AND corp**. A tabela 07 expressa as correlações das Classificações/Categorias Empíricas que se estabeleceram com as informações da revista *Motrivivência*.

Tabela 07 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Motrivivência

MOTRIVIVÊNCIA					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações	MAGALHÃES BARBOSA, Raquel F.	Dialogar com a cultura corporal é conhecer, compreender e explorar as manifestações que o nosso corpo construiu ao longo do tempo.	3
		Educação física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da educação física”	SIMÃO, Márcia B.	Os fenômenos da cultura que se expressam a nível corporal, bem como a ampliação, a vivência e a criação das culturas infantis de movimento, constituem a especificidade da contribuição da Educação Física na Educação Infantil.	
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	O objeto de estudo da educação física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento	FRIZZO, Giovanni F. E.	O movimento do ser humano (portanto, do corpo também) não se realiza somente no espaço, mas também no tempo e em transformação dado o seu caráter histórico.	1
		O objeto de estudo da educação física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento	FRIZZO, Giovanni F. E.	Signos, sentidos e significados que são externalizados à atividade prática objetivada ou são subjetivamente idealizados num sentido de linguagem através do movimento.	
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	Educação física na educação infantil: refletindo sobre a “hora da educação física”	SIMÃO, Márcia B.	Compreendemos que os movimentos corporais são para as crianças pequenas, um meio de comunicação, de expressão e de interação social.	3

			<p>Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador</p> <p>O objeto de estudo da educação física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento</p>	<p>ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre</p> <p>FRIZZO, Giovanni F. E.</p>	<p>Três indicadores de comunicação corporal: Gestual, referindo-se a gestualidade do educador; postural, correspondendo a postura do educador; e espacial, dizendo respeito à ocupação/exploração do espaço pedagógico no qual o educador atua.</p> <p>Movimento não é somente linguagem ou forma de comunicação.</p>	
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.	<p>Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações</p> <p>Educação física na educação infantil: refletindo sobre a "hora da educação física"</p> <p>Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador</p> <p>Linguagem, intersubjetividade e movimento humano</p>	<p>MAGALHÃES BARBOSA, Raquel F.</p> <p>SIMÃO, Márcia B.</p> <p>ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre</p> <p>Araújo, Lísia C. G. de</p>	<p>A intervenção pedagógica do educador fundamentada na cultura corporal proporciona destaque ao respeito às diferenças regionais, culturais, simbólicas, corporais, e também, ao contexto contemporâneo em que ocorre a prática.</p> <p>Expressão corporal e as culturas infantis de movimento como forma de linguagem.</p> <p>A intervenção em sua totalidade, obtivemos a concretude de uma ação corporal possível de ser modificada, alterada, provocada.</p> <p>A ação e a reflexão sobre a experiência como ponto fundamental para as transformações.</p> <p>A emoção corporificada é a primeira forma de comunicação que a criança estabelece com o mundo.</p>	4	
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.	Educação física na educação infantil: refletindo sobre a "hora da educação física"	SIMÃO, Márcia B.			1

<p>LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER</p>	<p>A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.</p>	<p>Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador</p>	<p>ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre</p>	<p>O diferencial entre as várias perspectivas do corpo no espaço está em como é acessado o “corpo subjetivado”. Enquanto alguns seguem por caminhos que buscam a disciplina de um “treinamento” padronizado, outros optam pela liberdade intuitiva, trabalhando a partir de princípios que impulsionam a exploração, tornando o sujeito partícipe do contexto e não mero objeto.</p>	<p>2</p>
		<p>Linguagem, intersubjetividade e movimento humano</p>	<p>Araújo, Lísia C. G. de</p>	<p>Somos um ponto de vista diante do mundo, uma possibilidade diante de tantas outras, vamos nos transformando, nos representando de maneiras diferentes, mas o ser permanece enquanto essência.</p>	

No contexto da Motrivivência, no artigo *O objeto de estudo da educação física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento*, pode-se observar três categorias empíricas, tais:

LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO – ratificando que o “[...] movimento não é somente linguagem ou forma de comunicação” (FRIZZO, 2013, p. 197);

LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE – ampliando a compreensão de que o “[...] movimento do ser humano (portanto, do corpo também) não se realiza somente no espaço, mas também no tempo e em transformação dado o seu caráter histórico” (FRIZZO, 2013, p. 197);

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO – o trecho a seguir está alinhado e denota “[...] signos, sentidos e significados que são externalizados à atividade prática objetivada ou são subjetivamente idealizados num sentido de linguagem através do movimento” (FRIZZO, 2013, p. 198).

Na revista **Pensar a Prática** foram 12 artigos, dos quais: 1 continha o descritor *linguagem corporal* e 11 continham o descritor *educação física AND corp**. Logo, a tabela 08 expressa as correlações das Classificações/Categorias Empíricas que se estabeleceram com as informações da revista *Pensar a Prática*.

Tabela 08 – Classificação/Categoria Empírica – Artigos da revista Pensar a Prática

PENSAR A PRÁTICA					TOTAL
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADE DE CONTEXTO	ARTIGOS	AUTORIA	UNIDADE DE REGISTRO	
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	"Isso é aula de educação física?" Práticas corporais na escola	GREGÓRIO, Leiriane V.; WIGGERS, Ingrid D.; ALMEIDA, Dulce Filgueira de	Os conhecimentos constituintes da cultura corporal e a própria cultura dos estudantes.	8
		O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural	NEPOMUCENO, Marília	O corpo humano, este território vasto e repleto de características tanto biológicas quanto sociais e culturais, [...] é marcado por peculiaridades como, por exemplo, a capacidade de realizar trabalho, pensar e exteriorizar seus pensamentos por meio de linguagens, gestos.	
		Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT	GRANDO, Beleni S.	As descobertas das relações entre corpo, cultura e educação.	
		Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas	MARCASSA, Luciana	O corpo e as práticas corporais no centro do processo de ensino e aprendizagem como elementos tanto constituídos pela produção cultural.	
		A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola	PICCININI, Larise; SARAIVA, Maria Do C.	Abordar a situação da dança no âmbito escolar requer a reflexão sobre as concepções de corpo urdidas pela cultura.	
		Corpo, estética, dança popular: situando o	VIANA, Raimundo Nonato A.	Arte é constitutiva da cultura e como expressão artística do povo, a dança	

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	bumba-meu-boi	MENDES, Maria I. B. de S.; NÓBREGA, Terezinha P. da	popular apresenta possibilidades para a educação.	8
				Considerar o ser humano que realiza o movimento, essa proposta passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano.	
		A educação física na escolarização da pequena infância	GARANHANI, Marynelma C.	Concepção de educação infantil que valorize e sistematize o movimento corporal da criança, no seu processo de apropriação da cultura e na construção do seu pensamento.	
	Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT	Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT	GRANDO, Beleni S.	Simbologia identifica o indivíduo em relação tanto a sua unidade social de origem.	
	Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas	Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas	MARCASSA, Luciana	O corpo é um meio de comunicação empática com o mundo, participante ativo dos processos de sociabilidade, da produção material e simbólica e das experiências culturais. Ora, as práticas corporais são também partícipes desse movimento, já que os gestos, as posturas e os movimentos contêm sentidos e significados que nos educam constantemente, bem como símbolos e signos de linguagem que dizem muito sobre a nossa formação cultural.	
	A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola	A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola	PICCINI, Larise; SARAIVA, Maria Do C.	Corporeidade, se materializa na dança, o movimento toma sentido para quem dança e propõe novos significados para quem assiste.	

			Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi	VIANA, Raimundo Nonato A.	Através do canto, o brincante concebe e representa experiências, projeta valores, sentidos e significados.
		Corpo, beleza e cultura: reflexões a partir da produção científica da educação física	DA SILVA, Liege M. F.; PORPINO, Karenine O.	O corpo e o uso que se faz dele é uma construção cultural dotada de sentidos e significados.	
		Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura	MENDES, Maria I. B. de S.; NÓBREGA, Terezinha P. da	O corpo humano possui história. A historicidade do corpo faz com que se modifique constantemente e que os gestos adquiram significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo.	
		A ressignificação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade	GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de	Possibilidades para uma ressignificação do corpo, avançando da concepção de objeto para a de sujeito.	
		A educação física na escolarização da pequena infância	GARANIHANI, Marynelma C.	Na pequena infância o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem pelo fato de gerar as significações do aprender, ou seja, a criança transforma em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente.	
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar corpo na educação física	BEZERRA, Laise T. P.; PORPINO, Karenine de O.	O virtual tem possibilitado novos diálogos, novos corpos, novas estéticas.	5
		Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em	GRANDO, Beleni S.	O sentido do ser bonito para o bororo era expresso no grito, o que fazia da dança não uma coreografia para os <i>braidos</i> (os brancos) verem, mas uma comunicação, com toda a simbologia ali representada, de sua	

LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.	Meruri-MT	AGATTI LÜDORF, Silvia M.	identidade bororo. Pensar o corpo é uma tarefa um tanto complexa, dadas as diversas dimensões que podem ser exploradas. Além de ser o arcabouço físico do ser humano e marcar sua existência material, o corpo compreende as formas de se relacionar, de interagir, de refletir sobre e com o mundo.
		A prática pedagógica do professor de educação física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários	MARCASSA, Luciana	Compreensão da Ginástica como uma linguagem corporal e, como tal, veículo e objeto de comunicação.
		Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas	VIANA, Raimundo Nonato A.	O corpo é lugar de inscrição, mensagem, comunicação, história, memória.
		Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi	AGATTI LÜDORF, Silvia M.	A prática pedagógica [...] é, preponderantemente, voltada ao corpo-experimento e ao corpo-instrumento, o que denota ainda a grande influência da tradição biologizante e técnica da área.
		A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola	PICCININI, Larise; SARAIVA, Maria Do C.	O corpo em movimento na dança, propondo a sua experiência no processo ensino-aprendizagem, interligada à experiência já vivida subjetivamente. Nessa concepção, somos um corpo/corporeidade capaz de superar a excessiva racionalização e repetição dos atos motores, sem termos que imitar um padrão de movimento, ao contrário, ela possibilita a percepção e nova significação do movimento, sem pré-conceitos ou estereótipos de movimento.

LINGUAGEM- CORPO COMO PODER	O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão.	"Isso é aula de educação física?" Práticas corporais na escola	GREGÓRIO, Leiriane V.; WIGGERS, Ingrid D.; ALMEIDA, Dulce Filgueira de	Educação do corpo, que se consolidou na educação física brasileira, se afirmam a individualização e o afastamento, orientados pela busca da performance esportiva.	6
			NEPOMUCENO, Marília	A indústria cultural influencia os movimentos dançantes dos indivíduos que frequentam espaços informais de danças em Goiânia.	
		O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural	BEZERRA, Laise T. P.; PORPINO, Karenine de O.	Constituindo um território múltiplo e polissêmico, o corpo tem sido transformado em objeto de conhecimento, manipulável e ao mesmo tempo, submisso e propagador do poder.	
		A prática pedagógica do professor de educação física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários	AGATTI LÜDORF, Silvia M.	A mídia é uma parceira estratégica para este contexto de alta visibilidade do corpo, característico da sociedade de consumo, por meio da qual divulgam-se formatos e padrões de corpo, bem como maneiras de ser tratado, modificado, produzido e, por que não dizer, reproduzido.	
		Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi	VIANA, Raimundo Nonato A.	O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.	
		A ressignificação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade	GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de	a corporeidade [...] é socialmente moldável, ainda que seja vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Desse modo, os outros indivíduos contribuem para modular os contornos de seu universo e dar ao corpo o relevo social que	

					necessita. O corpo torna-se, então, um produto, um rascunho a ser corrigido, um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo, assim, a descrição da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo.	
--	--	--	--	--	--	--

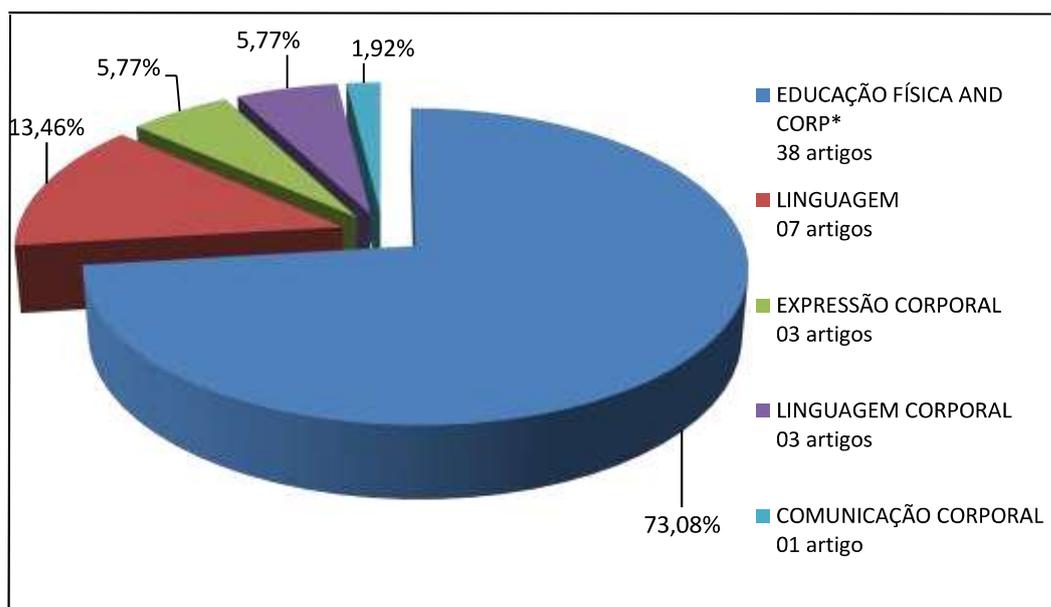
A título de exemplo-amostragem, na *Pensar a Prática*, vê-se o artigo *Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura*, no qual houve aproximação com duas categorias empíricas, a saber:

LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE – sopesou em “[...] considerar o ser humano que realiza o movimento, essa proposta passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano” (MENDES; NÓBREGA, 2009, p. 2);

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO – em que afirma que “[...] o corpo humano possui história. A historicidade do corpo faz com que se modifique constantemente e que os gestos adquiram significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo” (MENDES; NÓBREGA, 2009, p. 4).

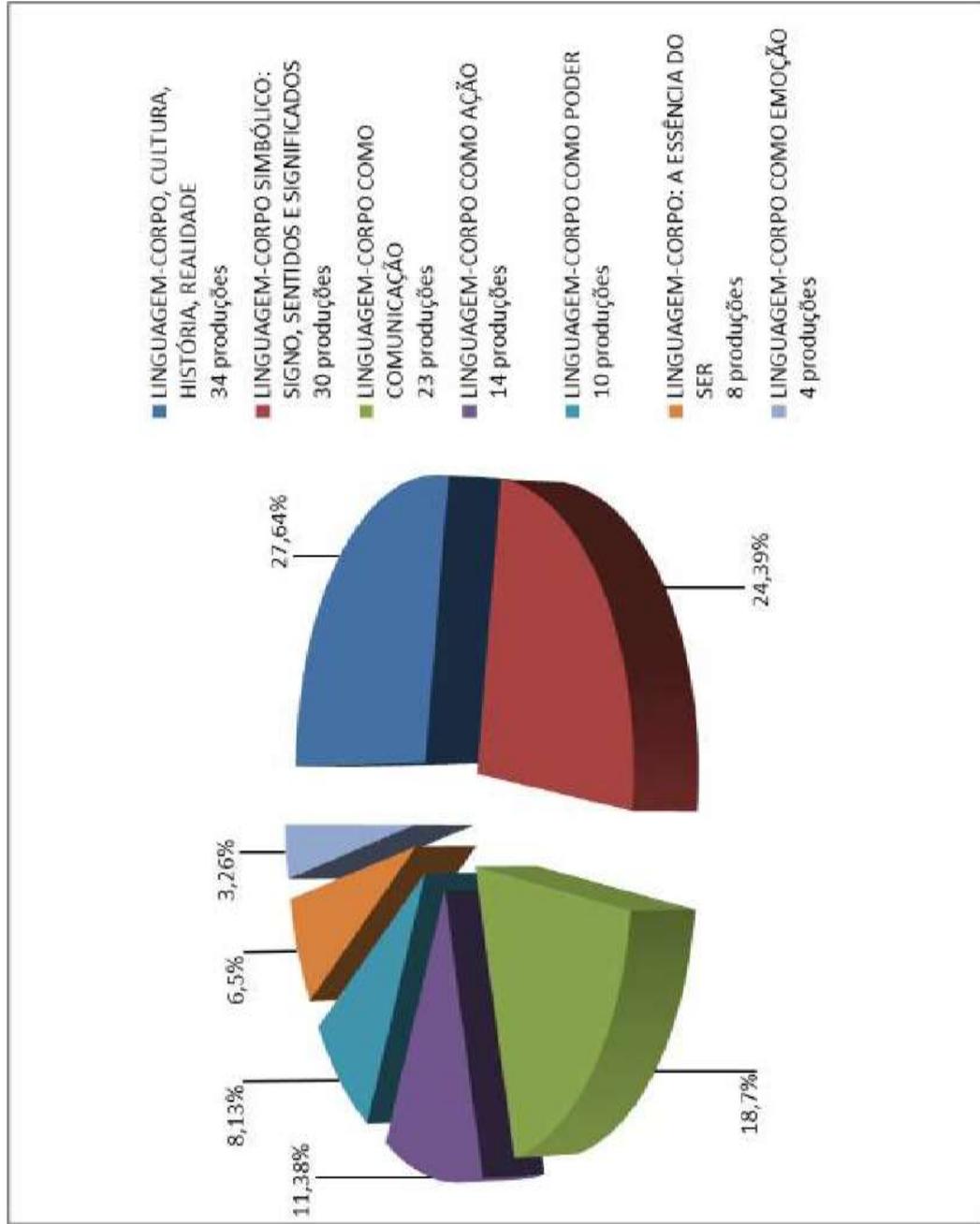
Em relação aos descritores, o mapeamento nos permite verificar que há uma maior concentração de artigos vinculados ao descritor *educação física AND corp**- 38 artigos; *linguagem* - 6 artigos; *expressão corporal* - 3 artigos; *linguagem corporal* - 3 artigos; e *comunicação corporal* - 1 artigo, conforme expresso no gráfico 01.

Gráfico 01– Relação: Artigos e Descritores



Já em relação às categorias empíricas, o percentual total nos permite verificar que há uma maior concentração de artigos vinculados as categorias: LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE - 34 artigos; LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO - 30 artigos; LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO - 23 artigos; LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO - 14 artigos; LINGUAGEM-CORPO COMO PODER - 10 artigos; LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER - 8 artigos; LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO - 4 artigos, conforme expresso no gráfico 02.

Gráfico 02– Relação: Artigos e Categorias Empíricas



4.2 Linguagem – Produção na Educação Física: teses e dissertações.

Ao fazer o mapeamento das produções acadêmicas no formato de teses e dissertações oriundas dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da educação física, dados quantitativos se tornaram evidentes, expressando 16 produções, sendo 1 tese e 15 dissertações, que se alinham com a temática da presente pesquisa. Essa porcentagem de 6,25% para tese e de 93,75% para dissertações expressam aproximadamente 0,45% de um total de 3543 produções mapeadas.

O total de Programas de Pós-graduação que entraram na pesquisa foram 8, conforme tabela 09:

Tabela 09 – Programas de Pós-graduação inseridos na pesquisa.

IES	Programa	Nível	Autor(a)	Link de Acesso
UNIMEP	Educação Física	M	SARTO, Karina Cristofoletti	https://www.unimep.br/phpg/bidig/aluno/visualiza.php?cod=274
UFRGS	Ciências do Movimento Humano	M	GAIGER, Paulo José Germani ANGHEBEN, Vera Lucia Zamberlan	http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/102604 http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5800
UFES	Educação Física	M	CARVALHO, Heloisa Ivone da Silva de	http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7480 DIS SERT.%20HELOISA%20IVONE.pdf
UFSC	Educação Física	M	ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de	http://www.acervosaber.com.br/trabalhos/psicologia1/linguagem_intersubjetividade_e_movimento_human_o.php
UFRN	Educação Física	M	SILVA, Thays Anyelle Macedo da	http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14616
UNESP/RC	Ciências da Motricidade	M	SILVA JUNIOR, Valdemar Antônio da LADEIRA, Maria Fernanda Teo	http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14627 http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96094/ladeira_mf_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y
UNB	Educação Física	M	GREGÓRIO, Leiriane Viveiros RIBEIRO, Álvaro Maurício Moura Paz	http://repositorio.unb.br/handle/10482/17144 http://repositorio.unb.br/handle/10482/11590
UNICAMP	Educação Física	D	MACHADO, Sheila da Silva SILVA, Cinthia Lopes da	http://repositorio.unb.br/handle/10482/14999 http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=000435752&fd=y
		M	TURTELLI, Larissa Sato PRADO, Patricia do SOARES, Daniela Bento ZOTOVICI, Sandra Aparecida	http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=vtIs000284887&opt=4 http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=vtIs000295017 http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=000947684 http://www.biblioteca digital.unicamp.br/document/?code=vtIs000223211

A UNIMEP traz 1 produção - dissertação e o descritor: *educação física AND corp**, categorizada na tabela 10.

A UFRGS, também, traz 2 produções - dissertações, uma dissertação teve como descritor - *expressão corporal* e a outra - *linguagem corporal*, expressos na tabela 11.

A UFES aparece com 1 dissertação, e traz como descritor - *educação física AND corp**, apresentado na tabela 12.

Assim como na UFSC é destacada 1 dissertação e tem como descritor - *linguagem*, conforme tabela 13.

A UFRN traz 2 produções que são 02 dissertações com descritor - *educação física AND corp**, apresentadas na tabela 14.

E a UNESP/RC aparece com 1 dissertação e tem o descritor - *linguagem*, destacada na tabela 15.

A UNB traz 3 produções em formato de dissertações, todas têm como descritor - *educação física AND corp**, expressas na tabela 16.

E finalizamos com a UNICAMP destacando 5 produções: 1 em formato de tese e tem como descritor - *linguagem*, e 4 em formato de dissertação, em 2 contêm o descritor - *expressão corporal*; 1 *linguagem corporal*; e 1 *educação física AND corp**, descritas na tabela 17.

Tabela 10 – Classificação/Categoria Empírica – UNIMEP

UNIMEP					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	DISSERTAÇÃO Retratos da vida: dança e lazer como instrumentos de inserção social para a juventude	SARTO, Karina C.	O corpo acaba se expressando de acordo com a sua cultura.	1
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar sua identidade juvenil.	
LINGUAGEM- CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.			A dança é um meio de existir, representada em forma de jogo, de celebração, de participação/ a dança enquanto ação da representação humana.	

Tabela 11 – Classificação/Categoria Empírica – UFRGS

UFRGS					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM- CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.	DISSERTAÇÃO O jogo teatral como perspectiva de desenvolvimento da expressividade	GAIGER, Paulo J. G.	Ser humano dividido em [...] cognição e afeto ou, ainda, razão e emoção que sacramenta a superioridade da razão e reifica a vigência dos valores e virtudes do espírito.	2

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.	e do autoconhecimento de jovens e adultos	Relação com o corpo, que mantém-se, revigora-se e apresenta-se com a mesma essência mesmo que sob outra vestimenta, está sujeita às leis de conduta herdadas e internalizadas.
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO A ginástica rítmica na corporeidade dos acadêmicos de educação física: relações entre o pensar, falar e agir com o corpo	ANGHEBEN, Vera L. Z. O corpo é o centro para interpretações e especulações de qualquer natureza. Evoca imagens, sugere múltiplas possibilidades de conhecimento e através dele que revelamos como o mundo é construído, constituído e vivenciado. Ao pensarmos o corpo podemos dizer que se constitui num grande território simbólico.
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.		
LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.		O homem é ser no mundo. Significa que é o centro de uma realidade que tem vida única, percepções e avaliações do que o cerca de forma singular e que lhes são possibilidades de interpretação, através de seu corpo.

Tabela 12– Classificação/Categoria Empírica – UFES

UFES					
CLASSIFICAÇÃO/CATEGORIA EMPÍRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO As práticas corporais nas comunidades	CARVALHO, Heloisa I. da S.	Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo insociável entre o mundo objetivo e a subjetividade, sendo que o processo das	1

			Quilombolas: significados das manifestações culturais na Escola de Monte Alegre	práticas corporais.	
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			Os significados são construídos na dinâmica social, nas redes de relação, nas histórias narradas e nas lembranças para o qual o homem só é capaz de viver em um mundo, que para si, seja dotado de significados.	

Tabela 13 – Classificação/Categoria Empírica – UFSC

		UFSC			TOTAL
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Linguagem, intersubjetividade e movimento humano	ARAÚJO, Lízia C. G. de	O movimento está ali com um sentido que o habita, e molda-se na intenção de preencher os espaços vazios entre eu e o outro para que desta forma possa acontecer a comunicação.	1
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			A experiência verbal é inseparável do gesto realizado pelo corpo. A percepção e o movimento formam um sistema único. Falar é viver a experiência da própria fala carregada de significados, significados estes, que não só advêm dos gestos verbais, mas da própria maneira de viver a situação.	
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.			O processo educacional vem acompanhado de um aspecto essencial; a linguagem. É na interação, no jogo que se torna possível a educação. É no contato com o outro que nos tornamos sujeitos,	

						através do diálogo, da linguagem, das inter-relações.	
--	--	--	--	--	--	---	--

Tabela 14 – Classificação/Categoria Empírica – UFRN

UFRN							
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	TOTAL		
LINGUAGEM- CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO O Corpo do grupo corpo: os movimentos das obras Benguelê, Lecuona e Onqotó	SILVA, Thays A. M.	A dança apresenta-se como conhecimento cuja racionalidade é marcada pela estesia do corpo, nuancando sentidos amplos para a comunicação, a expressão e os atos de significação.	2		
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			É pelo poder do corpo que posso criar cultura, estabelecer intervenções num dado campo cultural, simbolizar nossa relação com a natureza, identificar os símbolos.			
LINGUAGEM- CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.			A sensação de um só dança, um só corpo emaranhado com o tempo e o espaço.			
LINGUAGEM- CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.			A uma essência ou a uma idealização do corpo [...] envolvimento do corpo no mundo por uma espécie de fissão, criação de novos espaços e sensações.			
LINGUAGEM- CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Corpo e aprendizagem em Boris Cyrulnik e em Merleau-Ponty	SILVA JUNIOR, Valdemar A. da	Quando a palavra surge como meio de comunicação, modificam-se as representações temporais e históricas do homem.			
LINGUAGEM- CORPO,	Relação dialógica com a realidade em seu fator			Certo receio e privação do homem com o seu mundo [...] ao invés de explorar suas			

CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.			crenças, hábitos, paladares, através de sua sensorialidade, limita-se apenas às representações culturais.
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			Os homens se agrupam para criar o mundo da inteligência coletiva, o cérebro serve para falar, a fim de inventar um mundo despercebido, preenchido pelos nossos artifícios, sinais, símbolos.

Tabela 15 – Classificação/Categoria Empírica – UNESP/RC

UNESP/RC					
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	TOTAL
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Linguagem e suas Possibilidades na Educação Física Escolar	LADEIRA, Maria F. T.	Todo ser humano se torna linguagem na medida em que se movimentar é estabelecer um diálogo com o mundo. A linguagem verbal é apenas uma das formas de comunicação. A criança, principalmente, comunica-se muito através dos movimentos, o brincar é a sua forma de expressão. Os gestos, as posturas e as expressões faciais são criadas, mantidas ou modificadas em virtude do homem ser um ser social e viver em um determinado contexto cultural.	1
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.				
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			A palavra é apenas um desses signos, existem outros importantes como os gestos e os símbolos.	

Tabela 16 – Classificação/Categoria Empírica – UNB

UNB					TOTAL
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.	DISSERTAÇÃO Representações sociais de corpos femininos: a perspectiva de crianças	GREGÓRIO, Leiriane V.	Os fatos que constituem a realidade, de modo muito particular, significando seu contexto e construindo suas próprias culturas.	3
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			Os corpos femininos passam a ser discutidos sob uma perspectiva que considera sua especificidade biológica e os significados produzidos social e culturalmente sobre ele.	
LINGUAGEM- CORPO COMO PODER	O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão.			Relações de poder, lutas, confrontos e representações que se objetivam e se manifestam no corpo, a partir do corpo e por meio do corpo.	
LINGUAGEM- CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças	RIBEIRO, Álvaro M. M. P.	A mídia-educação promove momentos onde a comunicação e a expressão implicam na adoção de uma postura crítica e criadora.	
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.			Considerar a infância como produtora da cultura em sua humanização histórica teria como impacto educacional [...] a criação de condições concretas de democratizar a cultura, caracterizando a pluralidade enquanto marco da constituição histórica do desenvolvimento humano.	
LINGUAGEM- CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico			O sujeito da experiência é um " [...] território de passagem, algo como uma superfície de sensibilidade na qual aquilo	

	do humano.				que passa afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”.
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO "Vivo ou Morto?": o corpo na escola sob olhares de crianças	MACHADO, Sheila da S.		A infância é uma etapa da vida construída na interação significativa
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.				Crianças como agentes ativos e de direitos inseridos em uma sociedade a qual podem reproduzir, construir novos sentidos e intervir nas práticas sociais e culturais.
LINGUAGEM-CORPO COMO PODER	O poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, nas apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão.				Ser aluno é uma maneira de se relacionar com o mundo dos adultos, dentro de uma ordem regida por certos padrões, por intermédio dos quais eles exercem sua autoridade, agora com a legitimidade delegada pelas instituições escolares. É uma das formas modernas fundamentais do exercício do poder sobre os menores.

Tabela 17 – Classificação/Categoria Empírica – UNICAMP

UNICAMP					TOTAL
CLASSIFICAÇÃO/ CATEGORIA EMPIRICA	UNIDADES DE CONTEXTO	TESE / DISSERTAÇÃO	AUTORIA	UNIDADES DE REGISTRO	
LINGUAGEM- CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	TESE Mediação de sentidos: aulas compartilhadas no Brasil e em Portugal junto a estudantes de Educação Física	SILVIA, Cinthia L. da	Na interação entre professores e alunos, não somente a comunicação verbal, mas a atenção aos gestos, aos silêncios, às lembranças que os estudantes possuem, às explicações que dão aos fatos do mundo.	5
LINGUAGEM- CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.			Os seres humanos necessitam de uma orientação cultural para dirigir seu comportamento em sociedade e essa orientação se dá por meio de significados. A prática pedagógica, sendo uma atividade humana, é uma forma de mediação cultural específica.	
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			Reconhecendo os sujeitos como agentes transformadores de sua cultura, de sua condição de vida, produtores de sentidos.	
LINGUAGEM- CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.			A linguagem é um ato sócio-ideológico e está presente em todos os campos da atividade humana.	
LINGUAGEM- CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica	TURTELLI, Larissa S.	O movimento é fundamental para o ser humano comunicar suas necessidades.	
LINGUAGEM- CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			Uma vez que a criança pode criar símbolos permanentes ela constrói uma imagem de sua mãe como um objeto sólido indestrutível e assume as mesmas qualidades para si mesma.	

LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.			A dança é um meio que propicia o contato da pessoa com seus sentimentos. [...] a dança se caracteriza como veículo de expressão de sentimentos, comunicação entre os homens.
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO Congada, corpo e cultura na 125ª festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário	PRADO, Patrícia	Interações sociais, parece adequada para que o homem possa compreender-se a si mesmo a partir da sua produção cultural.
LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE	Relação dialógica com a realidade em seu fator intrínseco com a história e a cultura de uma determinada sociedade.			Descrever a cultura local para interpretar seus significados a partir da realidade de quem a vivencia.
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			O surgimento da cultura e seus diferentes significados com vistas a compreender como a cultura se transformou até ser entendida como um sistema de trocas simbólicas repleto de significado social.
LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem como comunicação.	DISSERTAÇÃO O diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física	SOARES, Daniela B.	A comunicação, podendo ser tanto verbal como não verbal, baseada no emprego de imagens, sons e gestos.
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.			O movimento é uma forma de linguagem, pois se caracteriza como um sistema complexo de significação.
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.			O movimento é a forma de expressão mais utilizada na infância e quanto mais nova a criança for, menor é o espaço entre a emoção e a ação. Assim, movimento é linguagem desde a mais tenra idade.
LINGUAGEM-CORPO COMO	Compreensão do corpo que se apropria da linguagem	DISSERTAÇÃO Pés no chão e a	ZOTOVICI, Sandra A.	É a exploração e a improvisação de movimentos que incentivem a

COMUNICAÇÃO	como comunicação.			comunicação e expressão dos educandos.
LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO	O corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais.	dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento		Na apresentação de uma coreografia, verificamos a presença de elementos corporais que representam signos, significados e significantes que surgem no decorrer da montagem coreográfica.
LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO	Realização da linguagem em atos e tem na ação seu foco de atuação corporal.			A dança [...] procura a princípio o desenvolvimento da consciência de si mesmo que permitirá ao sujeito estar ciente do que se pode fazer, o que se quer fazer e para o que podemos expressar no movimento, permitindo-nos perceber, experimentar, entender e comunicar o que queremos de cada ação.
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO	A linguagem asseverada pela expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do humano.			Dançar significa sentir nosso corpo e por meio dele sorrir, chorar, amar, odiar, querer, nascer, morrer, viver.
LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER	A essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade.			Optando pelo estudo da linguagem do movimento, acreditamos estar criando um instrumento para o entendimento de algo mais essencial que é o ser corpo. O próprio corpo que fala, compreende, comunica, sente e surpreende. Em cada gesto, cada ação pensada e repensada, criada e recriada do ser, é o próprio corpo presente que pressente.

Seguindo o mesmo percurso de exemplo-amstral dos artigos, das produções que podemos tratar como exemplificação será a dissertação da UNICAMP– *Pés no chão e a dança no coração: um olhar fenomenológico da linguagem do movimento* – que está alinhada a cinco categorias empíricas, abaixo:

LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO – asseverando que “[...] é a exploração e a improvisação de movimentos que incentivem a comunicação e expressão dos educandos” (ZOTOVICI, 2001, p. 33);

LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO – que compreende a “[...] apresentação de uma coreografia, [verificando] a presença de elementos corporais que representam signos, significados e significantes que surgem no decorrer da montagem coreográfica” (ZOTOVICI, 2001, p. 13);

LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO – a dança, enquanto ação, que permitirá ao sujeito “[...] estar ciente do que se pode fazer, o que se quer fazer e para o que podemos expressar no movimento, permitindo-nos perceber, experimentar, entender e comunicar o que queremos de cada ação” (ZOTOVICI, 2001, p. 10);

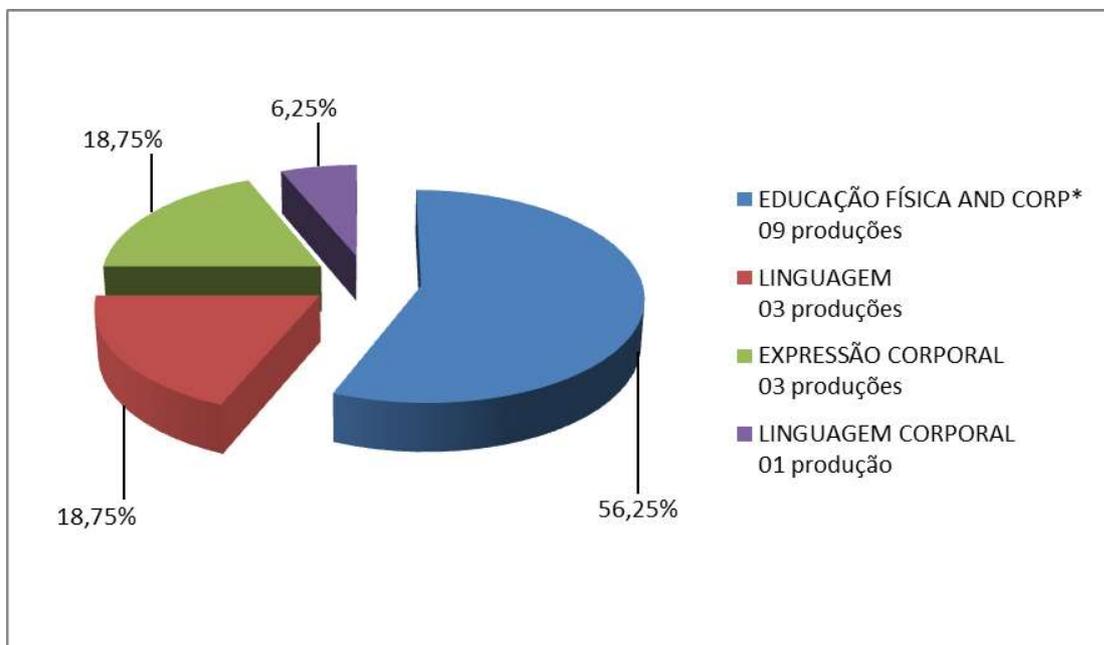
LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO – compreendendo que “[...] dançar significa sentir nosso corpo e por meio dele sorrir, chorar, amar, odiar, querer, nascer, morrer, viver” (ZOTOVICI, 2001, p. 11);

LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER – se apropriar da linguagem do movimento enquanto mecanismo para

[...] o entendimento de algo mais essencial que é o ser corpo. O próprio corpo que fala, compreende, comunica, sente e surpreende. Em cada gesto, cada ação pensada e repensada, criada e recriada do ser, é o próprio corpo presente que presente (ZOTOVICI, 2001, p. 12).

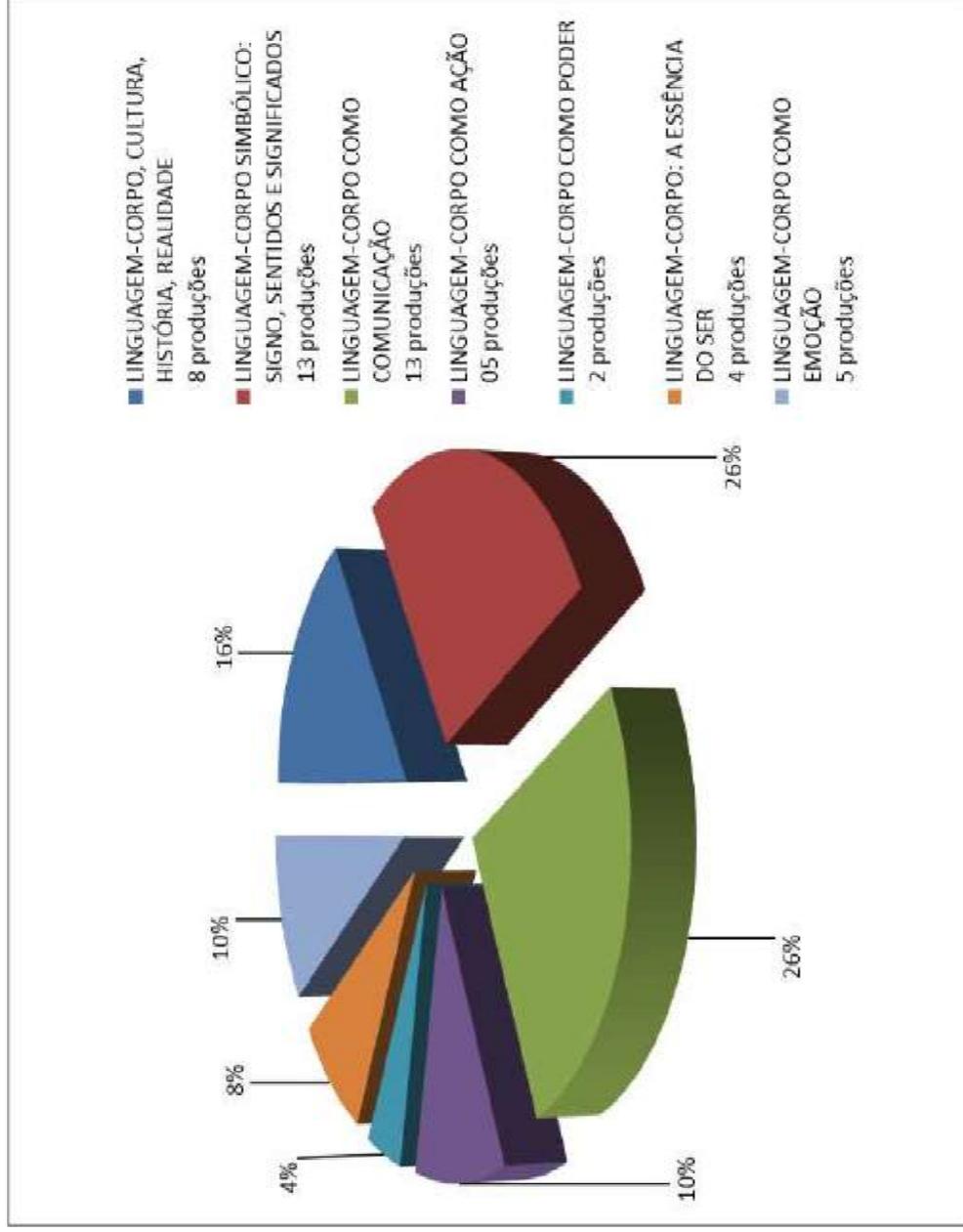
Em relação aos descritores, o mapeamento nos permite verificar que há uma maior concentração de produções vinculadas aos descritores: *educação física AND corp** - 9 produções; *expressão corporal* - 3 produções; *linguagem corporal* - 1 produção; *linguagem* - 3 produções, conforme o gráfico 03.

Gráfico 03 - Relação: Teses e Dissertações e Descritores



Já em relação às categorias empíricas das dissertações e tese, o percentual total nos permite verificar que há uma maior concentração de produções vinculadas às categorias: LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO - 13 produções; LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO - 13 produções; LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE - 8 produções; LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO - 5 produções; LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO - 5 produções; LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER - 4 produções; e LINGUAGEM-CORPO COMO PODER - 2 produções, expressas no gráfico 04:

Gráfico 04 - Relação: Teses e Dissertações e Categorias Empíricas



4.3 Dialogando com a produção da Educação Física

Frente a estes dados percebemos que as produções da área de educação física, disponíveis nos periódicos com *WebQualis* mais elevados e nos programas de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros, refletem as diferentes possibilidades de compreender o termo linguagem, expressando que são escassas as produções que realmente operam diretamente com o descritor linguagem, expresso em 10 produções; assim como os termos presentes na área de educação física: expressão corporal – 6 produções; linguagem corporal - 4 produções.

Desta forma, identificamos que as produções ainda permanecem arraigadas na conceituação do corpo como foco a ser pensado para a educação física, explicitada na quantidade de produções com o descritor *Educação Física and Corp**, que atenderam ao critério de inclusão do estudo - 47 produções.

Tal descritor possibilitou aproximações do conhecimento que abordavam a linguagem, mesmo que por vezes *en passant*⁴⁰, a exemplo da dissertação da UFRGS - *O jogo teatral como perspectiva de desenvolvimento da expressividade e do autoconhecimento de jovens e adultos* (GAIGER, 2000) – que por mais que tenha sido alinhado com as categorias LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER e LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO, não houve aprofundamento acerca da linguagem, mas compreensões próximas sobre o corpo que se comunica e o diálogo com o ser e suas as emoções.

Pode-se dizer, diante de tal contexto, que limitações da mesma ordem aconteceram nas produções de artigos e, a título de exemplo, pode-se apontar o artigo da Pensar a Prática – *Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na educação física* (BEZERRA; PORPINO, 2007) – que apesar da localização nas categorias empíricas LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO e LINGUAGEM-CORPO COMO PODER, o artigo faz aproximações no que concerne aos diálogos da dança como movimento

⁴⁰ Termo francês que significa “de passagem”.

expressivo contemporâneo com entremeios do corpo e tecnologia, entre a estética e o virtual e sob a constituição de que o corpo é

[...] um território múltiplo e polissêmico, o corpo tem sido transformado em objeto de conhecimento, manipulável e ao mesmo tempo, submisso e propagador do poder (BEZERRA; PORPINO, 2007, p. 275).

Assim, o corpo nos é apresentado como agente de comunicação e expressão, dimensão que a área de educação física vem apresentando ao longo das últimas décadas, buscando dar identidade a linguagem do corpo ou movimento.

No que concerne à dimensão da expressão como comunicação, Soares (2015, p. 9), em sua dissertação, afirma que

Por meio do movimento, processo ativo, as crianças pequenas encontram um meio natural de aprendizado e entendem noções de dimensão, distância, tempo, peso, tamanho, posição, forma e linguagem simbólica. Além de estimular o desenvolvimento neuropsicomotor, é um modo de expressão e comunicação.

Outra produção que abarca o entendimento que compreende expressão e comunicação é a de Ribeiro (2012, p. 47) que externa “[...] uma concepção da educação do corpo voltada para a expressão criativa de um conjunto de manifestações da cultura, no sentido de potencializar a comunicação”.

Mas, a compreensão de articular Comunicação e Expressão, enquanto áreas que coadunam com a Educação Física remete aos anos de 1970, e, sob essa possibilidade, é importante recuperar que o estado de São Paulo, através da Secretaria de Educação, organizou uma equipe para desenvolver guias curriculares que pudessem ser articulados com a proposta nacional de legislação para o âmbito escolar. Observando a conjuntura histórica do Brasil, face à tal legislação⁴¹ houve a participação dos militares em “[...] cooperação com os Estados Unidos, nos acordos conhecidos como MEC-USAID” (LOURENÇO, s/d.,

⁴¹ O contexto Legal que capitaneou os guias “foi o das resoluções 8/71 do Conselho Federal de Educação, bem como o parecer 853/71 do mesmo órgão. A deliberação 01/72 do Conselho Estadual de Educação de São Paulo normatiza estas resoluções no estado, repetindo o caráter da legislação federal ao propor um modelo de educação pautado no ensino profissionalizante, que pretende inserir os egressos no mundo do trabalho” (LOURENÇO, s/d., p. 8).

p. 6), com imissões do governo norte-americano e modificações em todos os níveis de ensino. Compete a presente pesquisa pontuar que na década de 1970, na divisão de áreas, Língua Portuguesa, Educação Artística e Educação Física foram alocadas na área Comunicação e Expressão.

Adentrando nos idos da década de 1980/1990, autores/pesquisadores da área de educação física contribuíram epistemologicamente no que diz respeito à relação entre linguagem e educação física e, a exemplo do estudo de Silvio Santin - *Educação Física: outros caminhos* (1993), objetivou embrenhar-se em temas filosóficos articulando educação física e linguagem. Santin (1993) na seção que condiz sobre sistemas de significações, denota que o contexto simbólico proporciona ao ser humano descobrir que seu ato e seus ensejos ultrapassam o fator biológico, afiançando o elo entre movimento como gesto e, conseqüentemente, linguagem.

E, sob o desígnio filosófico, Santin expressa que

Cada um de nós precisa conhecer-se a si mesmo através do aprendizado da leitura do livro que nós mesmos somos. Este livro o nosso corpo. Aí estão escritos os grandes ensinamentos da vida. Infelizmente a linguagem dos livros nos distanciou de nós mesmos. A apreensão cognitiva de nós mesmos dificulta a compreensão existencial, por isso temos que começar pela descoberta da linguagem da corporeidade⁴² (SANTIN, 1993, p. 72-73).

Novamente fica evidente que corpo é o centro das discussões, tal como foi inferido no mapeamento exposto nesta pesquisa. Inclusive, Santin se aproxima dos estudos de Merleau-Ponty ao coadunar que “[...] o homem é corpo” (SANTIN, 1993, p. 58).

Assim como Santin (1993), Mesquita (1997) também traz o corpo como contextualização em seu estudo *Comunicação Não-Verbal: relevância na atuação profissional*, elucubrando a relação educação física e linguagem, contudo sob o prisma da concepção social e profissional. Seu argumento confere validade à

⁴² Corporeidade é entendida, diante da perspectiva de Santin, como sendo o meio que possibilita relações e influências entre corpo e sociedade, bem como, entre sociedade e corpo, através de inter-relações e confluências permeadas por percepções sensoriais, em que o corpo é motivado por intentos oriundos da mente. A corporeidade perpassa pela compreensão do corpo ser o início vital; o corpo se localiza no contexto fenomenológico-existencial interagindo no âmbito do poder cultural que produz e se relaciona com a vida. (NOTA DO AUTOR)

potencialidade da comunicação por meio do discurso disseminado “[...] através de três suportes: o corpo, os objetos associados ao corpo e os produtos da habilidade humana” (MESQUITA, 1997, p. 155). Mencionando ainda que os

[...] canais de comunicação do nível não-verbal podem ser classificados em dois grupos: o primeiro, que se refere ao corpo e ao movimento do ser humano e o segundo, relativo ao produto das ações humanas. O primeiro apresenta diferentes unidades expressivas como a face, o olhar, o odor, a paralinguagem⁴³, os gestos, as ações e a postura. O segundo também apresenta várias unidades de expressão como a moda, os objetos do cotidiano e da arte, até a própria organização dos espaços: físico (pessoal e grupal) e ambiental (doméstico, urbano e rural) (MESQUITA, 1997, p. 158).

A autora se aproxima de Austin (1990), principalmente quando articula o âmbito das *ações humanas* para compor o repertório pertinente à linguagem, pois este faz correlações do *ato* com a linguagem sob a perspectiva da *ação*. E, através do jogo de palavras, explana o porquê da utilização do termo “ação”:

Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está - se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo (AUSTIN, 1990, p. 25).

No âmbito das ações, Mesquita (1997) traz a assertiva de que a expressão corporal é primordial para algumas profissões, que

Algumas profissões reconhecem e enfatizam mais o discurso não-verbal do homem como, por exemplo, bailarinos e atores, cuja função é transmitir, por meio da arte da dança e do teatro, mensagens, ideias e emoções através do virtuosismo da sua técnica e da estética ou da expressividade dos seus gestos (MESQUITA, 1997, p. 160).

⁴³ Paralinguagem é entendida por Mesquita (1997) como sendo uma das áreas do campo das comunicações não-verbais que denota variações no contexto da voz (volume, ritmo, amplitude, dentre outros que possibilita compreender elementos da afetividade humana que troca informações, emoções, sentidos e significados de modo constante através da consciência (ou da inconsciência). (NOTA DO AUTOR)

A partir de outro recorte de análise elencamos quais os conteúdos que vêm sendo tratados por estas produções para tratar de linguagem, comunicação, expressão. Em Soares (1996) aparece a relação com a dança⁴⁴, sendo contextualizado historicamente que a mesma faz parte dos conteúdos da educação física, juntamente com luta, esporte, jogo e ginástica, afirmando

[...] que estes são conteúdos clássicos. Permaneceram através do tempo transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elementos da cultura, como linguagem singular do homem no tempo. As atividades físicas tematizadas pela Educação Física se afirmaram como linguagens e comunicaram sempre sentidos e significados da passagem do homem pelo mundo (SOARES, 1996, p. 11).

Soares (1996) menciona, à época, que a educação física não mais se encontrava apenas no âmbito da biologização, podendo pensar

[...] que para tratar das atividades físicas em suas determinações culturais específicas, o conhecimento do homem implica em saber que a sua subjetividade e razão cognoscitiva se instalam em seu corpo e as linguagens corporais constituem-se em respostas a esta compreensão (SOARES, 1996, p. 10).

No início da década de 1990 o Coletivo de Autores (2013) lançou a ideia de pensar a linguagem através da expressão corporal como possibilidade de entendimento para uma abordagem metodológica na/para educação física, em que se tem nas linhas da obra a explicação de tal abordagem sendo

[...] entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento específico da educação física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída (COLETIVO DE AUTORES, 2013, p. 20)

Ou seja, diante do supracitado, compreende-se que a articulação entre linguagem e o contexto sócio-histórico é inerente e permeada por uma visão de totalidade, onde a contextualização é necessária e possibilita construir as configurações constituintes de uma dada cultura. Duarte (2010) esclarece que o

⁴⁴ Soares (1996) articula o conteúdo Dança, igualmente com os outros conteúdos da Cultura Corporal, ao contexto da linguagem como comunicação e que são produzidos pelo ser humano dentro de um panorama sócio-histórico cultural, permeados de sentidos e significados atrelados. (NOTA DO AUTOR)

ato de vivenciar algum dos pilares da educação física proporciona ao ser humano, por exemplo, possibilidade de compilar textos corpóreos⁴⁵ que não poderão ser desassociados do “[...] contexto e numa determinada cultura, portanto, dotado de sentidos específicos; tanto para quem o produz, quanto para aquele que o interpreta” (DUARTE, 2010, p. 294).

De acordo com o mapeamento desenvolvido na presente pesquisa, dos conteúdos da Cultura Corporal, a Dança é a que tem o maior quantitativo de produções que se articulam com linguagem e educação física.

Dos 52 artigos presentes na pesquisa, 34 mantém relação com o conteúdo Dança, denotando a porcentagem de 65,38%. Já em relação às 16 produções de Dissertações e Teses, 14 elenca o conteúdo Dança, quantificando 87,5%. Podemos inferir que ambos apresentam um quantitativo expressivo que tratam do conteúdo Dança como possibilidades de linguagem, expressão corporal, comunicação corporal, ação, emoção, cultura e história.

Ao analisarmos as produções da Educação Física na relação com a Linguagem⁴⁶, indagamos: os estudos sobre Dança têm privilegiado a discussão sobre Linguagem? Em que perspectiva?

Conforme o questionamento acima e atrelado aos quantitativos expressos acerca das produções que tratam do conteúdo Dança sob diversos aspectos, podemos localizar 10 produções diante dos 52 artigos que foram mapeadas, e que mencionam a dança como linguagem. Na configuração dos artigos, têm-se: *A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop; Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil; Educação Física como Linguagem; Corpo, dança e criação: conceitos em movimento; Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais; O corpo simplesmente corpo; O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo*

⁴⁵ Para Duarte (2010) textos corpóreos são Informações transmitidas pelo corpo que se comunica, interage e troca conhecimentos na/para/pela/com a sociedade. (NOTA DO AUTOR)

⁴⁶ Informação referente apenas às produções na área de Educação Física. Ratificando que não foi objetivo da presente pesquisa adentrar nas produções de outras áreas (Artes, Letras, Pedagogia, Sociologia, entre outras).

gestual; Técnica e expressividade: análise fenomenológica do corpo na dança; A dança-improvisação e o corpo vivido: ressignificando a corporeidade na escola; Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura.

E, a título de exemplo, o artigo *A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop* explicita a dança como expressão da arte, compreendendo-a como linguagem que apresenta

[...] a movimentação dos sentidos, tornada presente e aparente através da linguagem da dança *Break*, permitem, ao menos a verificação das invenções de sentido em vias alternativas de produção, que possibilitam a afirmação de outros modos de ser jovem na cidade (ALVES; DIAS, 2004, p. 3).

Já o artigo *Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil* menciona o fato histórico da dança ser pertencente à arte e ter sido modo de comunicação através da linguagem corporal. Kusunoki e Aguiar (2009), contudo, não opera com o entendimento da linguagem em diálogo com a dança, apenas posiciona a situação histórica da dança, em específico, da dança do ventre.

O quantitativo de teses e dissertações que mencionam a dança como linguagem são de 7 produções, das 16 localizadas na presente pesquisa, a saber: *Práticas corporais nas comunidades quilombolas: significados das manifestações culturais na escola de Monte Alegre; Linguagem, Intersubjetividade e Movimento Humano; O corpo do Grupo Corpo: os movimentos das obras Benguelê, Lecuona e Onqotô; Linguagem e suas possibilidades na Educação Física Escolar; Mediação de sentidos: aulas compartilhadas no Brasil e em Portugal junto a estudantes de Educação Física; O diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física; Pés no chão e a Dança no coração: um olhar fenomenológico da Linguagem do Movimento.*

Para pontuar o contexto do conteúdo Dança como linguagem, a produção *Pés no chão e a Dança no coração: um olhar fenomenológico da Linguagem do Movimento* aponta que a dança

[...] procura a princípio o desenvolvimento da consciência de si mesmo que permitirá ao sujeito estar ciente do que se pode fazer, o que se quer fazer e para o que podemos expressar no movimento, permitindo-nos perceber, experimentar, entender e

comunicar o que queremos de cada ação (ZOTOVICI, 2001, p. 10).

Acerca da citação supracitada, apesar de não mencionar a palavra linguagem, o contexto textual denota que o conteúdo Dança está operando epistemologicamente em diálogo com a linguagem ao trazer o entendimento da dança que permite ao ser humano expressar através do movimento e possibilita sua comunicação.

Na produção *O diálogo na Educação Infantil: o movimento, a interdisciplinaridade e a Educação Física* o que podemos apontar, como argumento pertinente a essa etapa da pesquisa, é o fato de Soares (2015, p. 45) considerar que “[...] linguagens são diferentes formas de expressão, como imagens, canções e músicas, teatro, dança e movimento, bem como a língua escrita, falada e de sinais”, em que a dança se enquadra como uma possibilidade de linguagem.

Frente a estes dados, verificamos que podemos sim apontar que na discussão sobre linguagem na área de educação física a dança ganha relevo e traz elementos de sua discussão no campo da arte, como linguagem específica, mas que ainda não demonstra amplitude de sua reflexão sobre o termo. Tal discussão está presente no estudo de Brasileiro (2009), quando reconhece que há nos cursos de formação em Educação Física e Dança (UFBA e UNICAMP) reflexões sobre a dança no campo do conhecimento e da linguagem. Brasileiro (2009, p. 206) pontua que é

[...] importante que os cursos rediscutam os seus pressupostos sobre o conceito de linguagem. Visto que tratá-la como comunicação ou como expressão é uma redução da mesma. Linguagem é um processo que se desenvolve nas interações dos seres humanos, não só comunica, não só expressa, mas mediatiza relações sociais.

Ao localizarmos as referências das produções mapeadas identificamos que está presente um diálogo com autores que tratam sobre linguagem a partir de diferentes áreas, a exemplo da filosofia, psicologia, antropologia, sociologia, artes; e com autores da área de educação física que fazem estudos sobre linguagem.

No primeiro bloco destacamos as obras que não são da área de educação

física, mas que possibilitam contribuir para a compreensão do termo linguagem. Referências que aparecem nas produções analisadas e dão sustentação a argumentação das mesmas na discussão sobre linguagem.

A partir de uma discussão no campo da antropologia, aparecem obras, do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Este autor identifica que a linguagem é vista como comunicação ao relatar que “[...] ela pode mediar significados mais complexos do que sugere a leitura literal” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 118). Inferindo, de tal modo, a correlação com a categoria empírica LINGUAGEM-CORPO: COMO COMUNICAÇÃO, abrangendo o corpo que considera a linguagem como comunicação. Os estudos desse autor dá suporte às produções presentes do mapeamento, dentre elas: Grando (2005), Lara (2007).

Ainda neste campo, e em diálogo com a sociologia, observamos a presença da obra *Sociologia e Antropologia* de Marcel Mauss (2003, p. 19), que aponta que “[...] toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem”.

Face ao exposto, podemos fazer abertamente conexões com as categorias empíricas oriundas do aporte teórico e, neste momento, alinhadas com as produções mapeadas, em específico, as categorias LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE; e LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO. Ou seja, existe a articulação direta e pertinente com as categorias que tratam, respectivamente da relação dialógica com a realidade e a cultura de uma determinada sociedade, bem como com o corpo como símbolo que se expressa através de códigos e/ou signos, configurando-se em sentidos e significados diante das interpretações sociais. Tal referência dá suporte às produções de nosso mapeamento, dentre elas: Dias (2010), Oliveira Santos (2009), Silva (2012).

No campo das Artes, se destaca o estudo *Domínio do Movimento* de Rudolf Laban, teatrólogo e coreógrafo, denominado de o grande teórico da dança no século XX. Nesta obra Laban (1978, p. 225-226) comenta que

O conhecimento da expressão dos esforços e do mundo dos valores capacita-nos a provar para nós mesmos e para os outros que a linguagem do movimento não se restringe à representação

de eventos físicos. [...] Quando se oferece ajuda aos outros, um sussurro emocional causará arrepios. Como é que isto se expressaria em termos de movimentos? São diferentes as duas modalidades de satisfação que acompanham a obtenção de valores de ordem material e moral. No primeiro caso, a satisfação poderá ser intensa mas, de alguma forma, manter-se-á superficial; no segundo ocorrerá muito mais profundamente. É a porção íntima do ser humano que responde aos valores morais. A equanimidade profunda e o equilíbrio interno de uma pessoa que geralmente se concentra na temática dos valores morais contrasta totalmente com a inquieta instabilidade sem descaso daqueles que se lançam à caça de objetos materiais. [...] Como é que se manifestam nos movimentos, a equanimidade e o equilíbrio? É compreensível que a mera explanação verbal não consiga descrever exatamente a manifestação destas qualidades internas. Embora seja difícil descrevê-la em palavras, tal experiência interna pode perfeitamente ser expressa, através do movimento.

Articulando com a presente pesquisa e em diálogo com as categorias empíricas, percebemos que LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO fará contato direto com a citação supracitada, que intenciona asseverar a linguagem como possibilidade de expressividade através da emoção enquanto eixo dialógico do ser humano. Tal referência dá suporte às produções mapeadas, dentre elas: Gaiger (2000), Turtelli (2003), Zotovici (2001).

Com Michael Foucault, filósofo destacado na nossa construção teórica, houve o alcance da categoria empírica LINGUAGEM-CORPO COMO PODER, sendo destaca a obra *A ordem do discurso*. Nesta Foucault (1999, p. 8-9) expressa

[...] que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é claro, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Reafirmando que o poder e sua atuação nas relações sociais e em seus discursos, mantêm apropriações dos conteúdos exteriores ao humano decorrente do processo de dominação material e da expressão. Neste sentido a área de

educação física dialoga com este autor buscando elucidar essa dimensão da expressão e linguagem, presente nas produções mapeadas, a exemplo de Alves; Dias (2004), Soares; Brandão (2012).

Em alinhamento com a categoria empírica LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO, reconhecemos que apesar de sua contribuição para a filosofia da linguagem, Austin apenas aparece na dissertação *Linguagem, Intersubjetividade e Movimento Humano* (ARAÚJO, 2005), e mesmo assim através de *apud* da obra de Marques (1993) e Ottoni (1998). Fizemos o esforço de ir à fonte, sendo destacado em Austin (1990, p. 93) o argumento do autor, onde aponta que

O fato de podermos incluir no próprio ato uma gama indefinidamente extensa do que se poderiam chamar "consequências" do ato é, ou deveria ser, um ponto pacífico fundamental da teoria da nossa linguagem acerca de toda a "ação" em geral (AUSTIN, 1990, p. 93).

Com isso, percebemos que a realização da linguagem em atos tem na ação seu foco de atuação corporal.

Outro destaque se faz ao filósofo francês Maurice Merleau-Ponty como fonte para escrita de produções presentes no mapeamento da pesquisa, e a categoria empírica LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER é a que abrange seus estudos, pois externa que

[...] a linguagem e a compreensão da linguagem parecem evidentes. O mundo linguístico e intersubjetivo não nos espanta mais, nós não o distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo já falado e falante que refletimos. Perdemos a consciência do que há de contingente na expressão e na comunicação, seja junto à criança que aprende a falar, seja junto ao escritor que diz e pensa pela primeira vez alguma coisa, seja enfim junto a todos os que transformam um certo silêncio em fala. Todavia, está muito claro que a fala constituída, tal como opera na vida cotidiana, supõe realizado o passo decisivo da expressão. Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 250).

Ou seja, a Essência do Ser e sua atuação no mundo que se expressa em busca da verdade perpassa pela expressão englobada pela visão de mundo e sua

significação gestual. Tal referência esteve presente nos estudos de Duarte (2010), Lacine; Nóbrega (2010), Silvia; Porpino (2013); dentre outros.

De todas as áreas atuantes no recorte do levantamento das referências que compôs a presente pesquisa, a área de psicologia, por meio de seus estudiosos/pesquisadores que foram fundantes no contexto da educação física, é a que consegue intercambiar por algumas categorias ao mesmo tempo.

Após o levantamento, destacamos Alexei Leontiev e Lev Semenovitch Vygotsky que tiveram suas obras citadas, dentre elas destaca-se: *Actividad, Conciencia, Personalidad* (1978) e *Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar* (1988),⁴⁷; e, em Vygotsky (1984, 1989, 1994, 2007⁴⁸). As produções mapeadas que citaram diretamente referências do campo da psicologia, em específico Leontiev e Vygotsky, foram (em ordem cronológica/ano): Gaiger (2000), Alves; Dias (2004), Silva (2005), Simão (2005); Garanhani (2006), Gomes-da-Silva; Cavalcanti; Hildebrandt (2006), Santos (2009), Machado (2013), Soares (2015).

Importante ressaltar que a clássica obra *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992, 2013), mergulhou na fonte vygotskyniana para compor sua base teórica de sustentação.

A relevância de Vygotsky⁴⁹ para a área de educação física no campo da discussão sobre linguagem perpassa por estudos acerca da organização do pensamento, e o Coletivo de Autores (1992, 2013) desenvolveu essa discussão no intento de compreender como se estrutura a organização do conhecimento pelos estudantes. A importância de Vygotsky para a área de educação física não adentra no contexto da linguagem, ou ao termo denominado pela obra de linguagem corporal, mas sim busca entender o processo independente e ao mesmo tempo articulado da relação entre pensamento e linguagem, reconhecendo que o “[...] pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de

⁴⁷ LEONTIEV, Alexei N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**. In: VYGOTSKY, L. S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

⁴⁸ Havendo em alguns casos alterações do ano apenas pela edição.

⁴⁹ Em algumas obras/citações/referências o nome de Lev Semiovich Vygotsky aparecerá com assim: 'Vygotsky' ou 'Vigotski'.

uma forma diferente [...] são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana” (VYGOTSKY, 1989, p. 132). Tal processo se explicita na apresentação dos ciclos de escolarização, que são divididos em quatro momentos: ciclo de aproximação da realidade; ciclo de iniciação à sistematização; ciclo de ampliação da sistematização; e ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. Tal organização permite compreender como o ser humano elabora seu pensamento sobre as coisas e se apropria do conhecimento. O Coletivo de Autores (2013, p. 34) entende que

Nos ciclos, os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada, desde o momento da constatação de um ou vários dados da realidade, até interpretá-los, compreendê-los e explica-los.

Outra configuração que tem em Vygotsky e que existe a apropriação pelo Coletivo de Autores (2013) é a compreensão da conjuntura sócio-histórica do ser humano e coaduna com Vygotsky (1989, p. 44) ao expor que “[...] uma vez admitido o caráter histórico, [...] devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico da sociedade humana”.

Em estudo inicial, Barros (2014) apontou que o Coletivo de Autores (1992) apresentou a área de educação física, de forma mais ampla, pelo impacto da obra, o conceito de Cultura Corporal, que tinha na linguagem possibilidades de expressões necessárias para a sociedade. E no percurso do seu segundo capítulo esteve presente uma pesquisa acerca da linguagem, de aporte teórico na obra de Lev Semionovich Vygotsky – Pensamento e Linguagem (1989), que contribuiu para se pensar como se organiza a linguagem e seu emprego por meio do desenvolvimento nos seres humanos.

Barros (2014) ponderou que a influência social que permeia o ser humano gravou a linguagem como expressões no cotidiano, porém, no princípio, “[...] a palavra é um substituto convencional do gesto: aparece muito antes da crucial ‘descoberta da linguagem’ por parte da criança” (VYGOTSKY, 1989, p. 27).

Ao fazermos esse reconhecimento não significa que a área superou estas discussões no campo da psicologia, mas nela busca-se aproximação e seu limite

está expresso nas próprias avaliações dos autores desta obra, conforme pode ser observado no registro da pesquisa de Souza Junior et al (2011) incluindo na sua segunda edição. Nesta é possível reconhecer, como o fez Souza Junior et al (2011, p. 409) que:

[...] a linguagem não é só forma/conteúdo de externalização, ela também é de internalização. A linguagem não é apenas comunicação, também é denotação e conotação. A linguagem é ainda estruturação e interação de sujeitos, pois constitui o pensamento humano e estabelece relações entre os homens. Cremos que a Educação Física crítico-superadora prescinde, para aprofundar ainda mais sua reflexão sobre seu objeto de estudo específico, de uma discussão acerca da linguagem sob um olhar marxiano, e por que não dizer marxista?

Neste sentido reconhecemos produções que buscam diálogo com Mikhail Bakhtin, filósofo e pesquisador da linguagem humana, que nos permite evidenciar a amplitude inerente ao contexto da linguagem em detrimento da delimitação que a literatura aduzia ao tratar a linguagem apenas como comunicação (BRAIT, 2005; FARACO, 2009; FIORIN 2016).

Das produções da área de Educação Física que foram mapeadas, Brasileiro (2013), Santos (2009), bem como, Silva (2008), dialogam com Bakhtin compreendendo três obras do filósofo, a saber: *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Estética da criação verbal*, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

Brasileiro (2013) dialogou com Bakhtin coadunando em entrelaces dialógicas, expondo

[...] que a linguagem é um esforço em compreender as relações entre os seres humanos em sua produção cotidiana; que, nesse processo, a linguagem constitui-se nessas relações; que o ser humano nasce em um mundo de palavras e nele vai constituindo-se e produzindo outros sentidos e significados; ou seja, somos impregnados por palavras. Mesmo nas coisas que só vemos ou só tocamos já temos uma palavra para significar (BRASILEIRO, 2009, p. 152).

Ou seja, é a palavra o foco da compreensão e o direcionamento para se pensar a linguagem em relação aos outros signos sociais existentes. Mas, na citação supracitada, é possível ir mais adiante sob a relação linguagem e comunicação, pois percebendo que a linguagem se constitui em meio às relações,

os sentidos e os significados histórico-culturais serão contextos idiossincráticos e, sob essa perspectiva de raciocínio, se o ser humano vai se constituindo em meio às relações sociais, ele age, interage, influencia e é influenciado pelo seu entorno sociocultural, denotando que há a presença de uma ação do corpo-linguagem que dialoga e é dialogado. Assim sendo, se é corpo-linguagem em interfaces relacionais com a sociedade, também haverá o contexto das emoções, que não pode ser excludente, já que as emoções fazem parte da configuração do ser humano. Ou seja, percebe-se a real ampliação para pensarmos a linguagem não apenas no reducionismo da comunicação através da linguagem corporal no contexto da educação física.

O ser humano é corpo, e corpo é comunicação, é emoção, é ação, é relação sociocultural e histórica, é auto percepção, e tudo e muito mais se constituindo em linguagem e, para abordar sobre linguagem, conjecturamos mergulhar nas águas da área de educação física, porém, faz-se necessário reiterar ainda que deve haver produções que articulam linguagem e educação física em periódicos de outras áreas, assim como em programas de pós-graduação de outras áreas, devido a característica multidisciplinar dos estudos na área de educação física, a exemplo das áreas de educação, psicologia, história, dentre outras. No entanto, frente ao grande mapa de possibilidades e os limites de tempo/recorte da pesquisa delimitamos entrar na produção que é investigada dentro da própria área.

O aporte teórico da presente pesquisa aponta possibilidades de compreender a linguagem não apenas como comunicação, categoria posta amplamente na literatura. A linguagem é/está permeada de configurações plurais e com potencialidades diversas para entender que a emoção, o poder, a ação, os códigos e suas simbologias, o contexto histórico-cultural fazem parte da nuance que entremeia a linguagem do ser humano com/no/para o mundo.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE PRELIMINAR DE DOCUMENTOS CURRICULARES

A Constituição Federal de 1988 destinou uma seção que diz respeito ao direito social voltada para a Educação, em que se encontram nove artigos abordando acerca desta matéria, sendo: do Art. 205 ao Art. 214 do seu texto constitucional. Por exemplo, o artigo 214, promulgou que se fizesse

[...] o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas (BRASIL, 1988, p. 123).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, tornou-se a legislação regente da Educação do Brasil e se posicionou em relação ao direito à Educação, acobertado pela Constituição de 1988, instituindo as bases educacionais, bem como os deveres do Estado no tocante ao ensino público, delimitando responsabilidades para os Municípios, Estados e União.

Dentre os artigos que são regidos pela LDB, o artigo 35 vai especificar o Ensino Médio, mencionando:

O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá com finalidades: I a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; II a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996, p. 12).

Sob o discurso de intencionalizar uma contextualização à educação nacional, amparada pela LDB, e alicerçada nas *Diretrizes Curriculares Nacionais* (DCNs) aprovadas em 1998 e publicadas em 1999/2000, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs vão sugerir/orientar possibilidades de ações que favoreçam a ampliação do contexto geral dos estudantes.

Os PCNs, ao contexto da educação física, abalizam orientações para os quatro ciclos do ensino fundamental e do ensino médio. O que importa nesta pesquisa é se debruçar sobre a conjuntura do ensino médio, em específico a educação física.

Ladeira e Darido (2003) asseveram que os PCNs não deram conta de aprofundar a interconexão entre educação física e linguagem.

A comunicação corporal entre os indivíduos tende a acontecer quando estes têm a consciência de seus corpos sensíveis repletos de vontade e intencionalidade. Portanto, a receptividade e a transmissão de informações, através dos movimentos corporais entre os indivíduos acontecem de maneira natural e espontânea, sucedendo-se entre eles um elo de ligação preso pela sensibilidade. A comunicação é uma negociação entre pessoas, um ato criativo. E quando nós nos comunicamos formamos um sistema de interação e reação integrado em harmonia (BRASIL, 2000, p. 38).

No trecho acima é perceptível que, na compilação dos PCNs, houve um esforço para tentar trazer uma justificativa plausível no que diz respeito à localização da educação física na área de *Linguagem, Códigos e suas Tecnologias*, mesmo que, historicamente, o contexto da educação física sempre estivesse entrelaçado ao âmbito da saúde.

Porém, para reafirmar tal localização no corpo do texto dos PCNs, encontra-se que a situação da educação física, estando fora da área da linguagem, colocariam os estudantes permaneceriam como meros “[...] espectadores e não praticantes de atividades físicas” (BRASIL, 2000, p. 35).

O texto, no que concerne ao recorte da educação física, vai sendo tecido por informações sobre a LDB, orientações para atuação do professor, tentativas de conjecturar informações sobre linguagem, comunicação, signo, práticas

corporais, linguagem corporal. No entanto, não deixa clara a base teórica de tais conceitos.

Diante da imprecisão gnosiológica, fez-se necessário a compilação dos Parâmetros Curriculares Nacionais Mais (PCNs+), voltados para o ensino médio como Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, ensejando suprir a lacuna sobre linguagem e educação física.

Nos PCN+ há as informações características envolvendo configurações que perpassam conceitos sobre linguagem. Por todo documento encontram-se trechos, tais como:

Saber se informar, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; enfrentar problemas de diferentes naturezas; participar socialmente, de forma prática e solidária; ser capaz de elaborar críticas ou propostas; e especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado. [...] comunicar-se e argumentar; defrontar com problemas, compreendê-los e enfrentá-los; participar de um convívio social que lhes dê oportunidades de se realizar como cidadãos; fazer escolhas e proposições (BRASIL, 2002, p. 9).

Bem como,

O caminho a percorrer vai da compreensão e do uso particular das linguagens específicas empregadas nas práticas de cada disciplina à compreensão e à análise da faculdade humana de construir e utilizar a linguagem – substrato comum. [...] Do mesmo modo, a compreensão da identidade cultural enformada pela língua materna não se desvincula da compreensão de semelhante identidade resultante e expressa na linguagem corporal, em disciplinas como Artes e Educação Física (BRASIL, 2002, p. 26).

Ou ainda,

Como se sabe, a comunicação humana pode efetivar-se por meio de palavras (linguagem verbal) ou por meio de outros signos (linguagem não-verbal). Há substratos comuns entre todos esses signos, com destaque para o fato de terem sido criados pelo homem com finalidades específicas. Trata-se, pois, de convenções, variáveis de acordo com as necessidades e interesses do grupo social. Essas convenções podem ser agrupadas em conjuntos conhecidos como códigos (BRASIL, 2002, p. 140).

Mesmo com as citações expostas, a pergunta que se faz necessária executar é: embasada em quais teorias do conhecimento se encontram tais

asseverações? Ou sendo ainda mais específico: quais teorias do conhecimento da linguagem foram suporte para tais afirmações?

O mapeamento presente nessa pesquisa⁵⁰ aponta o quão distante estão as pesquisas da área de educação física no tocante à linguagem. Um dos prováveis motivos seja o fato de os próprios documentos curriculares nacionais, que deveriam servir de suporte para a atuação dos professores, não estejam tão claros o quanto deveriam.

Face ao exposto, há a compreensão de que é fulcral analisar a composição textual dos Parâmetros Curriculares Nacionais, na intenção de entender quais foram os referenciais teóricos que deram suporte. Pois, ao captarmos o contexto textual poderemos ter condições de entender as configurações gnosiológicas que estão subjacentes nos documentos curriculares nacionais atuais, para qualificar os documentos vindouros e que serão suportes para o currículo da educação básica no Brasil.

Destaca-se esta necessidade, quando acessamos o documento em discussão nacional da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵¹, que toma o conceito de linguagem como sendo central na sua construção.

A BNCC desponta no cenário político brasileiro no intento de apresentar “direitos de aprendizagem para diferentes segmentos e modalidades do ensino e sinalizaram a necessidade de uma base nacional” (NEIRA; SOUZA JÚNIOR, 2016, p. 192). Os autores comentam que

[...] em 2014, o Plano Nacional de Educação fez menção à importância de um documento com esse teor. Diante disso, o Ministério da Educação reuniu professores e professoras indicados pelo CONSED e pela UNDIME ou pertencentes a 35 universidades, representando todos os Estados da Federação. A equipe final foi constituída por 2 coordenadoras, 14 assessores e 108 especialistas. A partir da leitura e discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), das pesquisas sobre os currículos estaduais e da realização de seminários em que foram apresentadas e discutidas experiências curriculares internacionais, chegou-se a um termo do texto que deveria ser produzido. Algo, até então, inexistente no país: um material abrangente o suficiente para propiciar a identificação de diferentes grupos e realidades e que pudesse orientar a elaboração de

⁵⁰ Vide capítulo 3.

⁵¹ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 16 nov. 2016.

propostas curriculares (NEIRA; SOUZA JÚNIOR, 2016, p. 192-193).

O material compilado foi reunido em uma primeira versão e disponibilizado para a população brasileira contribuir com sua discussão/produção. Tal contribuição atingiu a marca de aproximadamente doze milhões envios. E, após diversos debates, as contribuições foram analisadas abarcando um quantitativo grande de sugestões incluídas, direcionando para uma segunda versão. No presente momento, a BNCC se direciona para a terceira versão, porém com redução/alteração da equipe que era composta no momento da primeira versão, visto que neste ínterim houve uma mudança drástica de governo.

Contudo, enquanto a BNCC não está concluída, importa-nos compreender como se estrutura os PCNs e PCN+ no contexto da educação física escolar brasileira.

Fazendo articulação com o mapeamento das obras da área de Educação Física, encontram-se apenas 4 produções que têm como escopo em seu texto a menção e opera com os documentos PCNs para dialogar com o contexto da educação física e linguagem, a constar (em ordem de publicação cronológica): Ladeira; Darido (2003), Ladeira (2007), Duarte (2010), Santos; Marcon; Trentin (2012).

Ladeira e Darido (2003, p. 31) apontam que os “[...] PCNs, área de Educação Física, não tratam, de modo aprofundado, das possibilidades da Educação Física na escola, enquanto linguagem”, mesmo com a orientação dos próprios PCNs sugerindo a possibilidade de interação, comunicação e aproximações do conhecimento através da linguagem.

Nos PCNs, especificamente na seção I, Bases Legais, faz-se menção a compreensão de que

[...] as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa. É relevante também considerar as relações com as práticas sociais e produtivas e a inserção do aluno como cidadão em um mundo letrado e simbólico. A produção contemporânea é essencialmente simbólica e o convívio social requer o domínio das linguagens

como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos (BRASIL, 2000, p. 20).

O texto sempre faz menção para a necessidade de haver articulações entre as disciplinas e às relações sociais, observando que a linguagem é o elo principal na compreensão dos sentidos e significados culturais, contudo, mesmo compreendendo que os PCNs se configuram no contexto de orientações acerca das possibilidades em proporcionar conhecimento crítico-reflexivo, o texto não esclarece qual (ou quais) embasam o contexto da linguagem e, especificamente, a relação da linguagem e educação física.

A linguagem está posta no texto dos PCNs “[...] como capacidade humana de articular significados coletivos [...] pelo uso e pela compreensão de sistemas simbólicos sustentados sobre diferentes suportes” (BRASIL, 2000, p. 19). Compreendendo sob o prisma citado, que a Educação Física se aproxima do argumento pertencente da área Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.

O transcorrer das linhas dos PCNs menciona a possibilidade de “[...] trabalhar as linguagens não apenas como formas de expressão e comunicação, mas como constituidoras de significados, conhecimentos e valores” (BRASIL, 2000, p. 74), bem como a necessidade em destacar que

[...] o agrupamento das linguagens busca estabelecer correspondência não apenas entre as formas de comunicação [...] como evidenciar a importância de **todas** as linguagens enquanto constituintes dos conhecimentos e das identidades dos alunos, de modo a contemplar as possibilidades artísticas, lúdicas e motoras de conhecer o mundo (BRASIL, 2000, p. 92).

De acordo com o supracitado, e em consonância com o levantamento do aporte teórico da Ciência e Filosofia da Linguagem, somando-se às produções mapeadas da área de educação física, foi possível inferir as categorias empíricas que sulearam a presente pesquisa.

Não fica evidente se os PCNs, na época de sua compilação, foram intencionalmente idealizados no direcionamento de uma percepção da pluralidade no que diz respeito à linguagem. O que há é um jogo de palavras operantes em tais documentos que se mostram de modo aleatório, denotando uma

pseudoconcreticidade epistemológica, um mero arranjo léxico para dar conta de modo técnico acerca da explicação relacional entre educação física e linguagem.

Desta forma os conceitos de signo, sentido, significado, comunicação, comunicação corporal, linguagem, linguagem corporal, linguagem não-verbal, vão aparecendo nos textos sem apresentações conceituais sobre os mesmos. E mais ainda no documento, em construção, da BNCC eles estão imbricados em todo o seu percurso, pois linguagem é a categoria central da apresentação do conhecimento de todas as áreas⁵².

É possível correlacionar categorias empíricas atuantes na presente pesquisa, pois como apontamos, mediante o aporte teórico, a linguagem ultrapassa o ato da comunicação, externando emoções, relações sócio-histórica, bem como quando Ladeira e Darido (2003, p. 34), face à textualidade dos PCNs, externam acerca do '*decidir sobre o que fazer*', podemos alinhar à categoria da linguagem como ação, e podemos observar na citação abaixo.

Sentir as emoções, transmitir vontades, decidir sobre o que quer fazer, explorar as potencialidades com vigor são algumas das mensagens que os alunos emitem por meio dos movimentos corporais, porém, grande parte dos professores não considera significativas estas mensagens.

Ladeira (2007, p. 9), em sua dissertação, afirma que a compreensão da educação física está localizada no âmbito da linguagem, entendendo

[...] que a Educação gera significados essenciais que permitem compreender o mundo e participar dele, a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias privilegiará a aquisição e o desenvolvimento da competência geral de manejar sistemas simbólicos e decodificá-los (LADEIRA, 2007, p. 9).

No entanto, para Bakhtin (2006) não se trata de decodificar sistemas simbólicos, mas de produzir sentidos e significados na relação com estes sistemas.

⁵² Neste momento não nos debruçamos sobre a análise da BNCC devido a sua fase de escrita em construção, especialmente devido a mudança de coordenação da construção da mesma, após a mudança de governo, que não deixou claro até o momento qual o percurso de continuidade e/ou ruptura com as contribuições dos especialistas e da comunidade envolvida nas fases anteriores. Como indicativo destas discussões, ver edição dedicada a temática: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/issue/view/2427/showToc>

Ao localizar a educação, em específico, a educação física, no contexto dos PCNs, em linguagens, houve a asseveração de que somos seres humanos que dialogamos e fazemos usos das mais variadas possibilidades de inter-relacionamento com o contexto pessoal, social e histórico.

Na citação abaixo, da produção mapeada, Santos; Marconi; Trentin (2012) permanecem com o entendimento da linguagem, em específico, a linguagem corporal como contexto da área de educação física, como sendo apenas comunicação. Apontando que

[...] a presença da Educação Física na ALCT⁵³ se explicaria pelo uso da linguagem corporal – que estimula a comunicação em distintas culturas e contextos – como elemento central no processo de interação dos alunos com a cultura corporal de movimento. Como forma de participação e interação social, a linguagem corporal propicia ao indivíduo o reconhecimento do outro e de si mesmo (SANTOS; MARCONI; TRENTIN, 2012, p. 572).

No contra fluxo da compreensão de linguagem se limitar ao contexto da comunicação, Duarte (2010, p. 296) traz em seus escritos outra possibilidade de se idear a linguagem ao dizer “através do corpo e da experiência de vivenciá-lo no mundo que é possível apreender a essência e a existência”, que intenciona pensarmos que a linguagem é e se constitui no ser humano que a vive e dialoga com o mundo, contextualizando suas experiências vividas.

A contextualização sócio-histórico-epistemológica é necessária, quiçá, fulcral para o entendimento de que linguagem (e/ou quais linguagens) está sendo tratada e quais finalidades há por detrás dos que idealizaram a compilação de importantes documentos que vem (des)orientando a educação brasileira, especificamente, a educação física. Pois se a intenção é manter a (des)orientação da/na relação entre linguagem e a área de educação física, os atuais documentos vêm fazendo um excelente papel.

⁵³ Os autores do artigo usaram a sigla ALCT que significa Área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.

CONSIDERAÇÕES (A)FINAIS

Ao usar o termo (A) finais intencionamos um jogo de palavras que conota, em primeira instância, uma pausa temporal do que se pesquisou até o presente momento, bem como, em segunda instância, a apropriação do prefixo grego 'a' no intento de afirmar que não existe fim para o âmbito das pesquisas. Ponderamos que o termo 'considerações finais' denota o findar de algo, alegando que nada mais poderá ser repensado/reelaborado, pois se findou, tornando-se estático e isolado no passado, sem possibilidades de avanços futuros.

Partimos do entendimento de que, articulado ao contexto histórico da área de educação física, é assertivo narrar que a área se ancorou no caráter biologicista. Tal contexto corrobora para a difícil aceitação da inserção das ciências humanas nesta área (BETTI, 1994; DAOLIO, 2004; DUARTE, 2010; SOARES, 1996).

Falar sobre linguagem não é uma tarefa fácil... o que foi denotado através do distanciamento da área em relação ao termo explicitado nesta pesquisa, que reconhece o diminuto quantitativo de produções que abordam e operam com linguagem no interior dos textos.

Lembrando que não estamos falando de nenhuma novidade, no que concerne à temporalidade. Como já mencionado anteriormente, linguagem se localiza na área de educação física há mais de quinze anos e, mesmo diante do contexto temporal, são poucas as produções que articulam e manejam a relação entre linguagem e educação física. Desse modo, problematizamos de que modo se constituíram/constituem as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física. E, alinhado com o objetivo da presente pesquisa de analisar de que modo se constituíram as aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física.

Assim, as reflexões acerca da linguagem apenas foram possíveis após (e durante) mergulhos nas águas da ciência e filosofia da linguagem. A constatação de que linguagem é comunicação foi bandeira hasteada na literatura desde outrora (ARISTÓTELES, 2005; BAKHTIN, 2006; LOCKE, 1999; MERLEAU-

PONTY, 1999; SAPIR, 1980), e coadunamos com a assertiva, porém, entre mergulhos de idas e vindas, após emergir e imergir em um contexto dialógico com o aporte teórico manifestou-se possibilidades outras de compreensão para a linguagem que não somente as da comunicação.

O ser humano é corpo; a linguagem se constitui através das relações do corpo com outros corpos; o domínio do corpo perpassa, também, pela configuração de poder, como modo de controle das próprias potencialidades; o corpo é/são complexos que, ao se relacionarem com outros diversos corpos, produzem ações, poder e significações, ou seja, trabalho, categoria interligada ao ser humano, ao corpo e, conseqüentemente, a linguagem. No Coletivo de Autores (2013, p. 35) encontra-se a afirmativa de “[...] que a dimensão corpórea do homem se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade: linguagem, trabalho e poder”.

O segundo percurso foi a identificação do conceito de linguagem a partir das produções científicas da área de educação física entremeadas com as categorias empíricas que brotaram da senda anterior referente à ciência e filosofia da linguagem. Nesta a Comunicação também se fez presente como categoria empírica intitulada de LINGUAGEM-CORPO COMO COMUNICAÇÃO.

Mas tentamos ir um pouco mais além, e percebemos a potencialidade da caracterização da linguagem e outras categorias empíricas se configuraram idiossincraticamente à linguagem, que não é só comunicação, mas linguagem também é ação, emoção, significações simbólicas, poder, cultura, história, que penetra e está imbuída no Ser do Ser social, que influencia e é influenciado pelas compilações características da linguagem. Logo, as categorias empíricas foram concebidas em forma e contexto, a rememorar: LINGUAGEM-CORPO, CULTURA, HISTÓRIA, REALIDADE; LINGUAGEM-CORPO SIMBÓLICO: SIGNO, SENTIDO E SIGNIFICADO; LINGUAGEM-CORPO COMO AÇÃO; LINGUAGEM-CORPO COMO PODER; LINGUAGEM-CORPO: A ESSÊNCIA DO SER; LINGUAGEM-CORPO COMO EMOÇÃO.

Neste reconhecemos que há produções que dialogam com obras de diferentes áreas, que buscam compreender ou situar a relação da área com a

linguagem, a partir das categorias elencadas. No entanto, tais produções se dão quase em sua totalidade para as discussões sobre o termo educação física *and* corp. Assim como, há pouco diálogo com as referências no campo da filosofia, campo que nos permitiria dar saltos qualitativos sobre o tema.

O último percurso compraz o âmbito dos documentos nacionais que serviram de parâmetros para a prática pedagógica no Ensino Médio, conhecidos como PCNs Ensino Médio – Linguagens, Código e suas Tecnologias/Educação Física (2000), bem como, PCN+ Ensino Médio (2002).

Tendo nos PCNs, em pontual, o do Ensino Médio, o alicerce para se pensar linguagem e educação física, mais uma vez poder-se-á supor (redundantemente) mais outros tempos de ostracismos, pois tais documentos não deixam claro o amparo epistemológico que sulearam⁵⁴ a compilação presente nos PCNs. E as entrelinhas dos PCNs denotam uma confusão conceitual. Tanto que se fez necessário a compilação de outro documento⁵⁵ que buscasse esclarecer o porquê do enquadramento da educação física na área de linguagem, já que historicamente a educação física se envolvia no âmbito da saúde e podendo, de certo modo, ser localizada na área Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias⁵⁶.

De acordo com Ladeira e Darido (2003, p. 32) pelos idos de 1970, em São Paulo, foram lançadas “[...] guias curriculares que já incluíam a Educação Física na área de comunicação e expressão”. Mas pensar a linguagem como ponto de partida, expresso em livro, e amplamente divulgado em contexto nacional, encontra-se no Coletivo de Autores (1992) em sua primeira edição.

Três anos após a publicação, da obra anteriormente citada, e em contexto local – Recife, tem-se a produção de especialização *O objeto de estudo da educação física: a expressão corporal como linguagem – o que nos aponta a teoria* (BRASILEIRO, 1995) que se prontificou em analisar conceitualmente os

⁵⁴ Termo utilizado por Paulo Freire para designar o contraponto no contexto ideológico acerca do termo ‘nortear’, em que o Norte é o ponto principal a ser seguido, relegando o Sul a um ponto secundário. “Para Freire era necesario substituir las recetas transplantadas, la auto desvalorización, la auto desconfianza y la inferioridad que amortigua el ánimo creador de las sociedades dependientes” (STRECK; RENDÍN; ZITKOSKI, 2008, p. 484).

⁵⁵ PCN+ Ensino Médio (2002).

⁵⁶ Vale pontuar que na BNCC essa área se desmembra, formando duas áreas.

termos Linguagem Corporal e/ou Expressão Corporal por meio de levantamento de obras existentes nas bibliotecas das principais universidades do município do Recife, chegando à conclusão de que as obras, no pretérito momento, aproximavam-se de um julgamento à visão dual de homem (corpo X mente), mas sobre o contexto da Linguagem Corporal e/ou Expressão Corporal, na época, eram precárias produções na área e fora dela.

Em 2000, os PCNs agregaram como documentos oficiais que dariam (des)orientação acerca da linguagem para a área da educação física. Tamanha foi a não compreensão por parte dos professores que estavam ambientados ao chão da escola que houve a necessidade de, em 2002, compilar um documento “extra” que tentasse abarcar de modo mais apropriado sobre linguagem e o elo com a educação física, os PCN+, em que houve um esforço para explanar, mas ainda assim, não foi suficiente.

Importante destacar que desde 2015 o termo linguagem ganha um espaço mais amplo nas discussões da BNCC, mas seu texto inicial ainda não auxilia nesta reflexão conceitual para uma área que não é expressa apenas pela palavra. Se o fato de esperar por algum documento que oriente a prática pedagógica seja o motivo para a não apropriação dos conceitos sobre linguagem, poder-se-á supor que outros quinze anos vindouros serão de puro ostracismo conceitual.

Mais uma compilação documental está prestes a sair do forno, a BNCC, para ser servida à nação brasileira e, mesmo com a existência de mais de quinze anos dos PCNs e diminutas produções que designassem a correlação entre linguagem e educação física como contexto subjacente à realidade da educação física escolar, faz-se necessário mais pesquisas/estudos que abarquem a relação linguagem e educação física.

Possíveis sugestões aparecem a partir da necessidade de articulações entre linguagem e os conteúdos da cultura corporal presentes na educação física escolar. A título de exemplo: compreender os limites e possibilidades entre linguagem e esportes; linguagem e lutas; linguagem e jogos; linguagem e ginástica. E, penetrando nos pilares da cultura corporal, tomemos o esporte como

exemplo: linguagem e futebol; linguagem e atletismo; linguagem e basquete, dentre tantas outras possibilidades.

A educação física ainda tem muito que vivenciar e beber na fonte da Filosofia da Linguagem para maior compreensão e identificação das possibilidades e das aproximações que possam ofertar para a área.

O ensejo é que a presente pesquisa seja, dentre outras, mais uma contribuição para um maior aprofundamento no que diz respeito à idiosincrasia epistemológica existente com/para/na Linguagem e Educação Física.

REFERÊNCIAS

AGATTI LÜDORF, Silvia Maria. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O CORPO DE SEUS ALUNOS: UM ESTUDO COM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 2, p. 243-256, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/117>. Acesso em: 21 nov. 2016.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões; De Magistro = Do Mestre**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.

ALMEIDA, Felipe Quintão; VAZ, Alexandre Fernandez. DO GIRO LINGUÍSTICO AO GIRO ONTOLÓGICO NA ATIVIDADE EPISTEMOLÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 11-28, maio 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/12485>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ALVES, Flávio Soares; DIAS, Romualdo. A dança Break: corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop. **Motriz**, Rio Claro, v.10, n.1, p. 01-07, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/10n1/07FSAA.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de. OBSERVAÇÃO COMPREENSIVO-CRÍTICA DAS EXPERIÊNCIAS DE MOVIMENTO CORPORAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 55-71, nov. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26491>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ANGHEBEN, Vera Lucia Zamberlan. **A ginástica rítmica na corporeidade dos acadêmicos de educação física**: relações entre o pensar, falar e agir com o corpo. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANTÉRIO, Djavan; GOMES-DA-SILVA, Pierre. Corpo comunicativo: analisando a comunicação corporal por meio da exploração espacial do educador.

Motrivivência, Florianópolis, n. 41, p. 206-222, nov. 2013. Disponível em:

[https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p206)

[8042.2013v25n41p206](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p206). Acesso em: 21 nov. 2016.

ANZAI, Koiti. O CORPO ENQUANTO OBJETO DE CONSUMO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 21, n. 2, maio 2010.

Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/786>>.

Acesso em: 21 nov. 2016.

ARAGÃO, Marta Genú S.; TORRES, Alessandra N.; CARDOSO, Cintia Karine N. Consciência Corporal: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 22, n. 2, jul. 2008. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/416>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de. **Linguagem, intersubjetividade e movimento humano**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____. LINGUAGEM, INTERSUBJETIVIDADE E MOVIMENTO HUMANO.

Motrivivência, Florianópolis, n. 25, p. 105-118, jan. 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4697>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

_____. **Da Interpretação**. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ASCHIDAMINI, Ione M.; SAUPE, Rosita. Grupo Focal. Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 9-14, jan./jun., 2004.

ASSIS, Marília Del Ponte de et al. FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA CENA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO ESPETÁCULO CAMINHO DA SEDA – RAÇA CIA DE DANÇA DE SÃO PAULO. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 449-461, mar. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/47882>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

AUROUX, Sylvain. **A Filosofia da Linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 5. ed. São Paulo: Hucitec & Annablume, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Allan Delmiro. **Linguagem e Educação Física: uma discussão necessária**. 2014. Monografia (Graduação em Educação Física – Licenciatura) – Escola Superior de Educação Física, Universidade de Pernambuco, Recife, 2014.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**, São Paulo, n. 3, p. 25- 45, out.1994.

BEZERRA, Laise Tavares Padilha; PORPINO, Karenine de Oliveira. ENTRE CORPOS REAIS E VIRTUAIS: REFLEXÕES DA DANÇA CONTEMPORÂNEA PARA PENSAR O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p. 107-122, set. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/1115>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 23 fev. 2017.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

_____. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio.** Brasília, 2000.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei n.º 9394/96. Brasília: 1996.

BRASILEIRO, Livia Tenorio. Na dança tanto seu objeto quanto seu instrumento profissional é o próprio corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Florianópolis, SC, v. 35, n. 2, abr. 2013. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1123>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

_____. **Dança – Educação Física:** (in)tensas relações. (Tese de Doutorado). UNICAMP: Campinas, 2009.

BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CAMPOS, Raymundo C. B. **Estudos de História:** moderna e contemporânea. São Paulo: Atual, 1988.

CARVALHO, Heloisa Ivone da Silva de. **Práticas corporais nas comunidades quilombolas:** significados das manifestações culturais na escola de monte alegre.

(Dissertação de Mestrado) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Convite a Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia de Ensino de Educação Física** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 321KB; e-PUB.

COPI, Irving M. **Introdução à Lógica**. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ JUNIOR, Gilson; SILVA, Erineusa Maria da. A (ciber)cultura corporal no contexto da rede: uma leitura sobre os jogos eletrônicos do século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 32, n. 2-4, p. 89-104, dez. 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892010000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

DA SILVA, Liege Monique Filgueiras; PORPINO, Karenine Oliveira. CORPO, BELEZA E CULTURA: REFLEXÕES A PARTIR DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 16, n. 2, jul. 2013. ISSN 1980-6183. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16868>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DAMICO, José. Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 35-67, 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DE OLIVEIRA SANTOS, Gilbert. ALGUNS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA CAPOEIRA, DA LINGUAGEM CORPORAL, DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 30, n. 2, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/440>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DESCARTES, Renne. **Discurso do Método**. Tradução de Enrico Corvisieri [versão eletrônica/ Membros do grupo de discussão Acrópolis]. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b39.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2016.

DIAS, João Carlos Neves de Souza Nunes. Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 620-628, set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

DITTRICH WIGGERS, Ingrid. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 26, n. 3, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/160>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DOS ANJOS, José Luiz. Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 11-30, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/36533>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DUARTE, Leticia Rocha. Educação Física como Linguagem. **Motriz - Revista de Educação Física**. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista-UNESP, Instituto de Biociências, v. 16, n. 2, p. 292-299, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/20819>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

FARACO, Carlos A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FISCHER, Steven R. **Uma breve história da linguagem**. Osasco: Novo Século, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Objeto de estudo da Educação Física: as concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 40, p. 192-206, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n40p192>. Acesso em: 21 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. [s.l.], 2002. Disponível em: www.ciberfil.hpg.ig.com.br. Acessado em: 21 nov. 2016.

GAIARSA, José Ângelo. O corpo fala. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 3, p. 85-90, set./dez. 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n3/Gaiarsa.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GAIGER, Paulo José Germani. **O jogo teatral como perspectiva de desenvolvimento da expressividade e do autoconhecimento de jovens e adultos**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

GARANHANI, Marynelma Camargo. A Educação Física na escolarização da pequena infância. **Pensar a Prática**, v. 5, p. 106-122, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/49/46>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GOMES, Isabelle; CAMINHA, Iraquitan. Guia para estudos de revisão sistemática: opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/41542/28358>. Acesso em: 21 set. 2015.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; ALMEIDA, Júlia Elisa A. de; ANTÉRIO, Djavan. A comunicação corporal no jogo de goalball. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 25-40, fev. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/43323>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; CAVALCANTI, Kátia B.; HILDEBRANDT, Reiner. A poética dos gestos dos jogadores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 27, n. 2, jul. 2008. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/94>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GONÇALVES, Andreia Santos; DE AZEVEDO, Aldo Antonio. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p. 33-51, set. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1083>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GRANDO, Beleni Saléte. Corpo e Cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-MT. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 2, p. 163-180, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/112>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GREGÓRIO, Leiriane Viveiros. **Representações sociais de corpos femininos: a perspectiva de crianças**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade De Brasília, Brasília, 2014.

GREGÓRIO, Leiriane Viveiros; WIGGERS, Ingrid Dittrich; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. "Isso é aula de Educação Física?" Práticas corporais na escola. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/30234>. Acesso em: 21 nov. 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. 2. ed. rev. São Paulo: Centauro, 2005.

KUSSONOKI, Aparecida Queiroz; AGUIAR, Carmem Maria. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 708-712, jul./set. 2009. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20764/WOS000270451700026.pdf?sequence=3>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LACINCE, Nelly; NOBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, dança e criação: conceitos em movimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 239-256, jun. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10678>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LADEIRA, Maria F. T; DARIDO, Suraya C. Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2003.

LADEIRA, Maria Fernanda Telo. **Linguagem e suas possibilidades na educação física escolar**. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

LARA, Larissa Michelle. O sentido ético-estético do corpo na cultura popular e a estruturação do campo gestual. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 111-129, abr. 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3570>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LAW, Stephen. **Guia ilustrado Zahar: filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução: Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LEONTIEV, Alexei. **Actividad, Conciencia, Personalidad**. 1978. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 30 jul. 2011.

LEONTIEV, Alexei N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

LOPES, Joana; MADUREIRA, José Rafael. A Educação Física em jogo: práticas corporais, expressão e arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 27, n. 2, ago. 2008. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/85>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LOURENÇO, Eliane. Os guias Curriculares do Estado de São Paulo nos Anos de 1970: entre a CERHUPE e a CENP. **Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil**, 2008. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/view/5000/3974>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1987.

MACHADO, Sheila da Silva. **“Vivo ou morto?”** O corpo na escola sob olhares de crianças. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MAGALHÃES BARBOSA, Raquel Firmino. Um diálogo sobre a cultura corporal e as dimensões dos conteúdos dentro de uma teia de relações. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 41, p. 281-289, nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p281>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis**. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

MARCASSA, Luciana. Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, v. 7, n. 2, p. 171-186, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/94>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Mário Osório. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Injuí: Unijuí, 1993.

MATHIESEN, Sara Q., et. al. Linguagem, Corpo e Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 2, p. 129-139, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, ago. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6135/4981>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MESQUITA, Rosa Maria. Comunicação Não-Verbal: relevância na atuação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 11, n. 2, p. 155-163, jul./dez. 1997. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v11%20n2%20artigo7.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MINAYO, Maria C. de S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1998.

_____. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 2004.

MORALIS, Edileuza G. **O lugar das concepções de linguagem em diferentes abordagens linguísticas**. Alto Araguaia: UNEMAT/AIA, [20--]. Disponível em: <http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/5.1.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MUNARIM, Iracema. O que podemos aprender com as crianças indígenas? aproximações da antropologia da criança às noções de infância, cultura e movimento na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 375-390, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

NEIRA, Marcos Garcia; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p188/32570>. Acesso em: 20 fev. 2017.

NEPOMUCENO, Marília. O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural. **Pensar a Prática**, v. 13, n. 1, maio 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/7581>. Acesso em: 21 nov. 2016.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. MERLEAU-PONTY: MOVIMENTOS DO CORPO E DO PENSAMENTO. **Vivência**, n. 36, p. 127-136, 2011. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/vivencia/sumarios/36/PDF%20para%20INTERNET_36/11_Terezinha%20Petrucia%20da%20N%C3%B3brega.pdf. Acesso em: 26 dez. 2016.

OTTONI, Paulo. **Visão performática da linguagem**. Campinas: Unicamp, 1998.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares de Educação Física – Ensino Fundamental e Médio**. Recife: Secretaria de Educação/PE, 2013.

PICCININI, Larise; SARAIVA, Maria Do Carmo. A dança-improvisação e o corpo vivido: re-significando a corporeidade na escola. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, set. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/15081>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PINKER, Steven, **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÓN. **Cratilo**: o de la exactitud de los nombres. [edición eletrônica] Escuela de Filosofía Universidad ARCIS. Disponível em: <http://naming.defharo.info/Cratilo-platon-naming.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2016.

PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. [versão eletrônica/ Membros do grupo de discussão Acrópolis]. Disponível em: https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/270797/mod_resource/content/2/platao_gorgias.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2016.

PRADO, Patricia do. **Congada, corpo e cultura na 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário, Catalão – GO**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PRODOCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 227-243, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

RIBEIRO, Álvaro Maurício Moura Paz. **Produção cultural infantil**: Práticas corporais sob a ótica de crianças. (Dissertação De Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre educação física e religião. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 875-894, mar. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/40678>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RODRIGUES, Anegleyce Teodoro. Base Nacional Comum Curricular para a área de linguagens e o componente curricular Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 32-41, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p32/32560>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RODRIGUES FILHO, Abílio. Frege e a filosofia da linguagem. In: Aula Inaugural do Curso de Filosofia da UFSJ, 2009 São João Del Rei. **Aula Magna**. São João Del Rei: UFSJ, 2008. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/vertentes/Vertentes_33/abilio_rodrigues.pdf](#)>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da linguagem**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTIN, Silvino. O corpo simplesmente corpo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 57-73, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2623>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

_____. **Educação Física, outros caminhos**. 2. ed. Porto Alegre: EST/ESEF, 1993.

SANTOS, Marlene de Fátima dos; MARCON, Daniel; TRENTIN, Daiane Toigo. Inserção da Educação Física na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 571-580, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742012000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARAIVA, Maria do Carmo. Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 30, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/540>>. Acesso em: 21 Nov. 2016.

SARTO, Karina Cristofolletti. **Retratos da vida**: dança e lazer como instrumentos de inserção social para a juventude. (Dissertação de Mestrado) – UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA, Piracicaba, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ/ANPAD**. Brasília, DF, nov. 2013. Disponível em:

http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf. Acesso em: 27 dez. 2016.

SILVA, Cinthia Lopes da. **Mediação de sentidos**: aulas compartilhadas no Brasil e em Portugal junto a estudantes de Educação Física. (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA JUNIOR, Valdemar Antônio da. **Corpo e aprendizagem em Boris Cyrulnik e em Merleau-Ponty**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

SILVA, Liege Monique Filgueiras da; PORPINO, Karenine de Oliveira. A produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza: implicações para a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 35, n. 2, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1345>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, Lucas Contador Dourado da; FERREIRA, Alexandre Donizete. Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 665-681, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000300010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, Thays Anyelle Macedo da. **O corpo do grupo corpo**: os movimentos das obras Benguelê, Lecuona e Onqotô. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SIMÃO, Márcia Buss. Educação Física na Educação Infantil: refletindo sobre a "hora da educação física". **Motrivivência**, Florianópolis, n. 25, p. 163-173, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4701>> Acesso em: 21 nov. 2016.

SIQUEIRA, Isabelle Borges; WIGGERS, Ingrid Dittrich; SOUZA, Valéria Pereira de. O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 313-326, jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2016.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl. 2, p.6-12, 1996.

SOARES, Carmem Lúcia; BRANDÃO, Leonardo. Voçã esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 11-26, maio 2012.
Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26466>>.
Acesso em: 21 nov. 2016.

SOARES, Daniela Bento. **O diálogo na educação infantil**: o movimento, a interdisciplinaridade e a educação física. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SOUZA DA SILVA, Eduardo Jorge. A Educação Física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 26, n. 3, jul. 2008.
Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/164>>.
Acesso em: 21 nov. 2016.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et al. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 33, n. 2, ago. 2011. Disponível em:
<<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/676>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; MELO, Marcelo S. T. de; SANTIAGO, Maria E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Revista Movimento (UFRGS. Impresso)**, v. 16, p. 29-47, 2010.

STRECK, Danilo; RENDÍN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TURTELLI, Larissa Sato. **Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento**: uma reflexão a partir de uma Pesquisa bibliográfica. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 2, p. 227-242, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/116/1633>. Acesso em: 21 nov. 2016.

VIGOTSKY, Lev Semionovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. _____. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. _____. 7. ed. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

ZOTOVICI, Sandra Aparecida. **Pés no chão e a dança no coração**: Um olhar fenomenológico da Linguagem do movimento. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.